



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SOCIOECONÔMICO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

Marcela Silva Adam

**O EFEITO DOS LAÇOS FRACOS NA INOVAÇÃO SOCIAL: UM
ESTUDO DE CASO EM UM MOVIMENTO SOCIAL NA CIDADE DE
FLORIANÓPOLIS**

Florianópolis

2023

Marcela Silva Adam

**O EFEITO DOS LAÇOS FRACOS NA INOVAÇÃO SOCIAL: UM
ESTUDO DE CASO EM UM MOVIMENTO SOCIAL NA CIDADE DE
FLORIANÓPOLIS**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Administração.

Orientadora: Prof.^a Helena Kuerten de Salles,
Dr.^a.

Florianópolis

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pela autora, através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Adam, Marcela Silva

O efeito dos laços fracos na inovação social: um estudo de caso em um movimento social na cidade de Florianópolis / Marcela Silva Adam ; orientadora, Helena Kuerten de Salles, 2023.

194 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Socioeconômico, Programa de Pós-Graduação em Administração, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Administração. 2. Inovação Social. 3. Revolução dos Baldinhos. I. Salles, Helena Kuerten de. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Administração. III. Título.

Marcela Silva Adam

**O efeito dos laços fracos na inovação social: um estudo de caso em um movimento social
na cidade de Florianópolis**

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado, em 30/05/2023, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Banca Examinadora:

Prof.^a Júlia Furlanetto Graeff, Dr.^a
Universidade Estadual de Santa Catarina - UDESC

Prof. Renê Birochi, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de mestre em Administração.

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Prof.^a Helena Kuerten de Salles, Dr.^a
Orientadora

Florianópolis, 2023

Dedico este trabalho ao grande amor de minha vida, minha mãe, Maria José Silva (*in memoriam*). Meu exemplo e minha inspiração que lutou bravamente até o fim de sua vida.

"Mas é preciso ter força, é preciso ter raça
É preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo a marca
Maria, Maria mistura a dor e a alegria
Mas é preciso ter manha, é preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre
Quem traz na pele essa marca
Possui a estranha mania de ter fé na vida (...)"
(NASCIMENTO, 1978).

AGRADECIMENTOS

A fome não é apenas um número, a fome é uma realidade que precisa ser combatida. Afinal, "Comer é um ato político" - como pude ouvir por diversas vezes esta expressão da Cíntia ao longo de nossas conversas.

Não consigo mensurar em números ou em palavras a oportunidade de crescimento pessoal e profissional que me foi proporcionada ao adentrar na realidade da comunidade Chico Mendes em Florianópolis.

Uma pequena síntese de alguns dos problemas estruturais que pude vivenciar no território:

O tráfico de drogas dominando as ruelas do bairro iniciando-se na infância e adolescência, sendo responsável por tirar os direitos básicos de quem deveria segurar brinquedos e agora precisa carregar drogas e armas na mochila.

A violência policial exacerbada com os moradores da comunidade. Ao longo desses anos, perdi a conta de quantas vezes passei ao lado de policiais colocando moradores contra a parede ou no chão. No entanto, eu, mulher branca de classe média, nunca sofri tal intervenção.

O desemprego representado pela grande quantidade de moradores, mulheres majoritariamente, sentados nas calçadas do bairro durante o horário comercial. Sabemos que essa prevalência do sexo feminino é marcada por diversos fatores, como a falta de vagas em creches, a ausência da figura paterna, a gravidez precoce, entre tantos outros.

A fome, potencializada pela pandemia do coronavírus em 2020, e a falta de políticas públicas para apoiar a população carente residente das comunidades, a parcela da sociedade mais afetada com a crise de saúde pública no mundo.

Eu poderia escrever um capítulo inteiro sobre a realidade que pude vivenciar, no entanto vou me ater a este breve resumo e iniciar os agradecimentos à Cíntia Aldaci da Cruz, mulher negra, mãe de três filhos, moradora da Chico Mendes que dedica integralmente sua vida aos trabalhos na Revolução dos Baldinhos e na Cozinha Mãe. Esta grande líder comunitária me

proporcionou acesso a conhecimentos de vida, de resistência e de trabalho, além de muita inspiração como um ser humano exemplo a ser seguido.

Agradeço também a Prof^a Dr^a Helena Kuerten de Salles, minha orientadora, que apoia minha jornada acadêmica desde meu trabalho de conclusão de curso até a presente dissertação, por todos os ensinamentos transmitidos e pelo trabalho árduo dedicado a esta pesquisa.

À minha mãe, Maria José Silva (*in memoriam*), mulher simples e guerreira, que fez muitos esforços ao longo de sua vida para me proporcionar acesso à educação.

Ao meu pai, Augusto Adam Netto, por ser uma grande inspiração com sua trajetória acadêmica, há mais de trinta anos dedicando sua vida à academia.

Ao meu namorado, Arthur de Oliveira Dellagiustina, por todo o apoio, paciência e amor proporcionado nesses dois anos de mestrado.

Às minhas sogras, Ana Rosa de Oliveira e Adriane Regina Brock, e sogro, Dionísio Dellagiustina, por todo carinho, amor e apoio concedido a mim nesta jornada. Vocês são uma verdadeira família para mim.

Às minhas amigas e parceiras de mestrado, Maryane Cristina de Souza e Daniella Machado de Carvalho Roschel, pelas nossas trocas de conhecimentos, momentos de lazer, desabafos, compartilhamento de medos e angústias, e sobretudo, pelo apoio incondicional nessa jornada.

Ao recurso institucional fornecido pela CAPES, através da concessão da bolsa de mestrado.

Aos entrevistados que tornaram possível o acontecimento desta pesquisa.

A todas e todos vocês, meus mais sinceros agradecimentos por tornar esta dissertação possível, muito obrigada!



Imagem fotografada pela autora durante a pesquisa de campo em setembro de 2022.

Corredor de entrada do espaço onde fica localizada a Cozinha Mãe, no Conjunto Habitacional Chico Mendes, conhecido pelos moradores como Carandiru. A pintura mural, realizada pelo Pintelute, coletivo de muralismo militante, visa enaltecer o trabalho das mulheres da comunidade na produção de refeições, associando a Cozinha Mãe à Revolução dos Baldinhos, a partir da representação visual dos baldes.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi analisar o efeito dos laços na inovação social a partir do caso da Revolução dos Baldinhos à luz da teoria da força dos laços fracos de Mark Granovetter (1973). Para atingir o referido objetivo, a metodologia foi organizada como uma pesquisa de abordagem qualitativa, a partir da estratégia analítica da triangulação entre as diversas fontes de evidências - entrevistas semiestruturadas, pesquisa documental e observação participante - dada a complexidade territorial do caso. Para a análise de dados, foi utilizada a Análise de Conteúdo de Bardin (2016), além das categorias analíticas definidas a partir das conceituações estabelecidas por Granovetter (1973) para diferenciar laços fortes e fracos. A coleta de dados iniciou-se com a identificação de uma situação na história da Revolução dos Baldinhos que demandou um processo de inovação social, possibilitando, posteriormente, o mapeamento dos atores sociais mais proeminentes envolvidos na resolução do problema comunitário e a identificação da força dos laços de cada um deles. Já na análise dos dados, foi possível descrever os efeitos de cada laço forte e fraco, anteriormente mapeados, na inovação social analisada, a Cozinha Mãe. Desse modo, chegou-se à conclusão de que tanto os laços fracos quanto os fortes possuem o mesmo grau de importância para a inovação social analisada, segundo o relato da Cíntia. No entanto, foi possível identificar algumas diferenças entre as características dos vínculos sociais. Por exemplo, existem distinções quanto aos tipos de recursos e/ou informações disponibilizados pelos laços fracos e fortes, assim como a facilidade ou dificuldade de acesso a eles quanto ao tipo de laço existente. Assim, de acordo com os dados analisados, constatou-se que os laços fracos contribuem com doações de alimentos, dinheiro, promoção de oficinas profissionalizantes e atividades culturais. Enquanto isso, os laços fortes permitem acesso a recursos como mão de obra voluntária para a manutenção das atividades da inovação social. Quando a líder comunitária foi questionada sobre uma possível indisponibilidade dos laços fornecerem os recursos à Cozinha Mãe, constatou-se que, referente aos laços fracos a cozinha solidária teria maiores dificuldades para encontrar outras parcerias que oferecessem as mesmas contribuições. Já relacionado aos laços fortes, verificou-se que a iniciativa de inovação social acessaria, com maior facilidade, os mesmos recursos por intermédio de outros moradores da comunidade. Esses dados encontrados corroboram com os argumentos de Granovetter (1973), uma vez que o autor aponta em seu estudo que os laços fracos são fundamentais para expansão da rede, pois possibilitam acesso a recursos fora do âmbito da rede social mais restrita, interligando círculos diferentes de conhecimento às informações. Já os laços fortes mobilizam recursos

apoiados na solidariedade e na intensidade dos contatos marcados pela curta distância social entre os atores, ocasionando uma sobreposição de informações já conhecidas.

Palavras-chave: Inovação Social. Redes. Força dos Laços Fracos. Revolução dos Baldinhos.

ABSTRACT

The aim of this research was to analyze the effect of ties on social innovation through the case of the Revolução dos Baldinhos in light of Mark Granovetter's (1973) theory of the strength of weak ties. To achieve this objective, the methodology was organized as a qualitative approach, using the analytical strategy of triangulation among various sources of evidence - semistructured interviews, documentary research, and participant observation - due to the territorial complexity of the case. Content analysis, as defined by Bardin (2016), was used to analyze the data, along with analytical categories based on Granovetter's (1973) concepts for differentiating strong and weak ties. Data collection began with identifying a situation in the history of the Revolução dos Baldinhos that required a social innovation process, enabling the mapping of the most prominent social actors involved in solving the community problem and identifying the strength of their ties. During data analysis, the effects of each previously mapped strong and weak tie on the social innovation analyzed, the Cozinha Mãe, were described. Thus, it was concluded that both weak and strong ties have the same degree of importance for the social innovation analyzed, according to Cíntia's account. However, some differences in the characteristics of social ties were identified, such as variations in the types of resources and/or information made available by weak and strong ties, as well as the ease or difficulty of access to them. According to the analyzed data, weak ties contribute through donations of food, money, promotion of professional workshops, and cultural activities, while strong ties provide access to resources such as voluntary labor to maintain the social innovation's activities. When the community leader was asked about a possible unavailability of ties to provide resources to the Cozinha Mãe, it was found that the social kitchen would have greater difficulty finding other partnerships that offered the same contributions among weak ties. In contrast, regarding strong ties, the social innovation initiative would have greater ease accessing the same resources through other community members. These findings corroborate Granovetter's (1973) arguments, as the author points out in his study that weak ties are essential for expanding the network, enabling access to resources outside the restricted social network, linking different circles of knowledge and information. On the other hand, strong ties mobilize resources supported by solidarity and the intensity of contacts marked by short social distance between actors, resulting in an overlap of already known information.

Keywords: Social Innovation. Networks. Strength of Weak Ties. Revolução dos Baldinhos.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Vista aérea do bairro Monte Cristo na região continental de Florianópolis	20
Figura 2 - Conjunto Habitacional Chico Mendes em Florianópolis - Outubro/2012	21
Figura 3 - Ciclo da Coleta (Informativo dos Agentes Jovens)	23
Figura 4 - Leira de compostagem	24
Figura 5 - Gráfico relacionando o número de agentes como voluntários e bolsistas	26
Figura 6 - Número de publicações por ano	31
Figura 7 - Número de artigos por ano	32
Figura 8 - Número de publicações por país ou região	32
Figura 9 - Número de documentos por autor	33
Figura 10 - Número de documentos por filiação a instituições de ensino	34
Figura 11 - Número de documentos por ano de acordo com a revista de origem	34
Figura 12 - Principais abordagens da inovação social	48
Figura 13 - Seis estágios da inovação social	50
Figura 14 - Modelo do processo de inovação social	57
Figura 15 – <i>Framework</i> do processo de inovação social	61
Figura 16 - Heurística conceitual da Inovação Social Transformadora	63
Figura 17 - Tríade proibida	71
Figura 18 - Representação gráfica da força dos laços	72
Figura 19 - Ligações fortes e fracas de Granovetter	73
Figura 20 - Representação visual inicial do primeiro objetivo específico	81
Figura 21 - Representação visual inicial do segundo objetivo específico	83
Figura 22 - Representação visual inicial do terceiro objetivo específico	87
Figura 23 - Representantes da Revolução dos Baldinhos no Terra Madre Itália	94
Figura 24 - Replicação da gestão comunitária em Foz do Iguaçu	95
Figura 25 - Banner da primeira edição do Disco Xepa na Revolução dos Baldinhos	96
Figura 26 - Vinculação da RB à Cepagro no site da FBB	97

Figura 27 - Vinculação da RB à Cepagro no site da Agroecologia.org	97
Figura 28 - Linha do tempo Revolução dos Baldinhos	99
Figura 29 - Conjunto Habitacional Chico Mendes	101
Figura 30 - Edificação do Carandiru com problemas estruturais	102
Figura 31 - Área interna do Carandiru	103
Figura 32 - Representantes da RB, ICOM, Mesa Brasil e Slow Food	104
Figura 33 - Reunião de estruturação Cozinha Mãe	105
Figura 34 - Moradores do Complexo do Monte Cristo	107
Figura 35 - Fila de pessoas na doação de cestas básicas	109
Figura 36 - Cíntia, Jaque e as meninas da costura	111
Figura 37 - Moradoras do Complexo do Monte Cristo	112
Figura 38 - Produção de sopa na Cozinha Mãe	113
Figura 39 - Banner de divulgação do Bazar Vegano	115
Figura 40 - Banners das oficinas remuneradas do Bazar Vegano	116
Figura 41 - Banner do rolezinho na Chico promovido pelo Bazar Vegano Floripa	117
Figura 42 - Ângela Mendes com moradores da comunidade	118
Figura 43 - Logotipo da Cozinha Mãe	119
Figura 44 - Caixa de um minimercado da Chico Mendes	123
Figura 45 - Produtos orgânicos doados pelo MST	125
Figura 46 - Oficina de Educação do Gosto promovida pelo Slow Food	127
Figura 47 - Nuvem de palavras atores sociais da Cozinha Mãe	128
Figura 48 - Gráfico da força dos laços por ator social	142
Figura 49 - Gráfico da força dos laços por categoria de ator social	143
Figura 50 - Gráfico da força dos laços por acesso aos recursos	155

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Resultados busca na <i>Scopus</i>	28
Quadro 2 - Resultados busca mais ampla na <i>Scopus</i>	29
Quadro 3 - Síntese de definições sobre inovações sociais	45
Quadro 4 - Vertentes teóricas predominantes na inovação social	47
Quadro 5 – Dimensões da inovação social CRISES	52
Quadro 6 – Cinco variáveis de análise da inovação social	54
Quadro 7 – Contextualização das variáveis de análise da inovação social	55
Quadro 8 - As dimensões de análise da inovação social de Cloutier	59
Quadro 9 – Cinco tons de mudança e inovação: definições de trabalho	62
Quadro 10 - Síntese dos procedimentos metodológicos	77
Quadro 11 - Perguntas para identificação da força dos laços	86
Quadro 12 - Dimensões e indicadores para análise do efeito dos laços na IS	89
Quadro 13 - Objetivos e ações da Cozinha Mãe conforme Planejamento Participativo	105
Quadro 14 - Síntese dos atores sociais proeminentes da Cozinha Mãe	129
Quadro 15 - Síntese da força dos laços dos atores sociais por dimensão	141

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMMO - Associação Mulheres Empoderadas do Monte Cristo
CAPROM - Centro de Apoio e Promoção do Migrante
CCSI - *Cambridge Centre for Social Innovation*
Cepagro - Centro de Estudos e Promoção da Agricultura de Grupo
CEPSH - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos
CM - Cozinha Mãe
COHAB/SC - Companhia de Habitação do Estado de Santa Catarina
Comcap - Companhia Melhoramentos da Capital
CRAS - Centro de Referência da Assistência Social
CRISES - *Centre de Recherche sur les Innovations Sociales*
CSI - *Center for Social Innovation*
EMES - *Emergence of Social Enterprises in Europe*
EMUDE - *Emerging User Demands for Sustainable Solutions*
EUA - Estados Unidos da América
FBB - Fundação do Banco do Brasil
FTT - Frente Temporária de Trabalho
HEC Montréal - *École des Hautes Études Commerciales de Montréal*
IFRESI - *Institut Fédératif de Recherche sur les Économies et les Sociétés Industrielles*
INSEAD - *Institut Européen d'Administration des Affaires*
IS - Inovação Social
ISESS - *Innovation and Social Entrepreneurship in Social Services*
MDEIE - Programa de Apoio ao Desenvolvimento e Transferência do Ministério do Desenvolvimento Econômico, Inovação e Exportação
MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
NSE - Nova Sociologia Econômica
ONG - Organização Não Governamental
ONU - Organização das Nações Unidas
PANC - Planta Alimentícia Não Convencional
PEV - Ponto de Entrega Voluntária
PHBB - Programa Habitar Brasil
RB - Revolução dos Baldinhos
RQIS - *The Réseau québécois en innovation sociale*

SC - Santa Catarina

SICI - *Harvard Social Innovation Change Initiative Center for Public Leadership*

SMHTDS - Secretaria Municipal da Habitação, Trabalho e Desenvolvimento Social

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TRANSIT - *TRANSformative Social Innovation Theory*

TSI - Teoria da Inovação Social Transformadora

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

UdeM - Universidade de Montreal

UdS - Universidade de Sherbrooke

ULaval - Universidade Laval

UQAC - Universidade de Quebec em Chicoutimi

UQAR - Universidade de Quebec em Rimouski

UQAM - Universidade de Quebec em Montreal

UQO - Universidade de Quebec em Outaouais

WFC - *World Future Council*

CONVENÇÕES

As transcrições das entrevistas não passaram por nenhum tipo de correção gramatical, a fim de evitar a descaracterização da identidade, as particularidades sociais, históricas e econômicas dos sujeitos entrevistados.

Dentro das falas transcritas ao longo da dissertação, existem algumas palavras e termos entre parênteses que representam uma explicação das supressões que ocorreram no diálogo com os entrevistados.

As palavras em **negrito** representam informações muito relevantes na contribuição para a resposta da pergunta de pesquisa.

Os termos em *itálico* sinalizam o uso de língua estrangeira.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	16
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA.....	16
1.2 A PROBLEMÁTICA.....	26
1.3 OBJETIVOS DA PESQUISA.....	27
1.3.1 Objetivo Geral.....	27
1.3.2 Objetivos Específicos.....	28
1.4 JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA DO ESTUDO.....	28
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	32
2.1 REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA DE INOVAÇÃO SOCIAL.....	32
2.2 ORIGEM DA INOVAÇÃO SOCIAL.....	38
2.3 INOVAÇÃO SOCIAL COMO UM CONCEITO EM CONSTRUÇÃO.....	44
2.4 CORRENTES TEÓRICAS DA INOVAÇÃO SOCIAL.....	48
2.5 PRINCIPAIS DIMENSÕES DE ANÁLISE DA INOVAÇÃO SOCIAL.....	51
2.5.1 O ciclo da inovação social de Murray.....	51
2.5.2 O modelo de Tardif e Harrisson.....	53
2.5.3 As variáveis de Buckland e Murillo.....	56
2.5.4 Modelo do processo de inovação social de Rollin e Vicent.....	58
2.5.5 Dimensões de análise da inovação social de Cloutier.....	60
2.5.6 O processo de inovação social de Cunha e Benneworth.....	61
2.5.7 A teoria da inovação social transformadora.....	63
2.6 REDES.....	65
2.6.1 As redes no contexto das inovações sociais.....	66
2.6.2 Definição e diferentes abordagens do estudo das redes.....	69
2.7 A FORÇA DOS LAÇOS FRACOS.....	70
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	77
3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA.....	77
3.2 COLETA E ANÁLISE DOS DADOS.....	79
3.2.1 Coleta e análise de dados referente ao primeiro objetivo específico.....	81
3.2.2 Coleta e análise de dados referente ao segundo objetivo específico.....	84
3.2.3 Coleta e análise de dados referente ao terceiro objetivo específico.....	85
3.2.3.1 <i>Definição da dimensão e indicadores</i>	85
3.2.4 Coleta e análise de dados referente ao quarto objetivo específico.....	90
3.3 PREMISSAS ÉTICAS DA PESQUISA.....	91
4 ANÁLISE DE DADOS.....	93
4.1 RECONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DA REVOLUÇÃO DOS BALDINHOS E	

MAPEAMENTO NA LINHA DO TEMPO DE UMA SITUAÇÃO PROMOTORA DE INOVAÇÃO SOCIAL.....	94
4.2 MAPEAMENTO DOS ATORES SOCIAIS PROEMINENTES ENVOLVIDOS NA MOBILIZAÇÃO COMUNITÁRIA.....	124
4.3 IDENTIFICAÇÃO DA FORÇA DOS LAÇOS ENTRE OS ATORES SOCIAIS PROEMINENTES MAPEADOS E A INOVAÇÃO SOCIAL.....	134
4.3.1 Dimensão Envolvimento.....	135
4.3.1.1 Laços Fracos da dimensão Envolvimento.....	135
4.3.1.2 Laços Fortes da dimensão Envolvimento.....	137
4.3.2 Dimensão Tempo.....	138
4.3.2.1 Laços Fracos da dimensão Tempo.....	139
4.3.2.2 Laços Fortes da dimensão Tempo.....	139
4.3.3 Dimensão Parceria.....	141
4.3.3.1 Laços Fracos da dimensão Parceria.....	141
4.3.3.2 Laços Fortes da dimensão parceria da dimensão Parceria.....	142
4.3.4 Síntese da força dos laços encontradas para cada ator social.....	144
4.4 DESCREVER OS EFEITOS DOS LAÇOS FRACOS E FORTES NA COZINHA MÃE.....	146
4.4.1 Efeito do Laços Fortes na Cozinha Mãe.....	147
4.4.2 Efeito do Laços Fracos na Cozinha Mãe.....	151
4.4.3 Síntese sobre os efeitos dos Laços Fracos e Fortes na Cozinha Mãe.....	157
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	159
5.1 LIMITAÇÕES DA PESQUISA E RECOMENDAÇÕES PARA NOVOS ESTUDOS... 163	
REFERÊNCIAS.....	164
APÊNDICES.....	175

1 INTRODUÇÃO

Para orientar a leitura, esta seção será dividida, primeiramente, com a contextualização do tema da pesquisa, a inovação social (IS), assim como caracterização do objeto como uma IS associando ao estudo sobre a interação entre os indivíduos e a formação de redes através da constituição de laços entre si. Depois, será explorado o caso explorado nesta pesquisa, através da contextualização do surgimento da Revolução dos Baldinhos (RB). Posteriormente, apresenta-se a problemática identificada com a experiência prática da pesquisadora na RB entre 2019 a 2020, além do objetivo geral e específicos da investigação. Ao final, traz-se a justificativa e relevância do estudo para a construção do conhecimento na área de gestão e nas ciências sociais aplicadas.

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

Como forma de contextualizar o tema da presente dissertação, a inovação social, foi realizada uma busca pelo termo "*social innovation*", limitado ao título, palavras-chave e resumo, na base de dados *Scopus*. Essa pesquisa resultou em 2.422 artigos científicos pertencentes às áreas de estudo *Social Sciences* e *Business, Management and Accounting*. Destes resultados, quanto ao recorte temporal, apenas a partir de 2018 os números ultrapassaram 200 publicações ao ano. Destaca-se que esse dado é referente às publicações de inovação social de todas as partes do mundo.

Dentre os artigos encontrados, desde o trabalho mais antigo até o mais recente, existe apenas uma certeza: o conceito de inovação social passou, e ainda passa, por diversas transformações de sentidos e significados ao longo do tempo. Existem autores, como Mulgan (2010, p.51) que indicam a ideia de que “a inovação social é uma área relativamente jovem”. Outros defendem que a IS representa apenas uma nova nomenclatura para práticas que já existiam desde o século XIX, como no livro de William Lucas Sargant, segundo Godin (2012).

A concepção de inovação social utilizada como base na presente pesquisa se alinha à perspectiva de Julie Cloutier que caracteriza a IS como uma nova resposta, para uma situação social insatisfatória, buscando o bem-estar dos cidadãos e das comunidades através de ações que promovam uma mudança duradoura em todos os setores da sociedade. Para alcançar esse

propósito, a inovação social é representada como o resultado da cooperação entre diversos atores para um processo coletivo de construção do conhecimento (CLOUTIER, 2003).

Como um exemplo de inovação social, de acordo com a definição de Cloutier (2003), está a Revolução dos Baldinhos, iniciativa que eu participo como voluntária desde 2019. Assim, através da perspectiva da autora, sustenta-se nesta pesquisa que a Revolução dos Baldinhos pode ser compreendida como uma inovação social, bem como diversos projetos desenvolvidos ao longo da sua história quando observados isoladamente, como por exemplo, o projeto Cozinha Mãe.

A RB surgiu em 2008 em decorrência de um problema de saúde pública, o surto de leptospirose, na comunidade Chico Mendes em Florianópolis, como consequência do excesso de lixo espalhado pelas ruas da região. Essa **situação social insatisfatória** estava relacionada a um sistema de coleta de lixo deficitário que não era capaz de atender a demanda de coleta de resíduos no local. Então, visando o **bem-estar** dos moradores, ocorreram muitas reuniões entre diferentes atores locais com o objetivo de **construir coletivamente uma solução para o problema**. Para atingir esse fim, uma simples desratização da área não cumpriria a função de ser uma **mudança duradoura e solução efetiva**, uma vez que era necessário enfrentar o despejo dos resíduos nas ruas. Assim, os diversos agentes reunidos tiveram a ideia de que o depósito dos resíduos orgânicos em "baldinhos" com tampas, além da educação e conscientização dos moradores sobre o despejo correto do lixo, evitaria o espalhamento de sujeira pelas ruas e o acesso dos animais. De acordo com as correlações realizadas do caso com a definição de IS adotada, apresenta-se a iniciativa de inovação social denominada Revolução dos Baldinhos.

Cabe destacar que, essa **interação entre diferentes atores sociais** que culminou com a criação da RB, apenas foi possível devido à formação de uma **rede social de inovação** que se estruturou entre atores distintos com um objetivo em comum. Buckland e Murillo (2013), com base na variável colaboração intersetorial de seu modelo de análise da IS, afirmam que é incomum uma inovação social existir de forma isolada, com base em um contexto atual em que os diferentes setores da sociedade (privado, público, coletivo e individual) estão cada vez mais interligados por redes e separados por barreiras mais difusas. No entanto, deve-se realçar o fato de que uma inovação social não pode ser reduzida apenas à geração de resultados sociais, uma vez que a inovação social se caracteriza pelo tensionamento das estruturas sociais dominantes. Assim, diferentemente da inovação tecnológica que possui ligação com a matéria, a inovação social destaca-se por sua dimensão não-material (Cajaiba-Santana, 2014). Dentre os aspectos dessa dimensão não-material, destaca-se o modo de organizar da inovação

social. Compreendê-lo pode proporcionar contribuições sobre novas formas organizacionais, tema de interesse do grupo de pesquisa do qual se origina esta dissertação, o Observatório da Realidade Organizacional. Quando se trata de novas formas organizacionais, buscamos, notadamente, evidências que rompem com o modelo burocrático, baseando-se em características substantivas e emancipatórias. Neste contexto, o estudo da inovação social parece ser relevante pois dá especial atenção à interação entre diferentes atores sociais e à construção coletiva de soluções guiada, essencialmente, por uma lógica não mercantil.

Como exemplo dessa interação de atores que resulta em inovações sociais, pode-se citar o próprio caso do surgimento da Revolução dos Baldinhos (RB). Tanto o grupo inicial que estava discutindo como solucionar a questão da proliferação de doenças quanto os primeiros integrantes da RB podem ser caracterizados como indivíduos provenientes de grupos bastante heterogêneos e com círculos de interação diferentes entre si (moradores da comunidade, representantes das associações do Complexo da Chico Mendes, as mulheres da FTT, técnicos do Cepagro, profissionais do Centro de Saúde do Monte Cristo, entre outros). Esses agentes de diferentes origens e interações esporádicas são recursos importantes na expansão da rede social, conforme afirma Granovetter (1973). Para o autor, a rede social pode ser definida como “um dispositivo para representar a estrutura social que descreve as pessoas como pontos e as relações como linhas de conexão” (Granovetter, 1976, p. 1287). Essas linhas de conexão são estudadas pela abordagem da força dos laços sociais.

A abordagem dos laços fortes e fracos de Granovetter está situada dentro no arcabouço teórico da Nova Sociologia Econômica (NSE), a qual pode ser definida como a continuação da sociologia econômica do início do século XIX. A NSE é a união entre a análise sociológica com a econômica para explicar os fatos socioeconômicos de forma mais desenvolvida quando comparado com aquela explicitada pela teoria econômica tradicional (STEINER, 2006).

Mark Granovetter destaca-se como um dos principais autores da Nova Sociologia Econômica devido suas contribuições a esse campo de estudos. Inclusive, foram os trabalhos desse autor, desenvolvidos no final dos anos 1970, que marcaram a transição entre a Sociologia Econômica, proposta por Karl Polanyi, para a Nova Sociologia Econômica. Conforme pontua Granovetter (1973) esta nova abordagem trata a ação econômica como um processo vinculado às redes de relações e ao contexto social, ou seja, os atores sociais não agem como partículas isoladas, desvinculadas de uma rede social, pelo contrário, suas ações estão inseridas em sistemas complexos de relações sociais. Assim, essa nova abordagem da sociologia econômica pode ser considerada uma maneira mais apropriada de explicar os

fenômenos, uma vez que se baseia na análise sociológica para explicar as formas alternativas de ação (STEINER, 2006).

Essas contribuições de Granovetter para a NSE, que enfatizam a importância das redes sociais na ação econômica, também tornam-se relevantes para a análise da inovação social (IS), objeto desta pesquisa, uma vez que proporciona uma lente teórica capaz de analisar a interação dos atores no processo de IS.

Já como forma de esclarecer o contexto histórico e geográfico da inovação social estudada, a Revolução dos Baldinhos, expõe-se um resumo do contexto de expansão urbana, nas últimas décadas do século XX no território. Ao longo dos anos, surgiram inúmeros processos de ocupação territorial de pessoas carentes em áreas periféricas das cidades, além de projetos de construção de conjuntos habitacionais populares em todo o Brasil. Na cidade de Florianópolis, em Santa Catarina (SC), tal fato ocorreu de modo semelhante. Um exemplo dessa situação foi a origem e crescimento do bairro Monte Cristo, local onde fica situada a Revolução dos Baldinhos, na região continental da capital do estado.

Há um grande número de moradores que se mudaram para o bairro Monte Cristo entre 1970 e 1990. Esses cidadãos, em sua grande maioria, relatam a vinda do interior de SC, sendo bastante mencionada a região oeste e planalto serrano, em função das condições de vida precárias em suas cidades natal e a busca de melhores oportunidades em Florianópolis:

"Florianópolis, enquanto centro político e administrativo, tem atraído um grande contingente populacional, na maior parte, oriundo do interior do Estado. Esse fenômeno ocorre em função das precárias condições de vida no campo onde, em geral, essa população se constitui de mão-de-obra barata, não dispondo da propriedade de terra, infra-estrutura e de serviços básicos Sem acesso à compra de lotes urbanos ou sem condições de locação de moradia, estas famílias vêm ocupando áreas públicas ou privadas, resultando no aumento de "favelas". Além disso, com baixo nível de escolaridade e com pouca ou nenhuma qualificação profissional, encontram dificuldades para inserção no mercado de trabalho" (PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS, 2000).

O estudo de Peres (1994) apontou que 38% dos residentes da comunidade Chico Mendes são provenientes de áreas rurais. Esse fato é justificado pela crise da agricultura, a partir dos anos 1970, aliado à falta de investimentos para as atividades rurais, resultando na migração de famílias do campo para a cidade em busca de trabalho. Através do cenário exposto, é possível também destacar que parte da origem da carência habitacional e

ocupações irregulares no Brasil deve-se à ausência de políticas públicas efetivas voltadas ao incentivo da permanência nas áreas rurais.

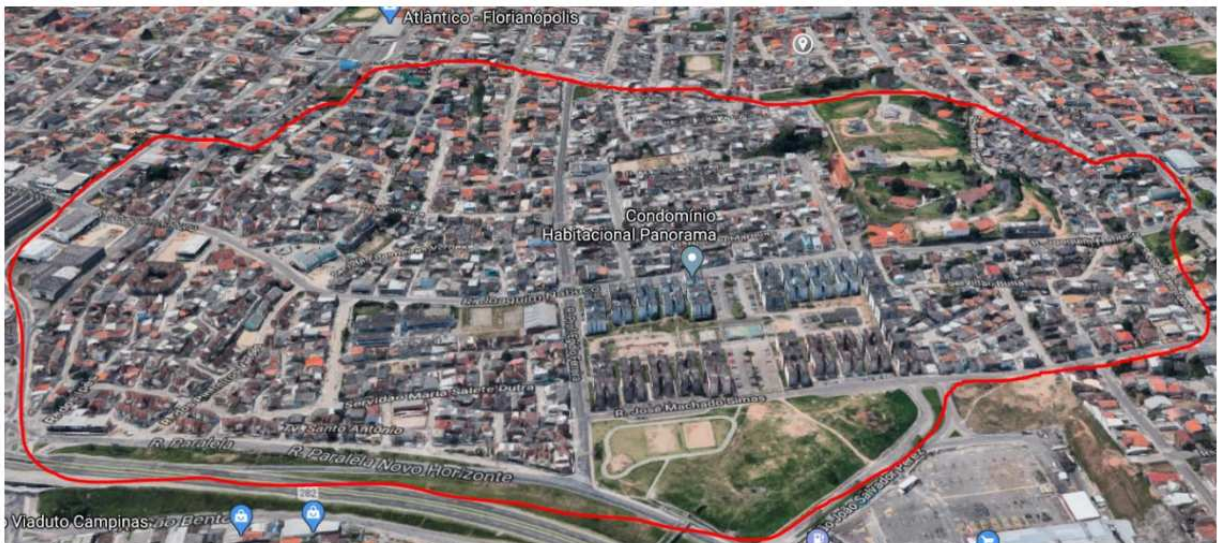
Assim, como exemplo desse movimento populacional campo-cidade, a chegada de pessoas ao bairro Monte Cristo gerou uma ocupação irregular dos espaços. Esse processo não aconteceu sem gerar consequências negativas à própria comunidade, como a urbanização desordenada, falta de infraestrutura, déficit habitacional, ausência de saneamento básico e de serviços de assistência, como coleta e tratamento de resíduos. De acordo com Alves (2009), o panorama histórico de ocupações espontâneas e desordenadas dos três sub-bairros que formam o Complexo do Monte Cristo ocorreram em momentos diferentes. A comunidade Nossa Senhora da Glória surgiu em meados de 1970, já a Novo Horizonte e a Chico Mendes foram originadas no final de 1980.

O terreno das duas últimas comunidades citadas pertenciam a Companhia de Habitação do Estado de Santa Catarina (COHAB/SC), resultando em lutas e movimentos de resistência com a reivindicação da posse e permanência no local, assim como melhorias na infraestrutura e qualidade de vida. No conflito, os moradores contaram com o apoio do Movimento Sem Terra (MST) e do Centro de Apoio e Promoção do Migrante (CAPROM). Com o passar dos anos, foram demarcadas as ruas e criados os espaços comunitários, assim como a conquista de alguns serviços de atendimento à saúde e educação, capazes de atender apenas parte da grande população local.

Cabe ressaltar que, o bairro Monte Cristo, com aproximadamente 8.100m², teve grande protagonismo de mulheres como lideranças em seu processo de ocupação e lutas por moradia ao longo da história. Todos esses dados históricos refletem e impactam diretamente nas estatísticas capturadas sobre o bairro em questão. Segundo dados do último Censo realizado no Brasil, em 2010, o Monte Cristo possuía uma população de mais de 12.707 pessoas vivendo em 3.822 domicílios, representando o bairro de Florianópolis com maior número de moradores por residência.

Para reduzir esse déficit habitacional na região, a Prefeitura Municipal de Florianópolis fez intervenções pontuais em territórios de ocupação entre 1978 até 1998. Nesses 20 anos, ações realizadas no bairro Monte Cristo deram origem a novas comunidades ou sub-bairros. Além da Novo Horizonte, Nossa Senhora da Glória e Chico Mendes, formaram-se outras comunidades, como: Nova Esperança, Promorar, Santa Terezinha I e II, Panorama e Pasto do Gado, que podem ser visualizadas na área demarcada da figura 1. No entanto, não é possível unificar em um único momento o processo de ocupação do bairro, uma vez que cada comunidade que o compõe possui um histórico de formação diferente entre si.

Figura 1 - Vista aérea do bairro Monte Cristo na região continental de Florianópolis



Fonte: *Google Maps*

Cabe ressaltar que, o objetivo dessas intervenções era prover habitações populares às famílias em situação de vulnerabilidade social através da Secretaria Municipal da Habitação, Trabalho e Desenvolvimento Social (SMHTDS). Segundo o estudo de Pereira (2005), a prefeitura iniciou suas ações na comunidade Chico Mendes em 1994, em decorrência dos problemas vivenciados no local. Nessa época, a comunidade já possuía a associação de moradores solicitando melhorias, principalmente de infraestrutura, e reivindicando o direito à terra. Essa reivindicação foi marcada por disputas territoriais entre a população que se instalou no local e a prefeitura, pois, à medida que os moradores ocupavam a área, eles demarcavam o espaço e os referiam como comunidade para impor resistência frente ao poder público.

Em virtude desse cenário, a região recebeu recursos do Programa Habitar Brasil (PHBB), que por sua vez, captou apoio financeiro da União, Caixa Econômica Federal e Prefeitura para viabilizar os trabalhos. Suas ações compreenderam os sub-bairros Nossa Senhora da Glória, Novo Horizonte e Chico Mendes integrando o Complexo Chico Mendes. Em termos de resultado, segundo a Prefeitura Municipal de Florianópolis (2000), foram construídas 425 unidades habitacionais no Complexo. Atualmente, não há viabilidade espacial para a expansão da área que possui alto adensamento populacional através dos conhecidos "puxadinhos", que representam uma ampliação irregular das residências para comportar um número maior de moradores, conforme demonstrado na figura 2.

Figura 2 - Conjunto Habitacional Chico Mendes em Florianópolis - Outubro/2012



Fonte: Retirada do *site* Questões dos Países em Desenvolvimento

No entanto, como destacado anteriormente, apenas uma parte do déficit habitacional foi resolvido, pois a alta concentração de pobreza na comunidade favorece a moradia de diversas gerações de uma mesma família na mesma residência. Aliado à situação de vulnerabilidade social das famílias que habitam a Chico Mendes, o território foi lócus, no ano de 2008, de um problema de saúde pública.

A falta de estrutura de saneamento básico somada à abrangência parcial da Companhia Melhoramentos da Capital (Comcap) na coleta de lixo da região ocasionaram em um excesso de resíduos depositados nas ruas e a proliferação de doenças, em razão das sacolas serem reviradas e rasgadas por animais. Segundo Alves (2009), como forma de solucionar esse problema, foram realizadas reuniões entre as lideranças comunitárias e técnicos da prefeitura que resultaram na criação da Comissão do Meio Ambiente em 1994. A mesma era formada por moradores das comunidades Chico Mendes, Novo Horizonte e Nossa Senhora da Glória, que foram instruídos a orientarem os demais habitantes da região sobre a destinação adequada do lixo. Posteriormente, em 1998, a Comissão, novamente em conjunto com a prefeitura, elaborou um projeto intitulado Frente Temporária de Trabalho (FTT), com o objetivo de promover a prestação de serviços de limpeza e educação ambiental através de ações de sensibilização para melhorar a limpeza da comunidade e a preservação do meio ambiente.

A contaminação mais comum enfrentada pelos moradores da comunidade era a leptospirose, infecção causada pela exposição à urina contaminada dos ratos, que levou a óbito moradores do bairro em 2008. Visto essa situação, diversos atores sociais se reuniram para buscar uma solução para o problema. Dentre eles, estavam as mulheres da Frente Temporária de Trabalho, que já atuavam no complexo desde 1998, o Centro de Estudos e Promoção da Agricultura de Grupo (Cepagro), profissionais do Centro de Saúde do Monte Cristo e representantes das associações do Complexo da Chico Mendes. Como resultado dessas reuniões, chegou-se a conclusão que para impedir o problema de saúde pública era necessário evitar o despejo de lixo nas ruas e não apenas uma desratização da área (ALVES, 2009).

Além de medidas preventivas, como a conscientização dos moradores sobre o despejo correto do lixo, os agentes comunitários também concluíram que depositar os resíduos orgânicos em “baldinhos” com tampa possibilitaria a reciclagem desse material e evitaria o acesso de animais. Assim, surge a Revolução dos Baldinhos com suas primeiras representantes, Eunice Brasil e a Rose Helena Oliveira Rodrigues, integrantes do 22º grupo de trabalhadores da FTT, que com o auxílio de técnicos do Cepagro, começaram a fazer a sensibilização das famílias entregando pequenos baldes para armazenamento dos resíduos orgânicos para, posteriormente, depositar nos chamados Pontos de Entrega Voluntária (PEVs) mais próximos de suas casas. Os resíduos orgânicos depositados nos PEVs passaram a ser coletados semanalmente e destinados às composteiras construídas no pátio da Escola Estadual América Dutra Machado (ALVES, 2009).

A metodologia ou o Ciclo da Coleta (figura 3) é composta por diversas etapas: formação de um grupo comunitário que se responsabiliza pela coordenação da gestão dos resíduos, sensibilização das famílias, aplicação das técnicas de compostagem e incentivo da agricultura urbana com o uso do composto orgânico.

Figura 3 - Ciclo da Coleta (Informativo dos Agentes Jovens)



Fonte: Acervo da autora

De forma mais detalhada, o primeiro passo, a sensibilização, ocorre nas casas das famílias através da instrução de como separar os resíduos orgânicos de forma correta, assim como a importância desse ato. Posteriormente, os restos de comida passam a ser armazenados nos baldinhos que são coletados e levados para o pátio de compostagem da escola. Então, os resíduos são despejados nas leiras e colocam-se palhas e serragens por cima para a compostagem iniciar (figura 4). O processo biológico de decomposição conta com condições físicas e químicas ideais, com fatores de porosidade, teor de oxigênio, umidade e principalmente a temperatura da leira. O período de tempo necessário para formar o adubo é de aproximadamente seis meses. Após esse tempo, o material é levado até a peneiração para depois ser ensacado e distribuído às famílias que separam as matérias orgânicas e depositam nos PEVs. A outra parte do material é comercializada com o objetivo de gerar renda para manutenção das atividades da RB. Esse trabalho, em sua maioria, é realizado por agentes da própria comunidade, variando entre bolsistas e voluntários.

Figura 4 - Leira de compostagem



Fonte: Acervo da autora

Cabe destacar que, a RB não atua somente na compostagem dos resíduos orgânicos, mas também trabalha no ciclo completo da matéria orgânica e na busca por direitos básicos de infraestrutura, saúde, educação e emprego para a comunidade na qual está inserida, constituindo-se como uma importante ferramenta na busca de melhorias locais.

Como marco histórico, dentro dessa atuação da Revolução dos Baldinhos no ciclo completo da matéria orgânica, surge em 2018 um projeto complementar à compostagem dos resíduos, denominado como Cozinha Mãe (CM). A CM surgiu com alguns objetivos: sensibilizar os moradores da comunidade sobre o funcionamento do ciclo completo do alimento, educação sobre reaproveitamento, cursos e formações para microempreendedores comunitários, entre outros.

A Cozinha Mãe está localizada no interior do Conjunto Habitacional Chico Mendes, também conhecido como Carandiru, e foi construída a partir da transformação de um espaço ocioso no térreo do prédio, por meio de uma reforma colaborativa que contou com uma ampla mobilização da comunidade. Sua inauguração ocorreu em agosto de 2018 e contou com o apoio financeiro do fundo da Usina do Hambúrguer e do ICOM, além de doações de mão de obra, alimentos e equipamentos por parte de voluntários e parceiros, como o Projeto Caracol do Slow Food.

Desde então o espaço da Cozinha Mãe era utilizado no desenvolvimento de algumas ações, mas com o agravamento da pandemia da COVID 19 em março de 2020, as atividades na CM foram especialmente intensificadas abrangendo, além da formação e educação alimentar, produção e distribuição de refeições. Essa intensificação das atividades ocorreu em resposta à necessidade emergente de segurança alimentar, devido à crise socioeconômica provocada pelas consequências da pandemia, quando, segundo a líder comunitária da RB, iniciou-se um movimento de mães e pais residentes no Complexo do Monte Cristo pela busca de alimentos na porta da Escola de Educação Básica América Dutra Machado. A fim de suprir essa demanda decorrente da mobilização dos moradores locais, ocorreu uma parceria entre a Cíntia (líder comunitária da RB), a Karla (diretora da escola) e a Jaqueline (tesoureira da escola) para, então, buscar uma solução para o enfrentamento da fome na comunidade.

1.2 A PROBLEMÁTICA

De 2019 até 2020, participei de um projeto de extensão universitária da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) que atuou na Revolução dos Baldinhos (RB) e contou com diversas idas à campo, observações, rodas de conversa, *brainstormings* e planos de ação nas demandas identificadas no local.

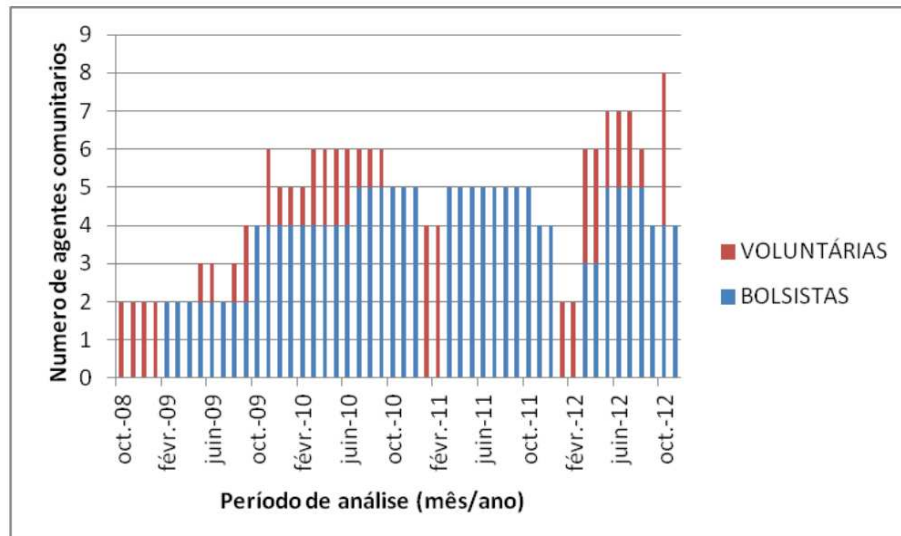
Ao longo dos meses, a presidente da RB fez o relato de diversos problemas históricos que haviam acontecido no decorrer dos anos na associação: alta rotatividade de bolsistas e funcionários, rupturas de parcerias, perda de bolsas de trabalho, pouco sentimento de pertencimento da comunidade pela RB, entre outros.

Quanto ao primeiro ponto, rotatividade de bolsistas e colaboradores, a figura 5 ilustra a oscilação do número de agentes, remunerados ou não, atuando na RB durante o período de 2008 até 2012. Nos anos que sucedem a essa figura, mais precisamente entre 2019 até 2020, a oscilação continuou acontecendo. Destaca-se que, os acontecimentos relatados abaixo ocorreram em um momento em que a RB encontrava-se sem nenhum parceiro governamental ou privado externo que pudesse auxiliar nos trabalhos. Inclusive, na mesma época, uma moradora local que auxiliava nas atividades administrativas desligou-se de suas funções.

Pude constatar, quando estava presente no campo em razão do projeto de extensão, que em determinados períodos a RB funcionou apenas com o trabalho da líder comunitária e seu cônjuge que dividiam-se entre todas as tarefas necessárias para manter a organização ativa: a coleta de resíduos, virada do material das leiras, ensacamento do adubo, venda dos produtos, trabalhos administrativos e a atuação em projetos específicos, como a Cozinha Mãe

e o brechó. Passados alguns meses, a presidente da associação conseguiu recrutar dois moradores do bairro, desempregados na época, para trabalhar na coleta dos resíduos orgânicos e no tratamento das leiras. Um desses colaboradores, devido a problemas com dependência química, não se manteve por muito tempo no trabalho, reiniciando o ciclo de rotatividade.

Figura 5 - Gráfico relacionando o número de agentes como voluntários e bolsistas



Fonte: Abreu (2013)

Outro ponto que merece destaque é a flutuação de parcerias da Revolução dos Baldinhos com organizações externas à comunidade, como empresas privadas, públicas, sem fins lucrativos e o próprio Estado. Assim, percebe-se que muitos laços foram iniciados, rompidos e retomados ao longo da sua história. Com base nesse contexto, surgiu a inquietação de compreender: **Qual o efeito dos laços na inovação social?**

1.3 OBJETIVOS DA PESQUISA

1.3.1 Objetivo Geral

Para responder a problemática identificada no campo, desenvolveu-se o seguinte objetivo geral da dissertação: **Analisar o efeito dos laços na inovação social a partir do caso da Revolução dos Baldinhos.**

1.3.2 Objetivos Específicos

Da mesma forma, a fim de guiar o atingimento do objetivo geral através de etapas menores, determinam-se os objetivos específicos para a pesquisa:

- Reconstituir a história da Revolução dos Baldinhos a fim de identificar em sua linha do tempo uma situação que demandou um processo de inovação social;
- Mapear os atores sociais proeminentes envolvidos na situação identificada;
- Identificar a força do laço entre cada ator social proeminente mapeado e a inovação social;
- Descrever os efeitos dos laços fracos e fortes na inovação social.

1.4 JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA DO ESTUDO

Conforme já abordado na problemática, o anseio pelo tema desenvolveu-se durante o período em que atuei como bolsista de um projeto de extensão da UFSC na Revolução dos Baldinhos. Nesta experiência, foi possível observar todo o contexto por trás de uma iniciativa de inovação social.

Cabe destacar que, decorrente do seu contexto de surgimento, a Revolução dos Baldinhos, além de caracterizar-se como uma organização sem fins lucrativos, enquadramento jurídico de associação, também pode ser identificada como uma inovação social, visto suas particularidades de surgimento e atuação em seu território.

Além disso, com a minha inserção no grupo de pesquisa Observatório da Realidade Organizacional, o debate sobre as novas formas organizacionais foi impulsionado. Logo, este trabalho caracteriza-se como uma continuidade dos estudos do grupo de pesquisa, contribuindo na construção de conhecimentos sobre as particularidades das formas alternativas de gestão. Aliado a essas informações, esta dissertação também pretende contribuir com a discussão sobre as implicações das redes sociais e da força dos laços estabelecidas entre os atores, assim como sua influência na manutenção das atividades das organizações de inovação social.

Mulgan (2006) acrescenta que as organizações de inovação social têm interesses e objetivos distintos, de acordo com o contexto em que estão inseridas, diferentemente das iniciativas de inovação tradicional. Assim, levando em consideração que a construção de

conhecimentos sobre inovação social está em constante atualização, esta dissertação visa contribuir com os debates, mais especificamente na perspectiva da gestão sobre o tema.

Dessa forma, serão estudados no referencial teórico os **processos e dimensões de uma inovação social** através de sete modelos de análise sobre o tema de pesquisa. Apesar de sustentarem diferentes perspectivas, esses modelos têm em comum a **rede de atores como elemento central do estudo da inovação social**. Para entender esse funcionamento, é preciso estudar a análise dessa rede de atores, que por sua vez, pressupõe um fluxo constante de **entrada e saída dos indivíduos**, que pode ser explicada através de muitas construções teóricas, dentre elas a **força dos laços** entre os atores sociais.

Esse é um dos motivos pelos quais a presente dissertação se mostra relevante para a comunidade científica, visto a lacuna de pesquisa identificada sobre estudos explorando a rede de atores em uma inovação social, em especial quanto à força dos laços. Como meio de verificar o cenário de estudos sobre o tema no panorama mundial, foram realizados levantamentos na base de dados *Scopus*, a partir da combinação dos principais termos que remetem ao campo do conhecimento, sem recorte temporal. Assim, algumas combinações foram realizadas, como o termo "*social innovation*", utilizado para capturar os resultados da inovação social, em conjunto com a expressão "*weak tie**" (laços fracos), assim como suas correlatas "*granovetter*", "*strength of weak tie**" e "*new economic sociology*".

A busca desses termos foi limitada ao título, resumo e palavras-chave como estratégia para encontrar leituras de maior assertividade com o tema procurado. Logo, foi utilizado o operador booleano "*AND*" com o intuito de somar as duas combinações. Apenas a primeira variação resultou em um artigo, intitulado de "*Floating down the river: Vietnamese community-led social innovation*" ou "Flutuando rio abaixo: inovação social liderada pela comunidade vietnamita". No entanto, a abordagem de Granovetter utilizada neste material não era a força dos laços fracos, mas sim o enraizamento ou *embeddedness*, reforçando a escassez de pesquisas vinculando IS e laços fracos. Com os resultados do quadro 1, pode-se realçar a baixa quantidade de trabalhos acadêmicos debruçando-se sobre os efeitos dos laços fracos na inovação social.

Quadro 1 - Resultados busca na *Scopus*

Termos	Booleano	Termos	Resultados encontrados
"social innovation"	AND	"granovetter"	1
"social innovation"	AND	"weak tie*"	0
"social innovation"	AND	"strength of weak tie*"	0
"social innovation"	AND	"new economic sociology"	0

Fonte: Elaborado pela autora

Para ampliar a busca acima, decidiu-se aumentar o universo da pesquisa dentro da *Scopus*. Além do título, palavras-chave e resumo, foi selecionado o campo de busca "*All fields*" que engloba todas as categorias possíveis de serem exploradas dentro da base de dados (quadro 2). Os filtros utilizados foram apenas artigos científicos do campo de conhecimento "*Social Sciences*" e "*Business, Management and Accounting*", novamente sem recorte temporal.

Quadro 2 - Resultados busca mais ampla na *Scopus*

Termos	Booleano	Termos	Resultados encontrados
"social innovation"	AND	"granovetter"	415
"social innovation"	AND	"weak tie*"	260
"social innovation"	AND	"strength of weak tie*"	218
"social innovation"	AND	"new economic sociology"	22

Fonte: Elaborado pela autora

Os trabalhos encontrados com a adoção de filtros mais amplos resultaram em um número mais significativo de artigos, no entanto devido aos abrangentes critérios de pesquisa precisarão passar por uma revisão minuciosa, com a leitura integral de títulos, resumos e textos, para identificar a correlação com o tema de interesse.

Para entender melhor essa lacuna, após diversas leituras sobre as possíveis construções teóricas capazes de explicar os fenômenos que acontecem em uma rede de atores sociais dentro de uma iniciativa de inovação social, será seguida a sugestão de Bataglin et. al., (2021), que argumenta sobre a abordagem da NSE como capaz de trazer contribuições importantes para a análise do efeito dos laços fracos na inovação social.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico da presente dissertação inicia-se por uma revisão sistemática da literatura sobre inovação social para contextualizar o estado da arte do assunto no cenário acadêmico mundial. Depois, faz-se uma contextualização teórica sobre a origem do termo sendo, posteriormente, realizado um resgate do conceito de inovação social com base em centros de pesquisas renomados e pesquisadores considerados referência na temática. Com o intuito de conhecer sobre as suas diferentes abordagens da IS, também é explorada as vertentes teóricas predominantes. Em seguida, são investigadas as principais dimensões de análise da IS com base em uma pesquisa bibliográfica.

A fundamentação teórica ainda contempla as redes no contexto de uma inovação social de forma a explorar suas diversas intersecções, assim como as conexões com a teoria da força dos laços fracos de Mark Granovetter, pertencente à abordagem da Nova Sociologia Econômica. Assim, essas correlações entre IS, redes e laços fracos serão argumentadas e desenvolvidas com o objetivo de sustentar a análise do problema de pesquisa.

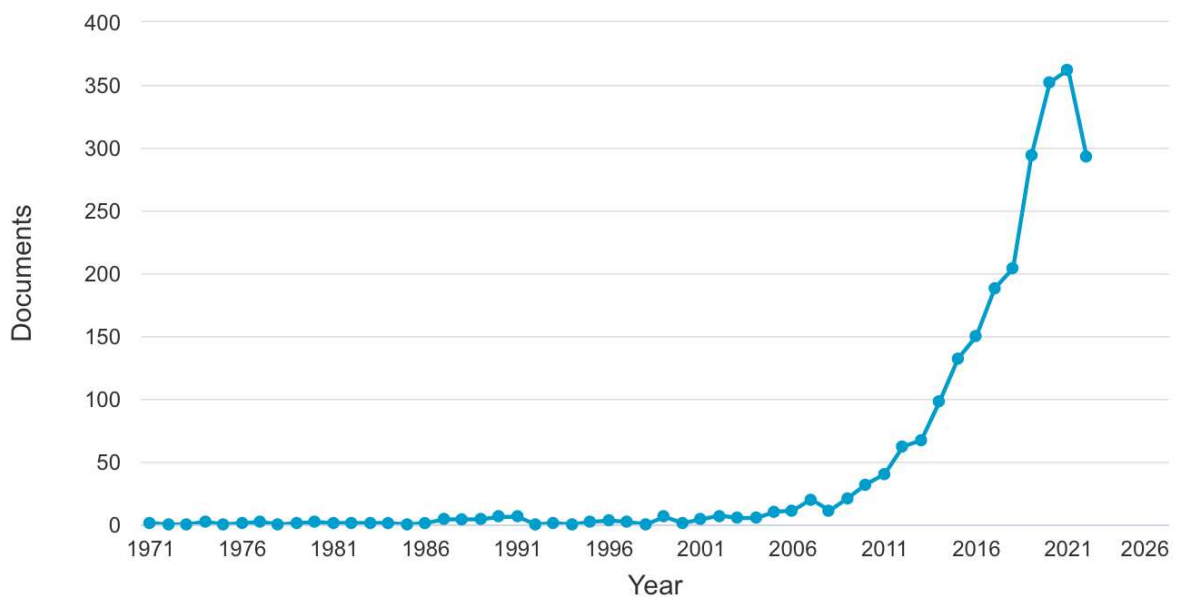
2.1 REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA DE INOVAÇÃO SOCIAL

A fim de encontrar a representatividade do conceito de inovação social no panorama das pesquisas acadêmicas internacionais, foi realizada uma revisão da literatura do termo para entender o cenário de publicações ao longo dos anos, os autores de destaque, os países mais influentes no assunto, dentre outras variáveis de análise. Para o levantamento da literatura, utilizou-se a base de dados *Scopus*, porque indexa artigos de revistas bem ranqueadas nas áreas de gestão e ciências sociais, gerando uma boa confiabilidade dos resultados, uma vez que é considerada a maior base de dados de resumos e citações revisada por pares. Além disso, a *Scopus* oferece também uma ferramenta bibliométrica para análise automática dos resultados encontrados com a criação de gráficos e outras estatísticas.

Dessa forma, com o banco de dados definido, foi filtrado por título, palavras-chave e resumo, o termo "*social innovation*" encontrando 4.979 resultados. Posteriormente, foi aplicado o filtro de tipo do documento para somente artigos, retornando 3.012 trabalhos. Depois, os achados foram filtrados para a área "*Business, Management and Accounting*" e "*Social Sciences*" resultando em 2.421 artigos que pautaram as análises dos parágrafos seguintes.

Importante ressaltar que esta revisão da literatura foi realizada no dia 11 de agosto de 2022. Por isso, como o ano ainda não estava completo no dia da coleta dos dados, apesar do alto crescimento do número de publicações sobre IS demonstrado na figura 6 a partir do ano de 2009 até a atualidade, é possível verificar uma queda dos artigos em 2022.

Figura 6 - Número de publicações por ano sobre IS



Fonte: *Scopus* (2022)

Observa-se na figura 7, o crescimento do número de investigações que abordam o tema da inovação social. O primeiro estudo foi publicado em 1971, denominado "*Planning as education and social innovation*" de Maurice Broady. Nos primeiros nove anos, ou seja, até o final do ano de 1980, as publicações somaram apenas 9 artigos científicos. O cenário já é bastante diferente nos dias atuais em que os últimos nove anos de publicações totalizam 2.140 trabalhos no cenário internacional. Apenas em 2022, data da coleta de dados na *Scopus*, somam-se 293 artigos e o número cresce ano após ano, desde 2013, como demonstrado abaixo. A única exceção ocorreu de 2020 para 2021 quando a quantidade de publicações diminuiu em 10 artigos científicos.

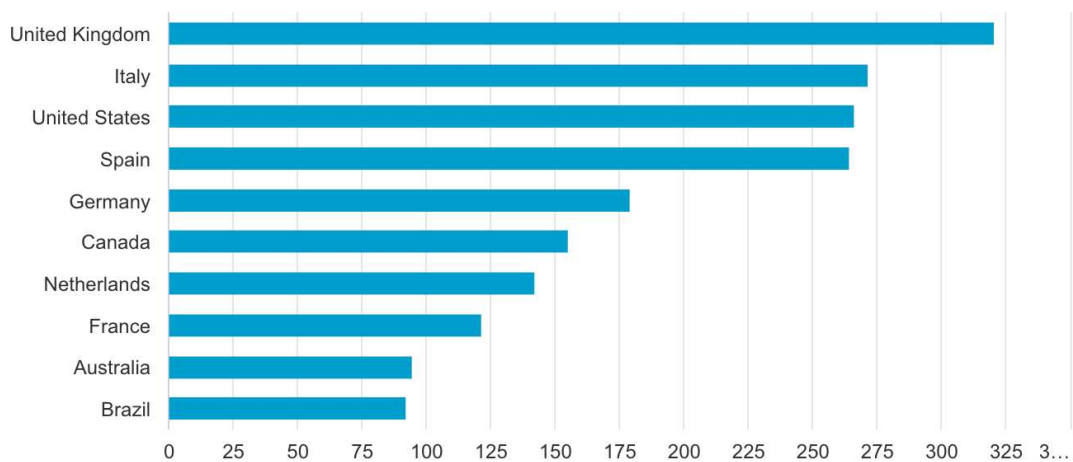
Figura 7 - Número de artigos por ano

Year ↑	Documents ↑	Year ↓	Documents ↑
1971	1	2022	293
1972	0	2021	362
1973	0	2020	352
1974	2	2019	294
1975	0	2018	204
1976	1	2017	188
1977	2	2016	150
1978	0	2015	132
1979	1	2014	98
1980	2	2013	67

Fonte: *Scopus* (2022)

Na figura 8, observa-se a alta concentração de estudos sobre inovação social em países desenvolvidos, como Reino Unido, Itália e Estados Unidos com 320, 271 e 266 documentos, respectivamente. O Brasil aparece na 10ª posição com 92 artigos, caracterizando-se como o país latino-americano com maior número de pesquisas sobre o tema, seguido pela Colômbia com 44 registros.

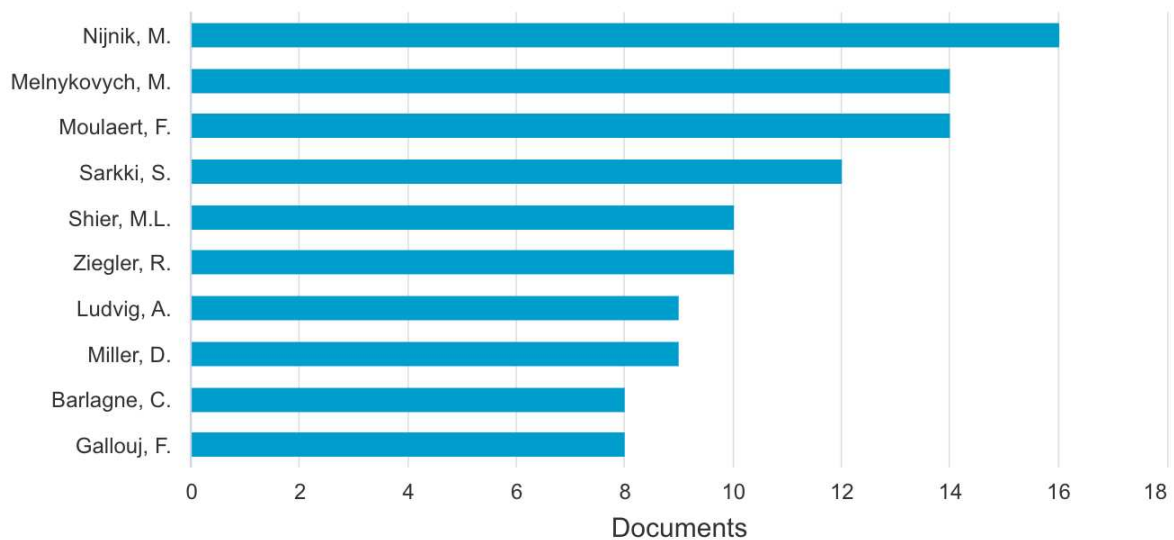
Figura 8 - Número de publicações por país ou região



Fonte: *Scopus* (2022)

Outra análise realizada foi referente ao número de publicações por autor. Aqueles que mais contabilizam trabalhos científicos, sem necessariamente estar na posição de autor principal do trabalho, são: Maria Nijnik (Reino Unido), Mariana Melnykovich (Suíça) e Frank Moulaert (Bélgica), com respectivamente, 16, 14 e 14 artigos. A autora brasileira que se encontra na melhor posição desta lista é Carolina Andion na 18ª posição com 6 pesquisas científicas.

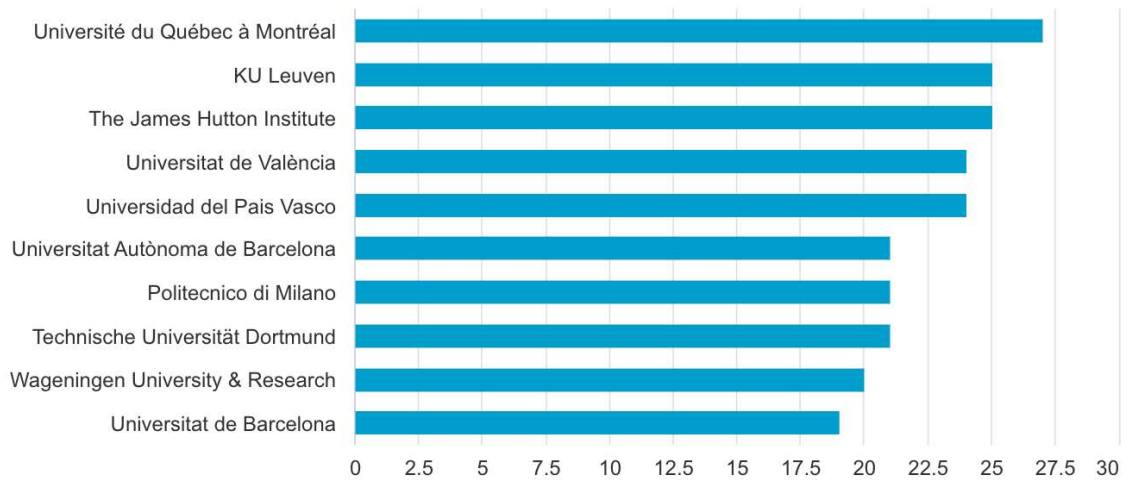
Figura 9 - Número de documentos por autor



Fonte: *Scopus* (2022)

Referente a filiação dos autores às instituições de pesquisa e ensino, o número de publicações mais expressivo sobre IS é proveniente da *L'Université du Québec à Montréal*, *KU Leuven*, *The James Hutton Institute*, *Universitat de València* e *Universidad del País Vasco*, cada qual com respectivamente 27, 25, 25, 24 e 24 artigos, conforme a figura 10. A universidade brasileira melhor ranqueada é a Universidade Federal de Santa Catarina na 48ª posição com 10 trabalhos. A Universidade do Estado de Santa Catarina aparece na 87ª posição com 8 pesquisas.

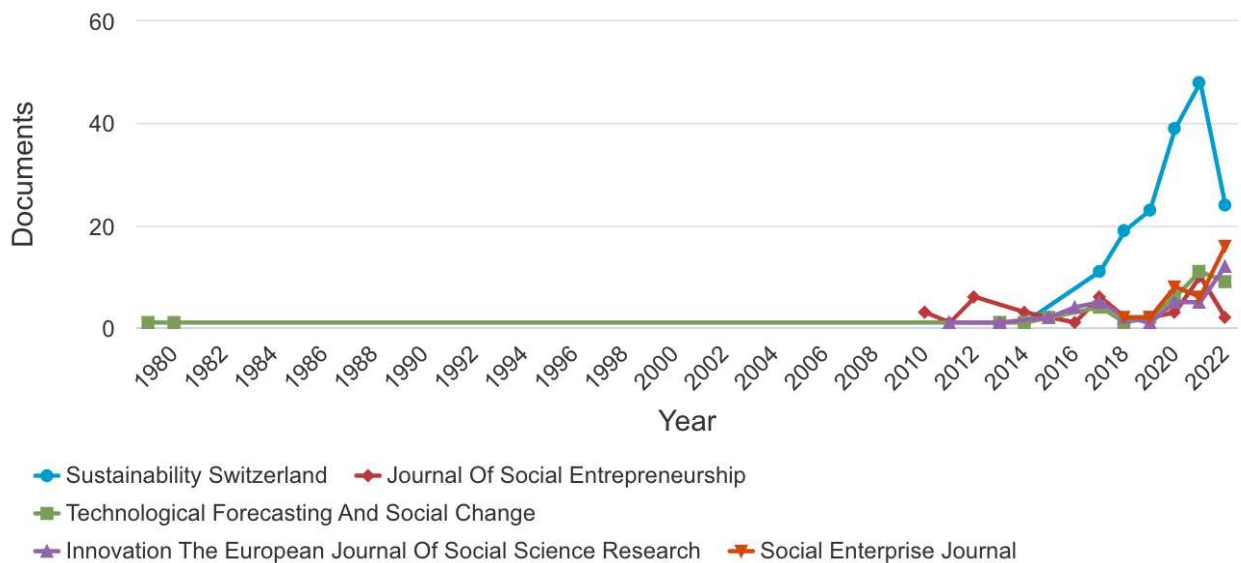
Figura 10 - Número de documentos por filiação à instituições de ensino



Fonte: Scopus (2022)

Por fim, o último critério de análise (figura 11) é o número de artigos por ano a partir da fonte, ou seja, a revista em que foi publicado. Os periódicos com maior representatividade dentre os 2.421 artigos encontrados foram: *Sustainability Switzerland*, *Journal Of Social Entrepreneurship*, *Technological Forecasting And Social Change*, *Innovation The European Journal of Social Science Research* e *Social Enterprise Journal* com 165, 41, 39, 38, 34 ocorrências, respectivamente, durante todo o período temporal considerado.

Figura 11 - Número de documentos por ano de acordo com a revista de origem



Fonte: Scopus (2022)

Como principais conclusões, essa busca revela o grande crescimento e interesse por parte dos pesquisadores sobre o tema da inovação social, como demonstrado no gráfico de crescimento do número de publicações (figura 6). Essa revisão reflete também a baixa representatividade de autores e universidades brasileiras diante do cenário acadêmico mundial nas pesquisas sobre IS.

Foram investigadas também revisões sistemáticas de outros autores que pudessem complementar essa construção de conhecimento. Uma delas é o estudo bibliométrico de Farinha, Sebastião, Sampaio e Lopes (2020) que visa compreender a evolução conceitual da inovação social e do empreendedorismo social. Para encontrar os dados, os pesquisadores utilizaram a *Web of Science* e pesquisaram nos campos de busca os seguintes termos: "*innovation in nonprofit*", "*nonprofit innovation*", "*entrepreneurship in nonprofit*" and "*social innovation*" nos campos título, resumo, palavras-chave do autor e palavras-chave *plus*. Para essa análise, os autores inspiraram-se na metodologia de Cobo *et al.*, (2011) que se baseia em uma análise de redes de *co-words analysis*, ou seja, uma técnica que interpreta as coocorrências de palavras-chave para identificar relações entre os tópicos.

Os autores chegaram a algumas conclusões, dentre elas um crescente número de artigos publicados nas últimas décadas sobre os estudos conceituais da IS dentro de organizações sem fins lucrativos, denotando uma intensificação científica nesse campo do conhecimento. No entanto, a centralidade e a densidade sofreram grandes mudanças ao longo do tempo. Enquanto a centralidade de um tema representa o quanto está relacionado a outras temáticas, a densidade pode ser entendida como o nível de desenvolvimento do assunto em questão. Assim, concluiu-se no estudo que, o termo inovação social continua sendo foco de estudos nos diferentes períodos de tempo analisados, embora com menor transversalidade e desenvolvimento.

Já um estudo que mapeia a produção científica internacional sobre inovação social, com interesse delimitado na inovação social na área de negócios, é o de Bataglin *et al.*, (2021). Os autores combinaram uma revisão sistemática com análise de redes. Enquanto a revisão efetivou uma busca de artigos na base de dados *Scopus*, no período de 2010 a 2020, através dos termos "inovação social" e "inovação social*", excluindo os trabalhos que não faziam referência aos termos de interesse, a análise de redes foi possível em razão da categorização das palavras-chaves, representadas como vértices da rede, com base em suas semelhanças conceituais com a posterior utilização do *software NodeXL* para construir a visualização gráfica. Essa análise das redes é de grande relevância na demonstração visual das relações entre as variáveis através da formação dos *clusters*. Dentre os principais resultados

encontrados estão diversas lacunas teóricas, como o estudo das redes de atores dentro da inovação social, o entendimento sobre a formação das redes e sua força, o estudo dos laços, entre outros.

Visto esses dois estudos sobre o estado da arte da inovação social no cenário nacional e internacional, inicia-se no parágrafo seguinte a contextualização sobre a origem da IS ao redor do mundo e seus diferentes conceitos adquiridos ao longo do tempo.

2.2 ORIGEM DA INOVAÇÃO SOCIAL

Estimar a origem da inovação social e os primeiros trabalhos sobre o tema é um grande desafio, visto a amplitude do assunto e os diversos significados atribuídos ao longo da sua evolução histórica. Godin (2008) fez um estudo genealógico da palavra inovação, esclarecendo que desde os primórdios da humanidade o termo já existia, no entanto era relacionado com aspectos distintos dos existentes atualmente, como a invenção e a imitação.

Godin (2012) indica em seu trabalho que o termo inovação social aparece, já no início do século XIX, no livro de William Lucas Sargant denominado *Social Innovators and Their Schemes*, trazendo a classificação de "inovadores sociais" ou "infectados com doutrinas socialistas" para designar alguns pensadores da época, como: Henri de St-Simon, Louis Blanc, Charles Fourier, Émile de Girardin, Adam Smith, Pierre-Joseph Proudhon. Ou seja, para Sargant, o conceito de inovação social equivalia ao socialismo ou reforma social, fazendo uma crítica aos autores mencionados anteriormente, pois os mesmos prezavam pela defesa do bem-estar, ao invés do trabalho, como solução para os problemas sociais, como aparece no excerto:

“A geração atual se distingue por um honroso desejo de promover o bem-estar das classes mais numerosas e menos afortunadas da sociedade [...]”. Mas há “algum perigo de induzir os homens ao erro”, “desordem e decepção”. “Ao melhorar artificialmente a condição dos pobres, [a economia política] encoraja um aumento indevido dos números” (Sargant, 1858: iii-v *apud* Godin, 2012, p. 10, tradução nossa).

Godin complementa que, a origem da inovação social pode ser datada por outros autores como proveniente do século XX com Joseph Schumpeter, pioneiro na introdução da inovação tecnológica aos estudos econômicos, em seu trabalho denominado a “Teoria do Desenvolvimento Econômico” datado de 1911. Nesse estudo, Schumpeter traz as diferenças identificadas entre a inovação e a invenção. Enquanto a inovação pode ser caracterizada como uma combinação de recursos para produzir algo novo, a invenção é a simples criação de um

novo produto, que por sua vez, apenas se torna interessante economicamente quando é implementado, gerando uma inovação. Para o autor, as inovações possuem grande relevância, especialmente nas sociedades capitalistas, devido ao aumento da competitividade que proporcionam, refletindo no aquecimento do sistema econômico com a geração de renda e emprego. Assim, Schumpeter divide as inovações em cinco tipos diferentes: 1) novos produtos, 2) novos meios de produção, 3) abertura de novos mercados, 4) novas origens de matérias-primas e 5) novas formas organizativas das empresas (SCHUMPETER, 1997).

Já nomes como Benjamin Franklin, Émile Durkheim e Max Weber também aparecem frequentemente como pioneiros da abordagem sobre a IS denotando uma falta de consenso na literatura sobre a origem do conceito (Mumford, 2002; Hillier *et al.*, 2004; Nussbaumer and Moulaert, 2002; Godin, 2012).

Bignetti (2011) aborda que diversos estudos colaboraram com a ampliação do conceito da inovação social, criando novas vertentes e focos de análise, chegando até uma investigação mais recente. Godin (2012) explica que a inovação social teve uma explosão na literatura a partir da segunda metade do século XX como uma reação aos discursos hegemônicos sobre inovação tecnológica. Assim, o termo passou a representar uma possibilidade diferente de solução aos problemas sociais.

Na década de 1960, Lapierre fez diversos estudos sobre a inovação e suas inter-relações, caracterizando a inovação social como “a formação de relações sociais e grupos que tendem a estourar as estruturas sociais estabelecidas para transformar a organização dos sistemas sociais e induzir a uma transformação global da sociedade” (LAPIERRE, 1968, p. 531 *apud* PATIAS, 2017).

Por sua vez, em 1967, o termo foi publicado em um *book review*, denominado *Methods for experimental social innovation* de George W. Fairweather, psicólogo social. A inovação social passou a ter uma mudança de conceito nesse período e passou a ser entendida como "um experimento social que deve gerar soluções alternativas para os problemas sociais, particularmente os que afetam aqueles que ficam à margem da sociedade". Assim, os apoiadores dessa concepção consideravam que o progresso social viria através de soluções para problemas sociais e deveria ser conduzido por métodos experimentais, como medições, modelos e técnicas de avaliação (FAIRWEATHER, 1967, p. 50 *apud* HORTA, 2013).

Cloutier (2003) considera que James Taylor e Dennis Gabor foram os pioneiros ao utilizar o conceito de inovação social de forma mais semelhante a qual entendemos atualmente. Já Taylor, pesquisador das ciências sociais, foi um dos primeiros autores a falar sobre inovação social referindo-se a "novas formas de fazer as coisas" para as "novas

invenções sociais" (TAYLOR, 1970, p. 70, tradução nossa). Alguns exemplos de inovações para atender necessidades sociais trazidas pelo autor são um novo meio de enfrentar a pobreza e um programa de ressocialização de delinquentes.

O autor participou de um projeto de pesquisa, com alto impacto local, que teve como resultado uma grande inovação social na comunidade de Topeka, capital do Kansas, nos Estados Unidos da América (EUA). Neste estudo, Taylor (1970) identificou cinco princípios que possibilitam uma IS interdisciplinar eficaz, são eles: princípio do investimento máximo, da cooptação, da responsabilidade igualitária, pesquisa como jogo criativo e líder de pesquisa como porta-voz e ideólogo.

- 1) "Princípio do Investimento Máximo": a inovação não teria sido possível sem o grande compromisso da equipe, eles estavam comprometidos com a atividade, ressaltando o espírito de solidariedade do grupo.
- 2) "Princípio da Cooptação": a entrada de outros grupos, com relações mais e menos formais, e agências para tornar possível a inovação social, formando uma rede de atores. Esse princípio garante que diversos pontos de vista serão levados em consideração no enfrentamento de problemas, fornecendo uma maior integração e inovação.
- 3) "Princípio da Responsabilidade Igualitária": cada membro possuía um papel igualitário na formulação das questões de pesquisa, compartilhando sentimentos coletivos no cotidiano e sem hierarquias, possibilitando o desenvolvimento da solidariedade na equipe. Nas palavras do autor, esse princípio "[...] era o maior responsável pelo desenvolvimento de solidariedade e compromisso de grupo. Cada componente do grupo de pesquisa tinha uma carta igual ao formular e, mais tarde, ao reformular questões da pesquisa" (Taylor, 1970, p. 75, tradução nossa).
- 4) "Princípio da pesquisa como jogo criativo": no estudo de Taylor, apesar de que para alguns atores sociais a pesquisa era vista como "[...] uma espécie de presságio de gigante, sobre-humano, crítico, arrogante e carpinteiro" (Taylor, 1970, p.76, tradução nossa), para outros era uma atividade deslocada das suas atividades cotidianas. Com o avanço do projeto, com a necessidade de um agenciamento participativo, ocorreu uma flexibilização dessas visões e os indivíduos passaram a ter uma liberdade para brincar com as ideias.
- 5) Líder de pesquisa como porta-voz e ideólogo: considerando a pesquisa como um jogo criativo, logo "o pesquisador tem que ser o líder do jogo; ele tem que dar

direção, limites e regras aos jogadores" (Taylor, 1970, p. 77, tradução nossa). Assim, atua como um ideólogo, coordenador e mestre.

Já Gabor (1970), observou a inovação social a partir de uma perspectiva diferente de Taylor, um olhar sobre o desenvolvimento territorial, ou desenvolvimentista, para um "novo arranjo social". As inovações sociais, sob esta visão, são caracterizadas pelas consequências sociais positivas que implicam em um território, como por exemplo, mecanismos de luta contra a poluição, desigualdade econômica e violência (CLOUTIER, 2003).

Em 1979, na conferência "Ciência e tecnologia para o desenvolvimento", organizada pela Organização das Nações Unidas (ONU), Canadá, França e Suécia, procuraram definir uma noção de inovação social e estudá-la em relação ao desenvolvimento econômico e social.

Entrando nos anos 1980, Drucker (1987) faz uma reflexão sobre a inovação social como um conceito que está entrando, cada vez mais, dentro de aspectos organizacionais. Na visão do autor:

“As inovações sociais, poucas delas devidas à ciência ou à tecnologia, podem ter tido impactos ainda mais profundos na sociedade e na economia e, de fato, impactos profundos até mesmo na própria ciência e tecnologia. E a gestão está cada vez mais se tornando o agente da inovação social" (DRUCKER, 1987, p. 01, tradução nossa).

Na sequência do texto de seu ensaio, Drucker (1987) apresenta cinco exemplos do que considera como inovações sociais surgidas no século XX: o laboratório de pesquisa presente nas indústrias; o eurodólar e o papel comercial; a massa e os movimento de massa; a assistência rural; e a gestão como uma função organizada e disciplina. No mesmo texto, o autor ainda argumenta que, diferentemente do século XIX, o governo perdeu a capacidade de executar inovações sociais, fazendo com que a mesma fosse assumida pelo setor privado e ONGs. Henderson (1993) traz a mesma pauta, explicitando que os movimentos sociais, promovidas através das ONGs, são impulsionadores da mudança na sociedade respondendo às demandas ignoradas pelo governo.

Já no final do século XX, Kanter (1999) aborda as inovações sociais correlacionando a sociedade com as empresas, uma vez que caracteriza os problemas sociais como problemas econômicos. O autor traz como exemplo algumas iniciativas sociais que reduzem a taxa de desemprego em uma periferia e contribuem não apenas para a qualidade de vida da população, mas também para a economia como um todo.

Atualmente, no século XXI, as pesquisas sobre inovação social se multiplicaram em universidades ao redor do mundo. No Canadá, destacam-se as atividades do *Centre de Recherche sur les Innovations Sociales* (CRISES) como resultado de uma junção de projetos em comum de universidades localizadas em Quebec. Nos Estados Unidos, destacam-se os centros de ensino de Stanford, Harvard e Brown com programas de pesquisa sobre IS. Já na Europa, são referência o *Institut Européen d'Administration des Affaires* (INSEAD), o *Emerging User Demands for Sustainable Solutions* (EMUDE), Universidade de Cambridge, *Innovation and Social Entrepreneurship in Social Services* (ISESS), o *Consumer Citizenship Network*, o *Creative Communities for Sustainable Lifestyles* (BIGNETTI, 2011).

Iniciando pelo Canadá, o *Centre de Recherche sur les Innovations Sociales*, primeiro centro de pesquisa em IS, destaca-se através de uma rede de projetos em instituições de ensino superior do Quebec (BIGNETTI, 2011). Criado em 1986 por Benoît Lévesque e Paul R. Bélanger, o CRISES é uma organização interuniversitária e multidisciplinar (antropologia, geografia, história, filosofia, relações laborais, ciências da gestão, economia, ciência política, sociologia, serviço social e psicoeducação) com 49 pesquisadores membros e é formada por 10 instituições de ensino superior, são elas: a HEC Montreal, Universidade de Quebec em Chicoutimi (UQAC), a Universidade de Quebec em Montreal (UQAM), a Universidade de Quebec em Outaouais (UQO), Universidade TÉLUQ, Universidade de Quebec em Rimouski (UQAR), a Universidade Laval (ULaval), a Universidade de Sherbrooke (Uds), a Universidade Concordia e a Universidade de Montreal (UdeM). Atualmente, o Centro está estruturado em quatro eixos de pesquisa em IS: políticas e práticas sociais, territórios e ambientes de vida, organizações sociais e coletivas, além de trabalho e emprego (CRISES, 2022).

Ainda no mesmo país, em Montreal (Quebec), apesar de não estar presente na citação de Bignetti, existe outro renomado centro de pesquisas em inovação social, o *The Réseau québécois en innovation sociale* (RQIS). O projeto surgiu em 2005 para estudar os atores, os processos, o contexto e a implementação das inovações sociais existentes em Quebec. Nos anos seguintes, o RQIS trabalhou apoiando projetos de IS e promovendo pesquisas acadêmicas e programas. Reconhecidos mundialmente pela sua definição de IS adotada em todo o mundo, em 2013 tornou-se uma organização sem fins lucrativos e nos dias atuais possui um financiamento que possibilita a continuidade das atividades, ou seja, um espaço capaz de compartilhar experiências e conhecimentos que tornam a inovação social como uma alavanca ao desenvolvimento sustentável (RQIS, 2005).

Já nos Estados Unidos, o *Center for Social Innovation (CSI)* da *Stanford Graduate School of Business* também destaca-se como referência no campo de estudos da inovação social. O CSI surgiu alguns anos depois do CRISES, mais precisamente em 1999, quando alguns representantes do corpo docente, reitoria, alunos e ex-alunos se reuniram para discutir a importância de articular soluções para desafios sociais e ambientais ao redor do mundo. Ao longo dos anos, o centro foi responsável pela disseminação de conhecimentos, através de estudos, capacitações e programas que auxiliaram na criação de diversos centros acadêmicos de IS, além do *Office for Social Innovation* na Casa Branca (EUA). Atualmente, os trabalhos do CSI concentram-se em pesquisas que possam auxiliar o corpo docente de Stanford na educação de líderes capazes de atuar em mudanças sociais e ambientais (STANFORD, 2003).

Ainda nos EUA, existe na universidade de Harvard o *Social Innovation Change Initiative Center for Public Leadership (SICI)*, caracterizada como um acelerador de mudanças sociais ao apoiar inovadores sociais e o ecossistema através cursos, pesquisas e programas como o *Social Innovation Accelerator*, entre outros. Assim, essas atividades servem para guiar o caminho de inovadores dispostos a resolver problemas complexos e criar um futuro melhor para a sociedade. Essa iniciativa está localizada de forma estratégica em Harvard por ser um local de intersecção entre o setor privado, público e empresas sem fins lucrativos (SICI, 2022).

Também nos EUA, existe o *Swearer Center for Public Service*, nome dado em homenagem ao seu fundador Howard Swearer, que em 1986 foi pioneiro na criação de uma revolução no ensino superior ao desenvolver um dos primeiros centros de serviços públicos do país. Atualmente, o projeto conta com o trabalho de mais de 1.000 alunos e mais de 80 organizações comunitárias, que atua através de três pilares principais: engajamento da comunidade, "*engaged scholarship*" ou pesquisa que conecta os recursos da universidade aos problemas sociais e a inovação social. Assim, resume-se como um grupo heterogêneo formado por profissionais, estudantes e membros da comunidade que possuem o objetivo de enfrentar problemas sociais através da implementação de projetos, programas e iniciativas colaborativas capazes de promover mudanças sustentáveis para a sociedade por meio da ação coletiva (SWEARER, 2016).

No continente europeu, o INSEAD, fundado em 1960 na França, é referência em educação empresarial internacional e reconhecida como uma das maiores pós-graduações de negócios do mundo. Um dos seus focos de pesquisa e atuação concentra-se na inovação social auxiliando na transformação de demandas ambientais e sociais em valor sustentável (INSEAD, 2016).

Na Inglaterra, pertencente à Universidade de Cambridge, existe o *Cambridge Centre for Social Innovation* (CCSI) que atua como uma plataforma para pesquisa e engajamento entre inovadores sociais, meio acadêmico e político do mundo. O objetivo principal é apoiar projetos capazes de gerar soluções criativas para problemas sociais, concentrando-se em desenvolver lideranças para mudanças sociais que gerem impactos positivos na sociedade. Além disso, tem como visão o desenvolvimento de valor social e econômico através da criação de conhecimentos sobre inovação social (CCSI, 2022).

O EMUDE, com início em abril de 2004 e fim em março de 2006, coordenado pela Universidade Politécnico de Milão, foi um projeto de pesquisa europeu que explorou a inovação social como um motor do desenvolvimento sustentável através de projetos de pesquisa (EMUDE, 2006).

Destaca-se, cada um desses diferentes centros de pesquisa em inovação social possuem distintas conceituações para o termo, cada qual adaptada à sua realidade, aos projetos desenvolvidos, à corrente teórica da respectiva instituição de ensino e a vertente considerada mais adequada para pautar suas pesquisas. Por isso, a seguir serão explorados alguns conceitos de inovação social a partir da visão de autores distintos que, cada qual com suas devidas contribuições teóricas, transformam a IS em um conceito em construção ao longo dos anos.

2.3 INOVAÇÃO SOCIAL COMO UM CONCEITO EM CONSTRUÇÃO

As diferentes conceituações da inovação social variam conforme os campos disciplinares, teóricos, significados e referências de cada pesquisador, caracterizando-se como um conceito não estável. Por isso, a proposição de definições para a inovação social necessita de uma distinção das singularidades e semelhanças com outros tipos de inovação, bem como uma análise de diferentes abordagens desenvolvidas para o conceito (Guyon *et al.*, 2013).

De forma resumida, foi visto no capítulo anterior sobre a origem da IS, o surgimento do termo, de forma menos e mais aproximada com o que se estuda atualmente. Respectivamente, na obra de Godin (2008), correlacionando a inovação com a imitação e invenção; e no estudo de Schumpeter (1997) ao trazer uma definição da inovação através da criação de produtos inovadores capazes de gerar desenvolvimento econômico.

Essa criação de um produto, serviço, ideia ou abordagem é explorada na definição do *The Réseau québécois en innovation sociale* para o termo inovação social. Destaca-se que, essa conceituação do centro de pesquisa foi criada através de uma combinação das

perspectivas de Camil Bouchard, do CRISES, do *Center for Social Innovation* da *Stanford University* e da *Young Foundation*:

Uma inovação social é uma nova ideia, abordagem ou intervenção, um novo serviço, um novo produto ou um novo tipo de organização que é mais apropriado e mais sustentável do que as soluções existentes para uma necessidade social bem definida, uma solução que encontrou um tomador dentro de uma instituição, organização ou comunidade e que produz um benefício mensurável para a comunidade e não apenas para determinados indivíduos. O escopo de uma inovação social é transformador e sistêmico. Constitui, na sua criatividade inerente, uma ruptura com o existente (RQIS, 2011, p. 03, tradução nossa).

Ainda relacionado com a criação de novos modelos, ideias, produtos e serviços, outra definição bastante explorada na literatura é a dos pesquisadores Murray, Caulier-Grice e Mulgan, que caracterizam a inovação social, como:

Novas ideias (produtos, serviços e modelos) que simultaneamente satisfazem necessidades sociais e criam novas relações ou colaborações sociais. Em outras palavras, são inovações que, ao mesmo tempo, são boas para a sociedade e aumentam a capacidade da sociedade de agir (MURRAY; CAULIER-GRICE; MULGAN, 2010, p. 03).

Essa amplitude de ações da inovação social com caráter sistêmico e transformador abordada na definição do RQIS somado à ideia da colaboração entre os atores sociais de Murray *et al.* (2010) possui relação com a perspectiva de Cunha e Benneworth (2013). Esses últimos dois autores argumentam que a criação de novas soluções para uma comunidade, através do valor social, representam a verdadeira mudança sistêmica promovida por uma inovação social. Assim, através de redes amplas de atuação, possibilitadas através de ações colaborativas, a IS é responsável por desafiar as instituições sociais existentes promovendo o desenvolvimento da sociedade.

Esse desafio pode ocorrer em razão de demandas não atendidas pelo governo ou pelo mercado, necessitando de ações mais eficazes para realizar as mudanças sociais requeridas pela comunidade, já que as dinâmicas atuais não são capazes de solucionar os problemas ambientais e sociais existentes (MURRAY, CAULIER-GRICE, MULGAN, 2010). Dessa forma, Westley *et al.* (2014) complementa em sua caracterização da IS que a própria gravidade dos problemas sociais que cercam uma sociedade nos tempos atuais encoraja o desenvolvimento das discussões sobre o conceito, podendo ser um produto, processo ou ideia, como forma de responder a uma situação através de soluções criativas.

Portanto, devido a magnitude desses problemas sociais, a inovação social tem se tornado tema de pesquisa em uma grande variedade de centros de estudos criados a partir de

universidades, organizações sem fins lucrativos, órgãos governamentais ou organizações privadas ao redor do mundo. Logo, uma das definições do termo mais utilizadas é a CRISES:

Novos arranjos sociais, organizacionais ou institucionais ou ainda novos produtos ou serviços com finalidade social explícita resultantes, voluntariamente ou não, de uma ação iniciada por um indivíduo ou grupo de indivíduos para responder a uma aspiração, atender a uma necessidade, trazer uma solução para um problema ou aproveitar uma oportunidade de ação para modificar as relações sociais, transformar um quadro de ação ou propor novas orientações culturais (CRISES, 2022, p. 01).

Esta definição do *Centre de Recherche sur les innovations sociales* traz como ênfase a modificação das relações sociais como forma de ação frente às adversidades enfrentadas por uma comunidade, conceituação muito semelhante a da pesquisadora do mesmo centro de pesquisas, Marie J. Bouchard. A autora argumenta que a IS é uma forma de intervenção para atender a necessidades específicas dos indivíduos, alterando as relações sociais existentes através da oportunidade de ação (BOUCHARD, 2012).

Cabe destacar que, esse objetivo da IS em resolver ou amenizar os problemas sociais de um grupo de pessoas em um território, através de soluções que atendem a uma necessidade social, possui suas raízes baseadas na conceituação da inovação tradicional (DAMARIO e COMINI, 2020; EICHLER e SCHWARZ, 2019). Eichler e Schwarz ainda acrescentam que embora saiba-se que as inovações sociais atendem a uma ampla gama de necessidades sociais, não existe conhecimento consolidado sobre quais são atendidas de forma mais intensa e quais raramente são assistidas por esse tipo de inovação estudada. Ou seja, existem muitas necessidades sociais não atendidas e essa identificação de oportunidades de solução dos problemas é a base do processo da inovação social, moldada por uma ampla gama de organizações e instituições que influenciam o desenvolvimento em certas áreas para promover o desenvolvimento social (PHILIPPS *et al.*, 2015).

Van Der Have e Rubalcaba (2016) destacam que a inovação social também abrange uma mudança nas relações sociais, sistemas ou estrutura do ambiente em que está inserida, podendo ser um desafio para os envolvidos com a inovação. Westley (2014) traz como argumento o fato de muitas pessoas e instituições, ao implementarem inovações sociais, deparam-se com barreiras institucionais e outras variáveis que podem interferir nas soluções inovadoras e na modificação do sistema nas quais estão inseridas. Percebe-se uma ampla gama de possibilidades de definições da IS, cada qual com vertentes e focos de estudos diferentes. Por isso, para integrar as visões sobre o tema, no quadro 3 apresentam-se, de forma resumida, algumas definições.

Quadro 3 - Síntese de definições sobre inovações sociais

Chombart de Lauwe (1976) apud Fontan (1998)	Uma ação que torna possível o estabelecimento de novas relações sociais através de uma consciência das mudanças necessárias na sociedade tanto no nível individual quanto coletivo.
Cloutier (2003)	A inovação social pode ser definida pelo caráter inovador e pelo objetivo de promover o bem-estar das pessoas e das comunidades envolvendo a cooperação de diversos atores transformando-se em fontes de mudança social.
Moulaert <i>et al.</i> (2007)	Ferramenta para uma visão alternativa do desenvolvimento urbano, focada na satisfação de necessidades humanas (e <i>empowerment</i>) através da inovação nas relações no seio da vizinhança e da governança comunitária.
Mulgan <i>et al.</i> (2007)	Novas ideias que funcionam na satisfação de objetivos sociais, atividades inovativas e serviços que são motivados pelo objetivo de satisfazer necessidades sociais e que são predominantemente desenvolvidas e difundidas através de organizações cujos propósitos primários são sociais.
Taylor (1970)	"Uma nova forma de fazer as coisas", (TAYLOR, 1970, p. 70, tradução nossa).
Gabor (1970)	Consequências sociais positivas que suas ações implicam.
Murray <i>et al.</i> (2010)	Novas ideias (produtos, serviços e modelos) que simultaneamente satisfazem necessidades sociais e criam novas relações ou colaborações sociais. Em outras palavras, são inovações que, ao mesmo tempo, são boas para a sociedade e aumentam a capacidade da sociedade de agir.
Novy e Leubolt (2005)	A inovação social deriva principalmente da satisfação de necessidades humanas básicas, aumento da participação política de grupos marginalizados, aumento na capacidade sociopolítica e no acesso a recursos necessários para reforçar direitos que conduzam à satisfação das necessidades humanas e à participação.
Godin (2012)	A inovação social é vista como um meio de agir frente aos problemas e necessidades sociais, não atendidos pelo Estado ou que o mesmo vem abandonando gradativamente, com o objetivo de gerar o bem-estar dos indivíduos e/ou comunidades, criação de valor social, consequências sociais positivas. Pode ser caracterizada também como uma correção ao sistema capitalista através de ações que promovem a redução do desemprego, poluição ambiental, entre outros.

Fonte: Adaptado de Bignetti (2011)

Portanto, frente à multiplicidade de definições teóricas para o termo inovação social, destaca-se que, após reflexão e análise, aquela que melhor se enquadra com as particularidades do objeto de pesquisa, conforme já apresentado na introdução, é a de Julie Cloutier. Para a autora:

"[...] a inovação social é uma “nova resposta” a uma situação social considerada insatisfatória, uma situação que pode ocorrer em todos os setores da sociedade. A inovação social responde a este título porque visa o bem-estar dos indivíduos e/ou comunidades. É definido como uma ação e mudança duradoura. Visa desenvolver o indivíduo, o lugar de vida (território) ou a empresa. Ao fazê-lo, a inovação social não assume uma forma particular. Às vezes é processual, às vezes organizacional ou institucional" (CLOUTIER, 2003, p. 13).

Posteriormente a apresentação das correntes teóricas da IS, essa definição de Cloutier será responsável tanto para o entendimento dos diferentes modelos de análise da inovação social, quanto para a apresentação dos resultados encontrados nesta dissertação.

2.4 CORRENTES TEÓRICAS DA INOVAÇÃO SOCIAL

A partir das definições de inovação social apresentadas, torna-se possível a reflexão acerca das diferenças na conceituação, de acordo com os propósitos dos centros de estudos, a aplicação mais teórica ou mais prática do conceito, os campos de pesquisa e as diferentes correntes teóricas adotadas pelos estudiosos do assunto.

Essas diferentes vertentes predominantes na IS podem ser nomeadas como Neo-schumpeteriana e Institucionalista (quadro 4). De forma mais explicativa, desde o século XX, a inovação possui a tradição de ser vinculada ao ganho econômico, grande parte em razão dos estudos schumpeterianos no clássico *Theorie der wirtschaftlichen Entwicklung* (Teoria do Desenvolvimento Econômico) de 1911. Esse trabalho de *Joseph Schumpeter* parte da concepção de que "novas combinações" geram grandes resultados econômicos (BIGNETTI, 2011). Logo, a abordagem neo-schumpeteriana é predominante nos estudos da literatura inglesa e visualiza a IS como uma solução viável para problemas sociais concretos através de um ponto de vista funcionalista (Andion *et al.*, 2017).

Os autores complementam que existe uma segunda vertente, predominante na literatura francesa, denominada de "institucional" ou de "regulação", fazendo referência aos trabalhos de IS do CRISES. Diferentemente da vertente anterior, esta foca na inovação social como promotora de desenvolvimento, seja no âmbito organizacional, institucional ou relacional (Andion *et al.*, 2017).

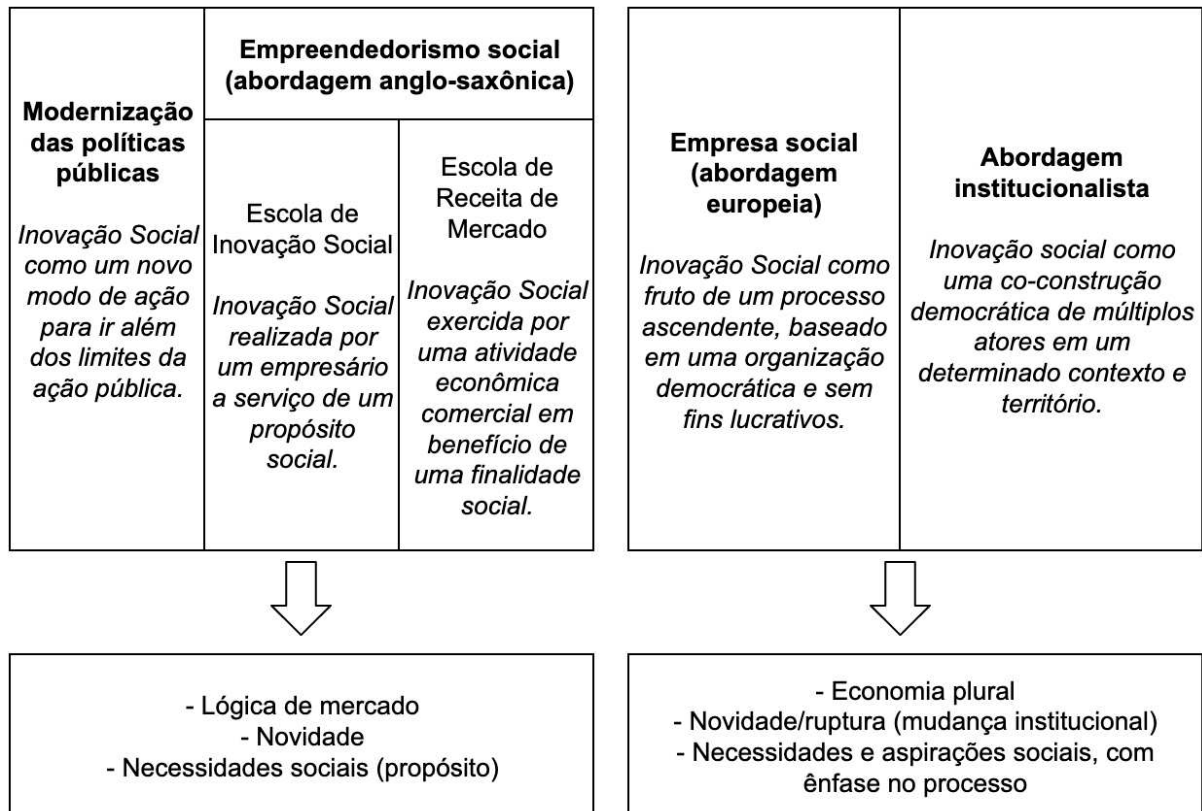
Quadro 4 - Vertentes teóricas predominantes na inovação social

Vertentes	Neo-schumpeteriana	Institucionalista ou da regulação
Autores representativos	Geoff Mulgan Robin Murray Julie Caulier-Grice	Benoit Lévesque Juan-Luis Klein Denis Harrisson Marie-Bouchard Frank Moulaert
O que é inovação social	Nova ideia que funciona e atende a uma demanda social.	Mudança nos padrões culturais e institucionais.
Como ocorre a inovação social	Por meio de ciclos que envolvem: diagnóstico do problema, proposição de novas ideias de solução, prototipagem e teste, sustentação, difusão e mudança sistêmica.	Processo que exige colaboração e consenso entre uma pluralidade de atores e lógicas.
Sujeitos principais	Empreendedor social Organizações	Organizações Instituições Redes
Inovação social e mudança social	Mudança social como consequência do ciclo de inovação social.	Mudança social como transformação nos modos de produção e consumo e nos modelos de desenvolvimento.

Fonte: Adaptado de Andion *et al.*, (2017)

Por sua vez, outras correntes teóricas podem ser vistas no estudo do Instituto Jean-Baptiste Godin, centro de práticas solidárias e de inovação social da região norte da França que realizou sua segunda pesquisa aplicada coletiva em inovação social entre 2012 até 2014. Nesse estudo, através da análise de diversos trabalhos científicos, a equipe de pesquisadores identificou duas concepções principais da inovação social: uma centrada sobre a novidade e seu propósito social (representada principalmente pela abordagem anglo-saxônica) e outra concepção centrada sobre o processo da IS (abordagem europeia e institucionalista de Quebec), como mostra a figura 12. Essas duas abordagens diferem principalmente em relação aos atores que originam a IS, podendo ser figuras públicas ou privadas, havendo em comum pressupostos básicos que se complementam (GODIN, 2012).

Figura 12 - Principais abordagens da inovação social



Fonte: Godin, 2013, p. 20, tradução nossa

A primeira concepção, foca na finalidade e divide-se em duas abordagens: modernização das políticas públicas e empreendedorismo social anglo-saxônico. Essa atualização das políticas, promovida principalmente por governos e administrações nacionais, remete a abordagem da IS como um meio de modernização das políticas públicas e das políticas sociais, enquadrando-se na categorização do *new public management*, ou seja, enfrentando desafios como a redução de orçamentos e aumento da competitividade e atratividade de territórios. Assim, esse ponto de vista visualiza a inovação social como uma capacidade do setor privado e da sociedade civil de compensar os erros e ônus causados pela ação pública tradicional.

Já a abordagem do empreendedorismo anglo-saxônico refere-se ao empreendedorismo social. Esse conceito nasceu na década de 1980, nos Estados Unidos, e faz referência a uma ação com a finalidade ou propósito social, destacando duas diferentes escolas: a da inovação social e a de receita de mercado. O empreendedor social dessa abordagem combina características do empreendedor tradicional aliado à vontade de atender necessidades sociais, sendo o lucro destinado a ações de propósito coletivo.

A segunda concepção, focada no processo, foi desenvolvida na Europa e em Quebec, sendo composta pela abordagem da empresa social e a institucionalista. A primeira, empresa social, foi desenvolvida por pesquisadores da rede *Emergence of Social Enterprises in Europe* (EMES) na Europa, visualizando a IS como resultado de um trabalho coletivo, realizado de baixo para cima, baseado em princípios democráticos, sem fins lucrativos e com o objetivo de atender as demandas de uma comunidade. Já a institucionalista, teve como origem o CRISES em Quebec, sendo posteriormente desenvolvida na França por pesquisadores do *Institut Fédératif de Recherche sur les Economies et les Sociétés Industrielles (IFRESI)*. Essa abordagem tornou-se bastante popular entre os trabalhos de economia social e solidária, pois enfatiza a articulação de diversos atores, como os institucionais, organizacionais e da própria comunidade e território em que a IS está inserida, trazendo ênfase na transformação social. Tanto a abordagem da empresa social quanto a institucionalista, visam uma inovação social democrática, com princípios de redistribuição e reciprocidade, revelando uma economia plural.

2.5 PRINCIPAIS DIMENSÕES DE ANÁLISE DA INOVAÇÃO SOCIAL

Depois de conhecer as diferentes definições que a inovação social obteve ao longo dos anos, também é importante abordar as distintas dimensões de análise da IS através da contribuição de pesquisadores presentes em todo o mundo. Para encontrar estes trabalhos, em 2017, Tiago Zardin Patias e mais três autores, selecionaram uma amostra final de 43 artigos através de uma pesquisa bibliográfica. A pesquisa sobre o tema da inovação social foi realizada dentro das bases *ISI Web of Knowledge (Web of Science)* e *Google Scholar*, sem recorte temporal inicial e o final definido até o ano de 2014. Foram identificados sete modelos de análise da IS que integrados entre si, "evidenciam o processo e as principais dimensões de uma inovação social" (PATIAS *et al.*, 2017, p. 01). Logo, todos estes modelos serão explorados nos parágrafos abaixo.

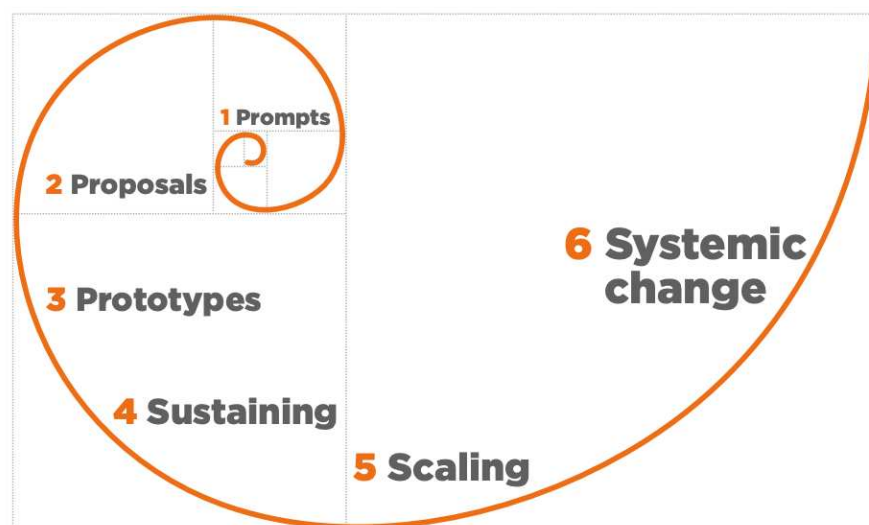
2.5.1 O ciclo da inovação social de Murray

Pertencente à abordagem neo-schumpeteriana, Murray *et al.* (2010) desenvolveu um esquema de seis estágios da inovação social, conforme a figura 13. Destaca-se que, nem sempre essas etapas acontecem de forma sequencial, podendo inclusive se sobrepor. O

objetivo do arranjo é compreender como a inovação social pode ser implementada e mostrar como as ideias chegam do início até o final. Segundo Murray *et al.* (2010) as etapas são:

- 1) "*Prompts*" ou diagnósticos: são os fatores que demandam a inovação social envolvendo o diagnóstico do problema e as inspirações para resolvê-los. Podem ser necessidades sociais ou inspirações de novas ideias. É realizado um diagnóstico para entender as causas dos problemas sociais que as inovações sociais atingem;
- 2) "*Proposals*" ou propostas: nesse estágio são geradas as ideias para solução dos problemas, ou seja, depois de identificar o problema criam-se as ideias para solucionar;
- 3) "*Prototypes*" ou protótipos: os protótipos servem para testar as ideias antes de colocá-las em prática, a intenção é utilizar o método da tentativa e erro para alcançar uma solução efetiva, gerando uma interação entre os atores;
- 4) "*Sustaining*" ou sustentabilidade: refere-se à colocação das ideias em prática para aprimorá-las, simplificá-las e garantir sustentabilidade ao projeto. Pode ser tanto a sustentabilidade financeira quanto referente a outros recursos necessários para o avanço da ideia;
- 5) "*Scaling*" ou difusão: são realizadas estratégias para crescer e disseminar a inovação social;
- 6) "*Systemic change*" ou mudança sistêmica: é o objetivo final da inovação social mesmo que nem sempre seja possível de acontecer. Envolve a interação de diversos elementos, como a infraestrutura, leis, formas de pensar e agir, negócios, entre outros.

Figura 13 - Seis estágios da inovação social



Fonte: MURRAY *et al.*, 2010

2.5.2 O modelo de Tardif e Harrisson

Já dentro da abordagem neo-institucional, Tardif e Harrisson (2005) elaboraram um modelo de análise para a inovação social em conjunto com o CRISES, a partir da chamada de envio de artigos científicos por parte dos membros regulares. O trabalho é resultado da análise de quarenta e nove textos que foram subdivididos em três eixos temáticos: 1) condições de vida; 2) trabalho e emprego; e 3) território. O objetivo desta pesquisa foi encontrar o máximo de informações sobre inovações e suas transformações sociais, assim como seus elementos, atores, estruturas, processos, abordagens teóricas, métodos de análise, entre outros.

Os autores definiram cinco dimensões que permitiram desenvolver os principais conceitos que impactam na inovação social, são eles: as transformações, o caráter inovador, as inovações, os atores e os processos (quadro 5).

Quadro 5 – Dimensões da inovação social CRISES

TRANSFORMAÇÕES	CARÁTER INOVADOR	INOVAÇÃO	ATORES	PROCESSOS
<p>Contexto macro/micro</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Crise ● Ruptura ● Descontinuidade ● Modificações estruturais <p>Econômico</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Emergência ● Adaptações ● Relações de trabalho/ produção/consumo <p>Social</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Recomposição ● Reconstrução ● Exclusão/marginalização ● Prática ● Mudanças ● Relações sociais 	<p>Modelo</p> <ul style="list-style-type: none"> ● De trabalho ● De desenvolvimento ● De governança ● Quebequense (economia social) <p>Economia</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Do saber/conhecimento ● Mista ● Social <p>Ação social</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Tentativas ● Experimentos ● Políticas ● Programas ● Arranjos Institucionais ● Regulamentação social 	<p>Escala</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Local <p>Tipos</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Técnica ● Sociotécnica ● Social ● Organizacional ● Institucional <p>Propósito</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Bem comum ● Interesse geral ● Interesse coletivo ● Cooperação 	<p>Sociais</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Movimentos cooperativos/comunitários/associativas ● Sociedade civil ● Sindicatos <p>Organizacionais</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Empresas ● Organizações/economia social ● Organizações coletivas ● Destinatários <p>Instituições</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Estado ● Identidade ● Valores e normas <p>Intermediários</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Comitês ● Redes sociais de aliança/de inovação 	<p>Modos de coordenação</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Avaliação ● Participação ● Mobilização ● Aprendizagem <p>Meios</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Parcerias ● Integração ● Negociação ● Empowerment ● Difusão <p>Restrições</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Complexidade ● Incerteza ● Resistência ● Tensão ● Compromisso ● Rigidez ● Institucional

Fonte: Adaptado de Tardif e Harrison (2005) e Maurer (2011)

Referente às transformações, Tardif e Harrison (2005) abordam que, frequentemente, o contexto macro e micro de surgimento de uma inovação social é marcado por fenômenos como crises, rupturas e descontinuidades que possuem como consequência mudanças estruturais. Essas mudanças, de certa forma, forçam os atores a formular novas respostas econômicas e sociais, e assim, dentro da esfera econômica, a transformação gera uma mudança nas relações de trabalho, produção e consumo. Na parte social, ou seja, no contexto e nas estruturas sociais, existe uma recomposição ou reconstrução dos vínculos em razão das modificações das relações sociais, seja em termos de produção, consumo ou trabalho. Essas

modificações podem ter como consequência a exclusão social de alguns cidadãos (TARDIF e HARRISSON, 2005 e MAURER, 2011).

Na dimensão caráter inovador, para Tardif e Harrisson (2005), as soluções encontradas podem ser descritas como inéditas diante da condição que surgem, através de novos arranjos institucionais e novas regulações sociais como resultado da interação entre os atores, acarretando em uma ação social inovadora. Essa ação passa por diversos experimentos até sua disseminação para outros locais gerando diferentes modelos e formas de organização do trabalho, como o de desenvolvimento, governança ou o modelo quebequense (desenvolvido pelas inovações sociais do sistema Quebec). Essas ações sociais também passam a formar uma "nova" economia, seja do saber, mista ou social.

Já a dimensão inovação, é assim denominada por ter a finalidade do bem-estar dos indivíduos e das comunidades na qual estão inseridos com a cooperação entre os atores. Pode ser caracterizada como técnicas, de produto, de processo de produção, organizacional, social, entre outros. Independente do formato da IS, os autores consideram o caráter local ou localizado, ou seja, a escala de uma inovação social pode ser variável dependendo da sua difusão.

Por sua vez, a dimensão atores envolvidos no processo de inovação social e suas interações, também caracterizados como as diversas partes que compõem o desenvolvimento e a implantação da inovação, são divididos em quatro tipos diferentes: sociais, organizacionais, institucionais e intermediários. O primeiro inclui representantes da sociedade civil como movimentos comunitários, o segundo refere-se à organizações da sociedade civil ou organizações de economia social, o terceiro é representado por instituições do Estado ou o poder público, e por fim, o quarto são os "atores híbridos" formados pelas relações entre indivíduos distintos que compõem as redes sociais de inovação (TARDIF e HARRISSON, 2005).

Por fim, a dimensão processo de uma inovação social, para Tardif e Harrisson (2005), é descrito como os modos de coordenação, os meios e as restrições à implantação. O primeiro refere-se à maneira pela qual os atores coordenam o desenvolvimento de uma inovação social através da mistura de valores, normas e identidades dos diferentes envolvidos, resultando em uma aprendizagem coletiva. Conforme Favreau (1998 apud TARDIF; HARRISSON, 2005, p. 35), essas mobilizações reúnem atores que representam as diferentes parcelas da sociedade, visando procurar soluções para os problemas sociais encontrados, sem requerer a intervenção do Estado, apenas com a contribuição individual de cada indivíduo. A partir disso, buscam-se novos modelos de desenvolvimento social e econômico. Por sua vez, os meios pelos quais a

inovação social acontece pode ser exemplificada com o empoderamento e sua ligação com a mudança social em níveis macro e micro de intervenção. As restrições são representadas pelos aspectos que não estão seguindo o mesmo percurso de uma inovação social, como por exemplo, as tensões da novidade, resistência dos atores e as incertezas com as novas dinâmicas sociais.

2.5.3 As variáveis de Buckland e Murillo

Buckland e Murillo (2013) descrevem em seu estudo a necessidade cada vez maior da inovação social na resolução de problemas sociais, ecológicos e econômicos complexos. Para estudar o tema com maior profundidade, desenvolveram um modelo com cinco variáveis, representados no quadro 6, para responder a uma série de perguntas que fornecem uma visão abrangente sobre como as inovações sociais podem ser melhor compreendidas. Por exemplo: "Quais os resultados?", "É eficaz?", "Quais modelos de parceria funcionam melhor?", entre outras.

Quadro 6 – Cinco variáveis de análise da inovação social

	Variáveis	Perguntas sugeridas
1	Impacto e transformação social	Até que ponto a iniciativa alcançou a transformação social desejada e resolveu o problema abordado?
2	Colaboração intersetorial	Quem são os principais interessados no sucesso da iniciativa? E que mecanismos eles possuem?
3	Sustentabilidade econômica e viabilidade a longo prazo	Como a iniciativa é financiada e quais estratégias foram adotadas para garantir sua sobrevivência no futuro?
4	Tipo de inovação	É uma inovação fechada ou aberta? (pode ser replicado por outros?) É baseado em algum conceito anterior? Que características inovadoras apresenta?
5	Escalabilidade e replicabilidade	Até que ponto a iniciativa pode ser ampliada ou multiplicada? Quais as condições que podem ser replicadas em uma situação diferente?

Fonte: Buckland e Murillo (2013, p. 9), traduzido pela autora

Por sua vez, no quadro 7, explica-se, de maneira detalhada, os motivos que pautaram a seleção das cinco variáveis da inovação social, de acordo com as seções da corrente anterior, fornecendo uma visão mais abrangente sobre o tema. Essas variáveis selecionadas são válidas

tanto para uma abordagem da inovação social orientada para resultados, quanto para processos.

Quadro 7 – Contextualização das variáveis de análise da inovação social

Variáveis	Contextualização
Impacto e transformação social	Independentemente de como a inovação social é definida, há consenso de que toda inovação social visa resolver um ou mais problemas sociais. Ao preparar este relatório, usamos "social" como um termo genérico que engloba certos desafios ambientais, éticos e econômicos, ou como na maioria dos casos, um problema específico que contém todas as quatro dimensões. A forma de medir o impacto social ou de avaliar a transformação social é uma área de pesquisa na qual muito esforço tem sido dedicado à informação técnica, medição de desempenho e a definição de indicadores. Poder mensurar até que ponto uma iniciativa atingiu seu objetivo, é certamente, uma variável a ser considerada.
Colaboração intersetorial	É incomum que uma inovação social funcione isoladamente, este fato é especialmente evidente na era das redes, onde as fronteiras entre os setores privado, público, coletivo e individual são cada vez mais difusas. As hierarquias tradicionais estão sendo reconstruídas em muitos níveis, e há muitos espaços e fóruns onde empresas, governos e a sociedade civil cooperam para preencher as lacunas na provisão de bens sociais e ambientais. Os pontos de entrada para a colaboração e as motivações dos diferentes setores ou os diferentes tipos de atores variam de acordo com o tipo de inovação social, sendo interessante observar os novos cenários de organizações híbridas.
Sustentabilidade econômica e viabilidade a longo prazo	As principais dimensões a serem consideradas são o retorno do investimento, a eficiência, a eficácia e a capacidade de gestão para garantir a viabilidade a longo prazo. Inovação em técnicas de captação de recursos, estratégias de implantação de baixo custo e desafios de crescimento também são fatores importantes a serem considerados.
Tipo de inovação	Em termos gerais, as inovações sociais são de dois tipos: a) aquelas baseadas em inovação aberta, ou seja, aquelas em que os usuários e outras partes interessadas podem copiar uma ideia, reutilizá-la e adaptá-la; b) baseadas em inovação fechada, ou seja, calcadas no conceito de propriedade intelectual, segundo o qual o conhecimento permanece nas mãos do autor. Embora haja uma tendência geral para soluções de código aberto, desenvolvida por parte da comunidade, não é necessariamente a solução mais adequada para alcançar o impacto social desejado em todos os casos. A relação entre o

	tipo de inovação e escalabilidade é uma variável interessante que merece ser estudada com mais detalhes.
Escalabilidade e replicabilidade	A capacidade de escalar ou replicar uma inovação social é importante por dois motivos: primeiro, dado que muitos de nossos problemas sociais atuais são globais (como as mudanças climáticas, desertificação, esgotamento das reservas oceânicas e migrações em massa), conseqüentemente são necessárias soluções em escala global; e o segundo, como muitos de nossos sistemas se tornaram globais (como o setor financeiro e empresas multinacionais) ou atuam em grande escala (em regiões comerciais como a União Européia ou o NAFTA), o que funciona em uma cidade ou uma nação, muitas vezes pode ser estendida a outra. O mesmo pode ser dito da inovação social.

Fonte: Buckland e Murillo (2013, p. 11), tradução nossa

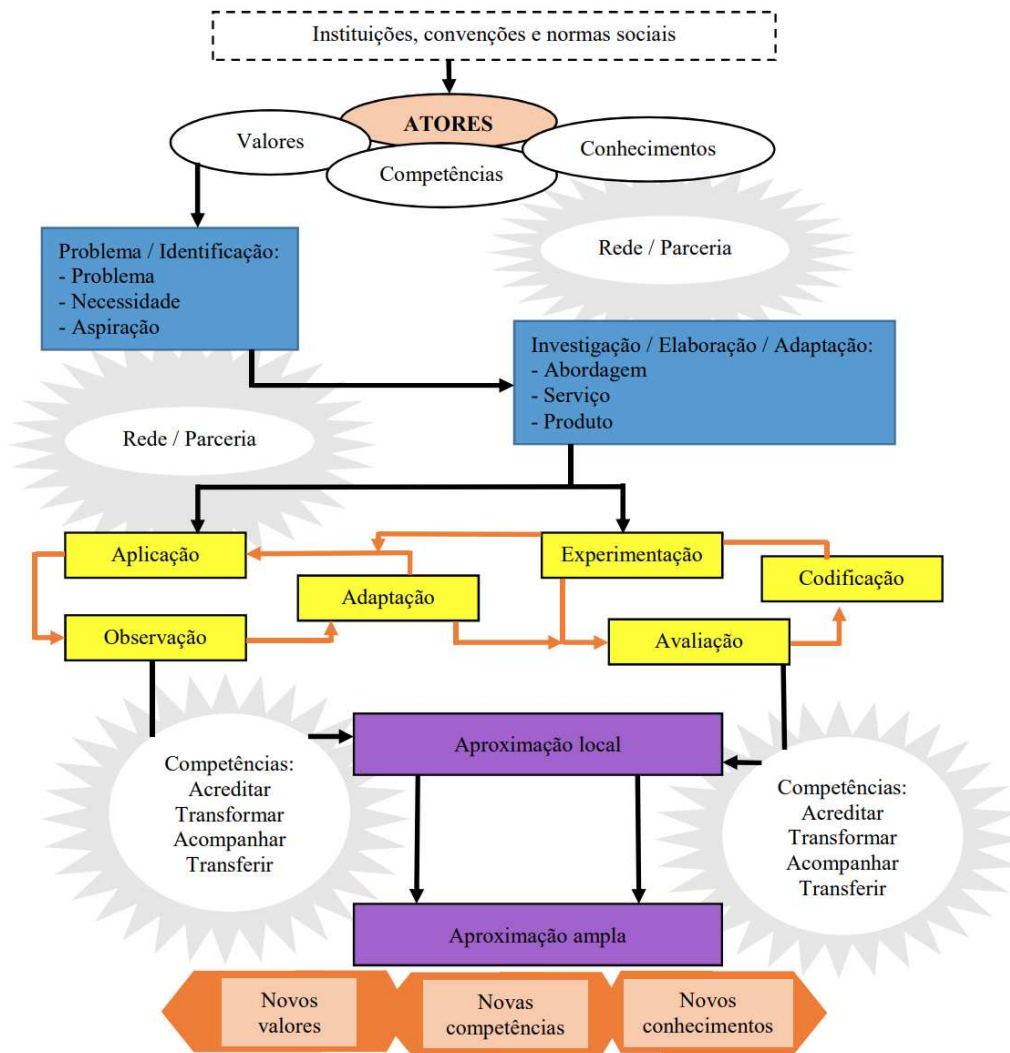
2.5.4 Modelo do processo de inovação social de Rollin e Vicent

Durante agosto de 2005 a dezembro de 2006, aconteceu o projeto Rede Quebequense em Inovação Social (*Réseau Québécois en Innovation Sociale*), parceria entre a Universidade de Quebec e o CRISES, com o financiamento do Programa de Apoio ao Desenvolvimento e Transferência do Ministério do Desenvolvimento Econômico, Inovação e Exportação (MDEIE) e a coordenação das professoras Joanie Rollin e Valérie Vincent.

Um dos resultados do estudo foi a elaboração do Modelo do Processo de Inovação Social de Rollin e Vicent, conforme a figura 14. O modelo foi elaborado a partir de oito casos de inovação social que aconteceram em Quebec, entre eles: a formação de uma cooperativa solidária que promove serviços sociais, um projeto de auxílio a escolas em áreas remotas, a criação de um conselho que atua na prevenção do abandono escolar, o desenvolvimento de uma empresa responsável socialmente, entre outros. O modelo retrata os meios que os atores sociais encontraram para solucionar problemas, atender necessidades ou implementar uma estratégia. Estes atores possuem em comum valores, competências e conhecimentos que os permitem compartilhar uma visão em comum da realidade vivenciada.

Rollin e Vicent (2007) chegaram à conclusão de que existem quatro fases no processo de uma inovação social, são eles: emergência, experimentação, apropriação e alianças/difusão, conforme ilustrado na figura 14.

Figura 14 - Modelo do processo de inovação social



Fonte: Rollin e Vicent (2007, p. 72)

O início do processo acontece com a fase de emergência (retângulos azuis), dividida em duas etapas: 1) conhecimentos e experiências dos envolvidos para identificar um problema/necessidade/aspiração; e 2) desenvolvimento de uma estratégia inovadora para solucionar o problema, podendo assumir o formato de abordagem, novo serviço ou produto. Depois, a fase da experimentação (retângulos amarelos conectados por setas), podendo ser formal, informal ou ambos. A experimentação formal testa a implementação da estratégia (abordagem, serviço ou produto), enquanto a informal aplica a estratégia, adapta e ajusta com base nos resultados (abordagem, serviço ou produto). Posteriormente, quando ocorre a apropriação (retângulos roxos), significa que a IS é reconhecida localmente ou de forma ampla. Por fim, a última etapa são as alianças/difusão, representadas pelas estrelas cinzas, em que cada ponta do polígono significa a busca por novos parceiros. A difusão não pode ser

caracterizada como uma fase, mas sim como uma passagem necessária de atividades que são realizadas durante a implementação de uma inovação social. Cabe destacar que, durante a fase de emergência, são criadas alianças entre atores de diferentes redes, e depois, outras alianças são desenvolvidas na fase de experimentação, geralmente como resultado de divulgações formais e informais.

2.5.5 Dimensões de análise da inovação social de Cloutier

Julie Cloutier (2003), pesquisadora do CRISES e uma das precursoras dos estudos da inovação social, define o tema como:

[...] uma ação que cria novas relações sociais, novas estruturas e/ou modos de decisão, originadas de uma consciência individual e depois coletivizada de uma situação inaceitável em relação a uma desejada. É contextual e dependente da trajetória, promovendo mudanças nas agendas, agências e instituições que levam a uma melhor integração dos grupos excluídos (CLOUTIER, 2003, p. 3).

A autora também traz quatro dimensões de análise para o entendimento da inovação social, são eles: 1) a natureza da IS (forma); 2) o processo de criação e implementação (processo); 3) o alvo das mudanças (atores envolvidos); e 4) os resultados (objetivos da mudança). Quanto à natureza da IS, ou seja, a forma, Cloutier afirma que para alguns autores pode ser definida como algo intangível ao referir-se a práticas, organização da ação e meios de fazer. Já para outros pode ser caracterizada como material, já que é capaz de criar produtos e serviços. Para a autora, a inovação social pode ser delineada pelo seu objetivo principal, que é promover o bem-estar tanto dos cidadãos quanto das comunidades na qual estão inseridos. Para isso, por vezes a IS vai ser destinada a solucionar problemas sociais, e em outras situações atenderá uma aspiração social.

Já o processo de como as soluções de IS são criadas e implementadas é tão importante quanto a novidade da solução e seus objetivos. Assim, para ser definida como inovação social, o processo deve atender a duas condições: a cooperação entre diferentes atores e a participação ativa dos usuários. A primeira, diversidade de atores, é fundamental na criação e implementação de novas soluções devido aos múltiplos pontos de vista dados aos problemas e às soluções. Já a segunda, a participação dos usuários, pode estar ativa desde o início até a última fase do processo de IS, partindo do problema até a solução.

A dimensão de análise do alvo das mudanças na IS diz respeito ao objetivo de que a mudança seja duradoura, tanto para o indivíduo quanto para a comunidade, a fim de melhorar

a qualidade de vida dos mesmos. Assim, a busca pelo bem-estar dos cidadãos/comunidades é a razão de existir das inovações sociais.

Por fim, a última dimensão, os resultados ou as consequências das novas soluções apresentadas são facilmente confundidas com a inovação social por si só. A IS não pode ser considerada accidental, pois sempre será resultado de uma ação com propósito e atores focados em seus objetivos pré-definidos. Esses resultados obtidos com a inovação social devem ser melhores do que as práticas tradicionais, produzindo uma mudança de fato duradoura. No quadro 8, apresenta-se um resumo das dimensões analisadas por Cloutier (2003):

Quadro 8 - As dimensões de análise da inovação social de Cloutier

Classificação	Tipos de inovação social		
	Centrada no indivíduo	Orientada pelo meio	Realizada nas empresas
Forma	Imaterial, oposição à noção de produto.	Imaterial, novas relações sociais.	Novas formas de organização de trabalho.
Processo	Cooperação e interação entre os atores.	Criação de novas instituições.	Novas estruturas de produção.
Atores	Indivíduos.	Sociedade e Poder Público.	Direção e colaboradores.
Objetivo da mudança	Soluções de Problemas Sociais.	Melhora na qualidade de vida.	Perspectiva instrumental e não instrumental.

Fonte: Elaborada pela autora - adaptado de Cloutier (2003)

2.5.6 O processo de inovação social de Cunha e Benneworth

São sete etapas responsáveis por compor o quadro que caracteriza o processo de inovação social de Cunha e Benneworth (2013), representados na figura 15, com base em processos não-lineares de inovação, que por sua vez, estão correlacionados com a breve revisão dos processos feita por três outros modelos, como Neumeier (2012), Westley, Patton e Zimmerman (2006) e Mulgan (2006). Cabe destacar que, durante a formulação desse *framework*, levou-se em consideração alguns aspectos: a) existem contingências e tensões durante o processo de IS e não há um caminho antecipado; e b) independentemente da

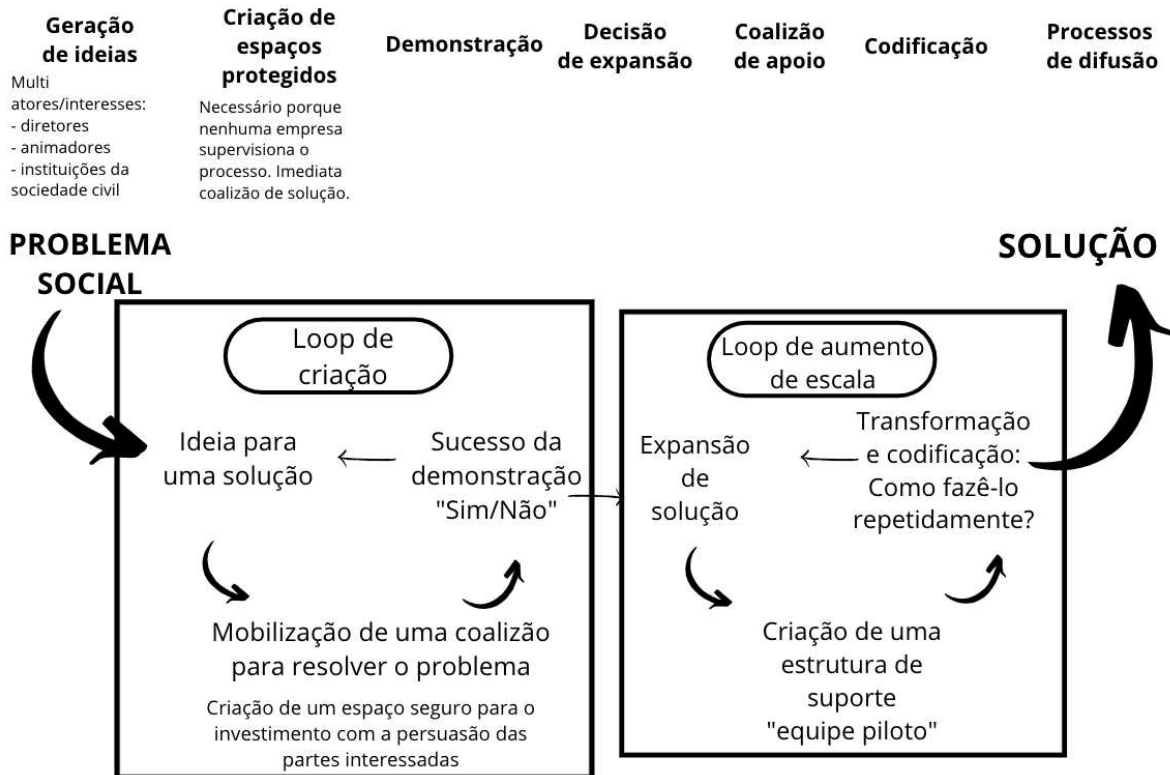
existência dessas contingências, é possível aparecer padrões provenientes de redes, vínculos e alinhamentos. Reconhece-se também que, embora as sete diferentes etapas do processo da inovação social possam acontecer de forma sequencial, há uma maior probabilidade de surgirem *feedbacks* e *loops* ao longo da sequência. O primeiro *loop* identificado foi o de criação, referente às três primeiras fases, e o de aumento de escala, correspondente aos três estágios seguintes.

A primeira etapa é a geração de ideias que surge em razão da identificação de um problema social, assim como a forma de solucioná-lo em que diversos atores se reúnem para pensar em possíveis soluções. Geralmente, diferentes atores, com objetivos distintos, se agrupam nessa etapa.

A segunda fase do processo de IS é representada pelo surgimento de um espaço protegido, ou seja, depois de identificar o problema, é necessário criar um espaço para implementar a solução. Já a terceira etapa é a demonstração que significa aplicar a solução a diversos aspectos do problema com o objetivo de avaliar a viabilidade da ideia.

Por sua vez, a quarta fase é a decisão de expansão, uma vez que depois da ideia ser validada, é necessário o entendimento sobre sua capacidade de escalonamento. Se a decisão de expandir for aceita, a quinta etapa é representada pela formação de uma coalizão de apoio para estabelecimento de uma "equipe-piloto" para otimizar a solução inovadora.

A sexta fase é a codificação que possui como função contribuir com o aumento da escalabilidade da solução para identificar se é passível de repetição em outros cenários. Por fim, a última etapa ou a sétima, representa a difusão da solução com o seu compartilhamento, uma vez que uma nova solução de IS apenas é difundida quando é adotada por muitos indivíduos (CUNHA; BENNEWORTH, 2013).

Figura 15 – *Framework* do processo de inovação social

Fonte: Adaptado de Cunha e Benneworth (2013, p. 16)

2.5.7 A teoria da inovação social transformadora

Com o objetivo de responder a seguinte questão "*How does social innovation interact with other forms of (transformative) change, and how are actors (dis) empowered therein?*" ou "Como a inovação social interage com outras formas de mudança (transformadora) e como os atores são (des)empoderados nela?", um grupo de pesquisadores, pertencentes ao projeto *TRANSformative Social Innovation Theory* (TRANSIT), propuseram a criação da Teoria da Inovação Social Transformadora (TSI). Esses estudiosos defendem que para os grandes desafios sociais que a sociedade enfrenta são necessários inovações sociais transformadoras, capazes de acarretar mudanças sistêmicas, devido ao cenário de problemas sociais urgentes. Por isso, a importância de uma **nova teoria da inovação social transformadora**. A TSI, no que lhe concerne, deve estar habilitada a analisar a dimensão do processo de uma IS dentro de um contexto de mudança social, como a relação entre instituições políticas e inovação social, além do papel da IS na inovação geral da sociedade (Haxeltine *et al.*, 2013).

Segundo Avelino *et al.* (2014), o ponto de partida da TSI, conforme o quadro 9, possui uma heurística conceitual que auxilia na distinção entre os cinco diferentes "tons de mudança e inovação", são eles: 1) inovação social; 2) inovação do sistema; 3) *game-changers*; 4) narrativas de mudança; e 5) transformação social. Essa heurística pode ser representada por um mapa cognitivo para investigar a questão de pesquisa inicial. Abaixo os cinco conceitos que distinguem os diferentes tons de mudança e inovação através de definições sucintas de cada conceituação:

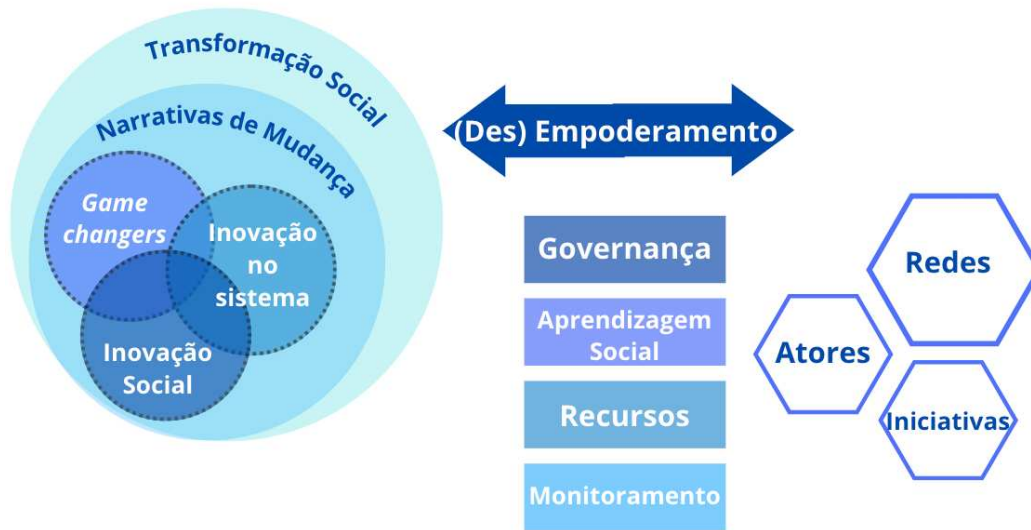
Quadro 9 – Cinco tons de mudança e inovação: definições de trabalho

Cinco tons de mudança e inovação	Definição de trabalho
Inovação social	Novas práticas sociais, incluindo novas combinações de ideias, modelos, regras, relações sociais e/ou produtos.
Inovação do sistema	Mudança no nível dos subsistemas sociais, incluindo instituições, estruturas sociais e infraestruturas.
<i>Game-changers</i>	Macro desenvolvimentos que são percebidos como mudanças (as regras, o campo e os jogadores) do 'jogo' de interação social.
Narrativas de mudança	Discursos sobre mudança e inovação, ou seja, conjuntos de ideias, conceitos, metáforas e/ou histórias sobre mudança e inovação.
Transformação social	Mudança fundamental e persistente em toda a sociedade, superando subsistemas e incluindo mudanças simultâneas em múltiplas dimensões.

Fonte: Avelino *et al.* (2014, p. 9)

Já a figura 16 explicita a hipótese da TSI de que a transformação social é moldada por padrões de interação entre as narrativas de mudança, inovação social, inovação de sistema e os *game-changers* ou mudança no jogo. Por sua vez, as redes, os atores sociais e as iniciativas são empoderadas (ou sem poder) a contribuir com esse processo por meio de novas formas de governança, aprendizado social, diferentes recursos e meios de monitoramento (Haxeltine *et al.*, 2013).

Figura 16 - Heurística conceitual da Inovação Social Transformadora



Fonte: Avelino *et al.* (2014, p. 8, tradução nossa)

Para finalizar a explanação sobre a teoria da inovação social transformadora, considerando que a heurística conceitual possui o objetivo de explorar, de forma empírica, como as diferentes matrizes de mudanças e inovação se relacionam, no trabalho do TRANSIT o ponto de partida empírico é a crise econômica como um *game-changer* ou mudança no jogo. Essa mudança pode ser caracterizada como uma crise econômica e seus reflexos, principalmente na perspectiva socioeconômica, gerando a necessidade de modificação dos modelos de negócio existentes. Assim, a modificação traz a reflexão por trás das **narrativas de mudança**, ou seja, alternativas aos modelos tradicionais como o cooperativismo, a economia solidária e economia verde. Essas alternativas remetem às **inovações no sistema** como forma de mudar os padrões de ação, em todas as suas interfaces, para possibilitar a criação de uma **inovação social**, como novas práticas e ideias sociais capazes de alcançar uma **transformação social** persistente e irreversível na sociedade.

2.6 REDES

De forma a demonstrar a relação entre os modelos de análise da inovação social, abordados na seção anterior, com a conceituação de redes, torna-se possível explorar como os temas estão interligados entre si.

2.6.1 As redes no contexto das inovações sociais

Retomando as dimensões de análise de Cloutier (2003) e sua relação com as redes, existe em seu modelo a classificação "processo" referindo-se ao modo como as soluções de inovação social são criadas e implementadas, demandando no nível do indivíduo "a cooperação e interação entre os atores", ou seja, a formação de redes. Essa última expressão de Cloutier pode ser entendida por uma análise do processo de difusão de inovações sociais de Katz (1999), e conseqüentemente, no estudo das redes, uma vez que, adentrando nos estudos desse autor, o processo de difusão indica o modo pelo qual uma IS é propagada, aceita e adotada em um sistema social, sendo uma das formas para tornar este objetivo possível a formação dessas relações (KATZ, 1999).

A dimensão Atores também é estudada com maior profundidade por Tardif e Harrisson (2005) que subdividem em quatro diferentes tipos: sociais, organizacionais, institucionais e os intermediários. Os últimos, representados pelas relações entre atores distintos, compõem as redes sociais de inovação. Assim, durante as fases de identificação de um problema social, investigação da abordagem, resultados, adaptações e ajustes, a formação das redes estão acontecendo simultaneamente.

Ainda com destaque a variável atores, Rollin e Vicent (2007) trazem uma ênfase, na parte superior do diagrama, aos atores sociais da IS posicionados no centro da dinâmica da inovação social e relacionados diretamente na origem dos processos. Na análise dos estudos de caso que pautaram o diagrama, destacam-se quatro tipos de atores que participam na implementação do processo de IS: os financiadores, promotores, parceiros de apoio e os tomadores de inovação, cada qual, à sua maneira, contribuindo para o sucesso da inovação. Rollin e Vicent ainda destacam que, como regra geral, esses atores são provenientes de redes, como por exemplo: redes de serviço social, redes comunitárias, redes de saúde, entre outras. Eles possuem em comum o fato de se unirem em prol de interesses comuns, os problemas sociais, movidos por valores como a solidariedade, a cooperação e a vontade de mudar a realidade socioeconômica em que vivem.

Apesar desses valores em comum, cabe destacar que, referente a variável escalabilidade e replicabilidade de uma inovação social, Buckland e Murillo (2013) refletem sobre a dificuldade de encontrar novos membros que atuem de forma comprometida e regular em uma iniciativa de IS, visto que a principal característica de sua estrutura inicial é a composição por pequenas equipes de voluntários que formam uma rede com grande

motivação. Assim, essa complexidade na renovação do time principal constitui um risco para a continuidade e crescimento de um projeto de IS.

Os integrantes do TRANSIT, projeto de pesquisa co-fundado pela Comissão Europeia que desenvolveu a teoria da inovação social transformadora, trabalham testando empiricamente sua teoria, através de estudos de caso, em mais de 200 redes de inovação social da Europa e América Latina. A grande maioria dos inovadores sociais realizam um trabalho local, no entanto possuem conexão com outros inovadores do mundo, por isso o TRANSIT explora essas ligações e as denomina de redes. A importância dessas redes também é observada no ciclo da inovação social de Murray *et al.* (2010), na etapa de *Scaling and Diffusion* ou Escalada e Difusão, quando os autores abordam a necessidade da formação de uma rede colaborativa para disseminar a inovação social.

Essa disseminação pode acontecer em diversos setores da sociedade, inclusive nas instituições de ensino. Por isso, Cunha e Benneworth (2013), além de referenciar em seu modelo a importância das redes na IS, principalmente na fase de mobilização de uma coalizão para resolver um problema, também abordam a relevância das universidades e seus recursos para a formação de redes que apoiem a inovação social.

Além do apoio de centros de ensino e pesquisa, a inovação social e sua aceleração pode ser beneficiada por redes de praticantes, por organizações cívicas como sindicatos e hospitais, indivíduos participantes da classe política, filantropos, fundações progressistas, entre muitos outros. No entanto, nem sempre a IS encontra condições para nascer e se desenvolver, algumas são inibidas já em seu surgimento, necessitando de um cenário favorável para se desenvolver, através de uma comunicação livre, fontes de recursos, mídia aberta, entre tantos outros (MULGAN, 2006). Ainda quanto ao nascimento de uma IS, Murray correlaciona com as redes ao afirmar que “no campo social, é mais provável que o impulso venha de uma rede mais ampla, talvez ligando alguns comissários do setor público, fornecedores em empresas sociais, defensores de movimentos sociais e empreendedores em negócios” (Murray *et al.*, 2010, p. 07, tradução nossa). Outros autores corroboram com o raciocínio ao afirmar que a construção coletiva é fundamental para a sustentabilidade e viabilidade de uma inovação social (Boughzala, 2020; Fridhi, 2021). Essa articulação de diferentes atores sociais são responsáveis por promover o desenvolvimento local e enfrentar as adversidades (Justen *et al.*, 2020).

Ainda contribuindo com a explicação teórica sobre o sucesso de uma inovação social, Brackertz (2011) traz a reflexão sobre o papel das redes, afirmando que para uma IS ser bem-sucedida, precisa estar entre e dentro de comunidades ou estruturas coletivas. Assim,

denota-se a relevância da disseminação das redes e bases globais de informação que tornam-se facilitadoras de práticas que acarretam em inovações sociais.

Neumeier (2012) complementa esse conhecimento sobre o sucesso de uma IS com um excerto do seu texto ao argumentar que:

“Em uma rede de atores desenvolvida através de interesses alinhados, atores participantes, bem como recém-interessados, negociam o novo comportamento e atitudes. Nas redes de atores ocorrem processos de aprendizagem coevolutivos. Gradualmente, a nova forma de ação se molda e se solidifica [...]. Desta forma, a rede de atores não é uma rede fixa ou estável, mas uma que está em um estado de fluxo constante, pois novos atores podem se inscrever na rede enquanto outros podem sair dela, e o papel atribuído aos atores envolvidos pode mudar ao longo do tempo. Se uma massa crítica de atores decide adotar ou imitar a nova forma de ação para que seja geralmente aceita, levando conseqüentemente a algum tipo de melhoria tangível, a inovação social foi implementada com sucesso. Se não for adotada nem imitada, não ganha aceitação geral [...] e não leva a algum tipo de melhoria tangível, a implementação da inovação social falha” Neumeier (2012 p. 58, tradução nossa).

De forma geral, as redes precisam ser analisadas a partir de seus diferentes tipos e funcionalidades, incluindo o reconhecimento dos atores locais e suas relações, para facilitar o entendimento do início dos laços de reciprocidade estabelecidos em um território (ANDION, 2003). As redes podem ser classificadas como formais, informais ou horizontais. As primeiras são compostas por indivíduos e organizações que estabelecem acordos formais com objetivos bem definidos, como a troca de conhecimentos, informações, compra de bens e serviços. Já as redes informais, por sua vez, são fruto de relacionamentos contínuos e não planejados entre os atores, envolvendo uma relação de proximidade familiar ou profissional (Hardy; Phillips; Lawrence, 2003 e Pecqueur, 2000).

Referente às pesquisas que vinculam IS e redes, Lettice e Parekh (2010), em sua pesquisa, estudaram o conceito de IS baseado em dez entrevistas de inovadores sociais. Nesses dados, surgiram diversos temas de análise, dentre eles as redes, sendo possível identificar meios das iniciativas de IS reformularem os problemas e reduzirem os riscos do processo de inovação. Para essa dificuldade, identificou-se a necessidade dos inovadores sociais fazerem parte de uma rede e aproveitarem esse apoio para trazer financiamento, ideias e inspiração. Por vezes, esses atores passam por dificuldades para identificar a quais redes devem se alinhar, pois é de fundamental importância possuir os atores sociais certos no suporte. Um dos entrevistados relatou a seguinte frase: “[...] estamos criando algo novo que não existia anteriormente. Parcerias, fóruns e redes nos ajudam a construir a massa crítica que precisamos para mudar as coisas” (Lettice e Parekh, 2010, p. 15, tradução nossa). Já Rodríguez e Guzmán (2013) desenvolveram um estudo quantitativo sobre a inovação social,

que dentre as principais conclusões estava a rede de contatos e a cooperação como elementos primordiais em iniciativas inovadoras sociais.

Tal enfoque teórico do estudo das redes em inovações sociais levam em consideração que, tanto a sociedade civil, quanto empresas e órgãos do governo, podem promover soluções para os problemas públicos a partir de uma dinâmica que conecta esses diferentes atores e suas inter-relações, formando uma rede que performa inovação social (Andion; Alperstedt e Graeff, 2020).

2.6.2 Definição e diferentes abordagens do estudo das redes

Em primeiro lugar, é necessário deixar claro o conceito de rede empregado neste estudo, uma vez que a literatura apresenta diferentes conceituações para o tema, variando conforme o enfoque adotado em cada pesquisa. Logo, as redes estudadas na presente dissertação referem-se às redes sociais estabelecidas entre indivíduos, empresas e/ou instituições. Logo, essa terminologia das redes é responsável por estudar as relações e interações estabelecidas entre um grupo de atores sociais presentes em um determinado fenômeno.

Ressalta-se que, o tema da análise das redes cresceu nas últimas três décadas com a multiplicação de pesquisas evidenciando como as redes sociais influenciam o comportamento dos atores sociais. Este fato corrobora com o princípio da análise das redes que aborda a estrutura das relações sociais como fator determinante do conteúdo das relações (Mizruchi, 2009).

Já essas relações existentes entre os atores estabelecidas pelas redes sociais são identificadas por Steiner (2006) como um instrumento que formaliza as relações entre os indivíduos e pode estudar fenômenos bastante distintos entre si, como os vínculos entre organizações, as relações entre um grupo e o estudo da inovação. Assim, para o autor, independente do tipo de vínculo estabelecido, uma rede é composta por diversos atores sociais interligados por uma relação, podendo ser única, rede uniplex, ou múltipla, rede multiplex.

Cabe destacar que, essa análise das redes não concentra-se apenas nos estudos sobre os vínculos, mas também nas implicações dessas relações entre os atores sociais envolvidos. Outros conceitos que podem ser explorados na análise das redes, que são fundamentais para a discussão do tema, segundo Wasserman e Faust (1994), são: os laços relacionais, díade, tríade, relação, rede, subgrupo, atores. Quanto ao primeiro, os laços relacionais, os autores explicam que os atores sociais estão conectados entre si por diferentes tipos de vínculos ou

laços sociais em distintos meios de interação, relações formais, biológicas, físicas ou comportamentos de interação.

Por sua vez, Granovetter (1973) possui uma definição para as redes sociais bastante semelhante às aquelas trazidas acima, conceituando-as como um “conjunto de nós ou atores (pessoas ou organizações) ligados por relações sociais ou laços de tipos específicos. Um laço ou relação entre dois autores tem força e conteúdo. O conteúdo inclui informação, conselho ou amizade, interesses compartilhados ou pertencimentos e, tipicamente, algum nível de confiança” (GRANOVETTER *et al.*, 2000, p. 219, tradução nossa).

Logo, apesar dos vários conceitos apresentados, esta pesquisa se desenvolverá a partir da perspectiva de análise de Granovetter (1973) que caracteriza as redes como um conjunto de atores sociais interligados por seus laços ou vínculos, tornando possível o atingimento do objetivo desta dissertação: analisar o efeito dos laços fracos na inovação social a partir do caso da Revolução dos Baldinhos. Assim, também torna-se importante destacar que, os laços explorados na teoria de Granovetter e os adotados na presente discussão desta dissertação são os laços sociais. O autor os define como as conexões entre indivíduos que envolvem interações, relações e trocas sociais, podendo ser divididos em dois tipos principais: os laços fracos e os fortes (GRANOVETTER, 1973).

2.7 A FORÇA DOS LAÇOS FRACOS

Como abordado acima, os laços representam a ligação entre os atores sociais, constituindo-se como elementos centrais na análise das redes. A teoria de Granovetter (1973) tornou-se referência no estudo dos vínculos formados entre os atores, e por isso, será explorada neste capítulo.

No entanto, antes de iniciar a explicação sobre a força dos laços, é importante contextualizar essa teoria como pertencente à abordagem da NSE, assim denominada pelos trabalhos de Mark Granovetter do final dos anos 1970. A Nova Sociologia Econômica pode ser definida como a continuação da sociologia econômica do início do século XIX, unindo a análise sociológica com a econômica para explicar os fatos socioeconômicos de forma mais robusta do que a oferecida pela teoria econômica tradicional (STEINER, 2006).

Essa última teoria, segundo Granovetter (1985), está inserida nos pressupostos existentes na economia clássica e neoclássica que consideram as relações sociais como incapazes de influenciar as ações econômicas, uma vez que assumem um comportamento racional e auto-interessado. O autor é crítico a esse raciocínio, pois considera que os atores

sociais não se comportam como átomos fora de uma rede social, ao contrário, o empreendimento de suas ações ocorrem de forma intencional e estão inseridas em sistemas de relações sociais. Assim, essa nova abordagem da sociologia econômica pode ser considerada como uma melhor forma de explicar os fenômenos mercantis, uma vez que se apoia na análise sociológica para estudar meios alternativos de ação (STEINER, 2006).

Steiner complementa que, o estudo dos mercados, dentro da teoria econômica, constitui-se como um conceito abstrato devido à racionalização do conhecimento econômico. Mesmo assim, o mercado é o espaço adequado ao comportamento do *homo economicus* que possui, como único fim, o ganho econômico através da maximização do resultado de suas ações.

Por sua vez, no estudo dos mercados e da inserção social, pela perspectiva da NSE, faz-se necessária a análise das redes sociais, ou seja, um instrumento que formaliza as **relações** dos atores entre si, assim como a **relação** com outros indivíduos da rede. Outra forma de definir o significado de uma rede social é caracterizá-la como uma interação social entre os indivíduos através de vínculos, diretos e indiretos (STEINER, 2006).

Esses vínculos foram estudados por Granovetter em 1973 no seu artigo denominado “*The Strength of Weak Ties*” ou “A força dos laços fracos”. Para obter as conclusões encontradas através da medida da força dos laços, Granovetter (1973) utilizou uma amostra aleatória de pessoas do subúrbio de Boston, Estados Unidos, à procura de recolocação profissional. Para aqueles que conseguiram encontrar um novo emprego, o pesquisador perguntou qual a frequência de contato com a pessoa que passou informação sobre a vaga. A seguinte medida foi considerada: frequentemente (pelo menos duas vezes por semana); ocasionalmente (mais de uma vez por ano, porém menos de duas vezes por semana); e raramente (uma vez por ano ou menos).

Os resultados encontrados foram que 16,7% dos entrevistados afirmaram ter contato com a pessoa que passou a indicação do emprego frequentemente. Já 55,6% responderam ocasionalmente e 27,8% disseram raramente. Muitos afirmaram que a informação veio de um ex-colega de trabalho ou um antigo amigo de faculdade cujo contato esporádico havia sido mantido. Logo, diferentemente da visão tradicional, que considera os indivíduos com vínculos fortes como os mais motivados a auxiliar na busca de um novo emprego, a pesquisa de Granovetter chega à conclusão contrária. Dessa maneira, o autor argumenta que os indivíduos que possuem ligações fracas entre eles tendem a circular em contextos diferentes, e por isso, possuem maior propensão a receber informações distintas, auxiliando, por exemplo, nessa busca de emprego (Granovetter, 1973).

Dez anos depois, em 1983, Granovetter fez uma revisão dos conceitos através do artigo "*The Strength of Weak Ties: a network revisited*" ou "A força dos laços fracos: a teoria da rede revisitada". Nesses trabalhos, Granovetter conecta os níveis macro e micro entre os atores sociais da teoria sociológica através de ferramentas de análise de redes sociais. Para o autor, existem os micro fenômenos, em que a maioria dos modelos de rede estão imersos implicitamente em laços fortes, restringindo sua atuação a grupos pequenos. E também existem os macro fenômenos, como uma organização comunitária ou mobilidade social, que também são estudados pela análise das redes sociais através da força dos laços. Logo, esse estudo das relações macro e micro auxilia no entendimento das redes interpessoais através da força dos laços (Granovetter, 1973).

Como definição de laços interpessoais, Granovetter explica que a força de um laço é representada pela combinação, provavelmente linear, de quatro fatores, independentes entre si, são eles: a intensidade emocional, confiança mútua ou intimidade, quantidade de tempo e a reciprocidade. Esses fatores são altamente correlacionados entre si, podendo ser caracterizados como fracos, fortes ou ausentes. De forma mais explicativa, os laços fortes (*strong ties*) são contatos de alta frequência e grande intensidade representados pela família e amigos mais próximos. Os laços fracos (*weak ties*), menor frequência e baixa intensidade, são formados por conhecidos distantes com pouco contato pessoal. Já os laços ausentes denotam a inexistência de relacionamento interpessoal.

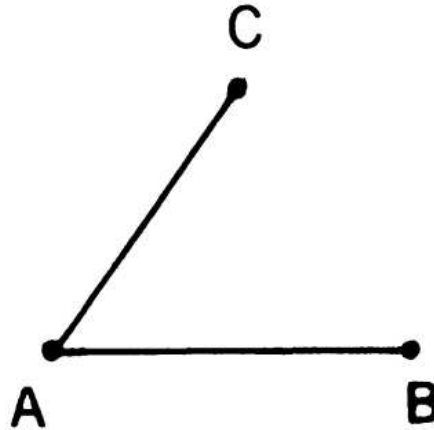
Dessa forma, o autor argumenta, de acordo com sua pesquisa, que quanto mais laços fortes o indivíduo tiver, em detrimento do número de laços fracos, mais restrito ele ficará às informações que tramitam neste grupo de amigos ou familiares. Logo, a expansão da sua rede torna-se limitada, pois os grandes agentes promotores da coesão social são os laços fracos, responsáveis por interligar grupos heterogêneos. Esse desenvolvimento das redes é proporcional ao "protagonismo" de atores estabelecidos como "pontes", linha que une dois atores sociais ou grupos distintos.

Para entender essas redes de relações sociais, é preciso estudar as hipóteses básicas dos diferentes tipos de laços. O modelo de Granovetter e a difusão dos laços fracos torna-se mais fácil de entender a partir da tríade proibida, ou seja, a tríade mais improvável de acontecer entre os atores A, B e C.

Uma vez que A e B estão fortemente interligados, assim como A também tem laço forte com C, o mesmo deveria ocorrer entre B e C. No entanto, o laço entre B e C é ausente, como apresentado na figura 17. Logo, o autor propõe que a tríade representada na figura

abaixo nunca acontece na prática, pois deveria existir um laço fraco ou forte conectando B e C (Granovetter, 1973).

Figura 17 - Triáde proibida



Fonte: Granovetter, 1973, p. 1963

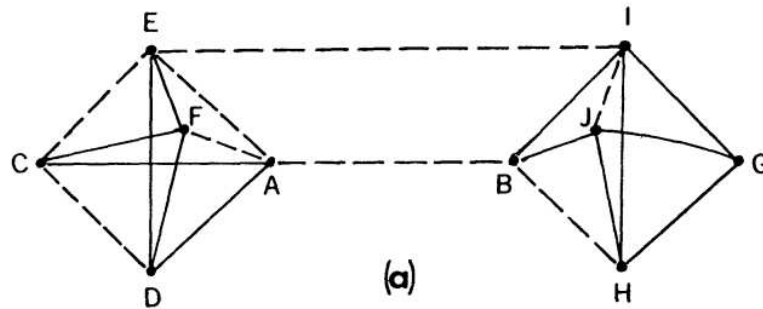
Através dessa argumentação sobre a inexistência da triáde proibida, torna-se possível compreender o conceito de pontes, uma vez que elas representam uma rota de informações de qualquer contato de A para qualquer contato de B, e conseqüentemente, de qualquer indivíduo conectado indiretamente a A para qualquer indivíduo conectado indiretamente a B. Logo, retomando a triáde proibida, se existe um laço forte de A até B e de A com C, portanto, há um laço entre B e C. No entanto, A com B e A com C não são pontes, pois se configuram como laços fortes. Granovetter explica melhor em sua expressão "*no strong tie is a bridge*", ou seja, "nenhum laço forte é uma ponte" no excerto:

Um laço forte pode ser uma ponte, entretanto, somente se nenhum dos dois indivíduos envolvidos na relação tenha outro laço forte, isso é improvável dentro de uma rede social de tamanho relevante (embora possível em um grupo pequeno). Os laços fracos não padecem dessa restrição, todavia eles certamente não são automaticamente pontes. O que é importante notar é que todas as pontes são laços fracos (Granovetter, 1973, p. 1364, tradução nossa).

A representação gráfica de uma ponte ou *bridge* é melhor ilustrada na figura 18, com o caminho A-B e E-I. Essas duas pontes, caracterizadas como laços fracos e representadas pelas linhas pontilhadas, ilustram o único caminho possível para a união de dois indivíduos ou dois grupos separados entre si. Assim, essas duas pontes formam uma rede que ligam grupos heterogêneos, representando a única rota de informações ou influência possível. No entanto,

cabe destacar que, as relações sociais, quando presentes em grandes redes, dificilmente serão representadas apenas por uma "ponte" para criar interação entre os pontos (Granovetter, 1973).

Figura 18 - Representação gráfica da força dos laços



Fonte: Adaptado de Granovetter (1973)

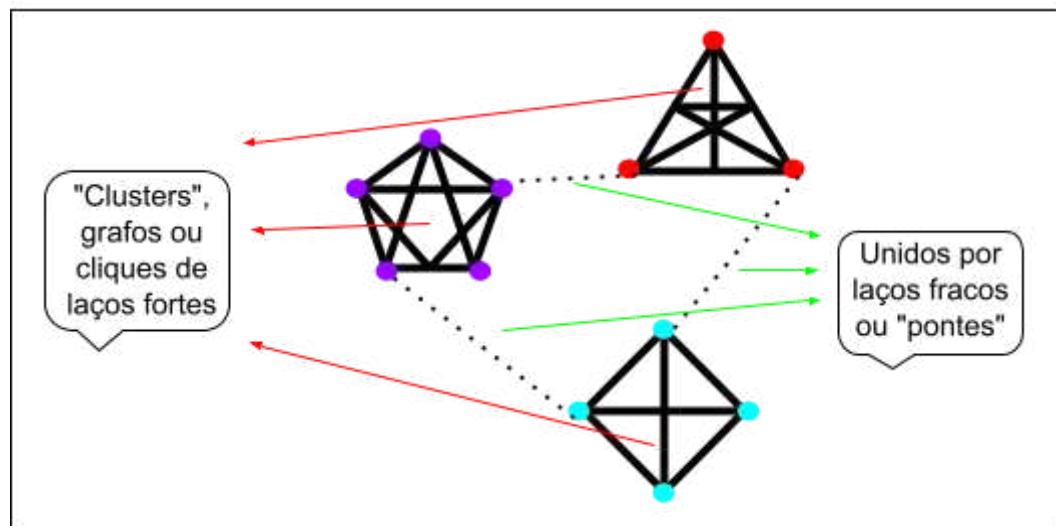
A circulação de informação nessa rede da figura 17 presume que a força dos laços fracos possibilita o atingimento de um maior número de pessoas (Granovetter, 1973). Dessa forma, quando os cidadãos de uma comunidade estão fortemente enraizados na mesma, podem ter a impressão de que suas ações e as atividades do grupo não dependem de forças externas (Granovetter, 1983). Assim, quanto mais fechada for a rede de um grupo de pessoas, mais laços fortes, representados pela rede afetiva, e conseqüentemente, os vínculos serão mais densos. Já quanto mais aberta a rede estiver às conexões externas, mais laços fracos se formarão, constituindo redes com vínculos menos densos e maior acesso às informações (Granovetter, 1973).

Assim, as pontes existentes nas redes sociais são constituídas pelos laços fracos e representam um caminho maior e mais difuso das informações a um maior número de pessoas. Esses laços fracos também são importantes para a força e expansão das redes ao conectar *clusters* diferentes que não possuem ligações entre si. O autor ainda argumenta que, pessoas com muitos laços fracos são as maiores difusoras da inovação, uma vez que parte desses vínculos se caracterizaram como pontes locais, sendo constituídas por cidadãos com experiências bastante diferentes entre si (GRANOVETTER, 1973). Cabe destacar que, no seu estudo posterior, denominado *The Strength of Weak Ties: A Network Theory Revisited* (1983), Granovetter se volta novamente aos conceitos já abordados em 1974, enfatizando que os laços

fracos são fundamentais para o estudo da difusão da inovação em razão de serem formados por redes de indivíduos com experiências diversas.

Na figura 19, torna-se mais explicativo o fato dos laços fortes serem restritos aos seus *clusters* (também denominados de grafos ou cliques), ou seja, indivíduos que compartilham de um mesmo círculo social. Já os laços fracos, que são a representação das pontes entre os diferentes *clusters*, conectam as "ilhas isoladas" dos grafos com vários outros grupos formando uma rede social. Assim, quanto menos relações de laços fracos em uma rede com diversos *clusters* formados por laços fortes, menos pontes ou *bridges*, e conseqüentemente, menos inovação (GRANOVETTER, 1973;1983).

Figura 19 - Ligações fortes e fracas de Granovetter



Fonte: Elaborado pela autora com base em Granovetter (1973; 1983)

Logo, Granovetter (1973;1983) explica que as pessoas com poucos laços fracos ficarão isoladas às informações que circulam apenas em seus *clusters*, limitando-se aos conhecimentos repassados por amigos íntimos ou parentes próximos. Por isso, a importância dos laços fracos dentro dos sistemas sociais na integração dos cidadãos à sociedade, disseminação de informações e inovação. Na difusão de inovações, apesar dos laços fracos serem fundamentais nesse processo, nem sempre ocorre uma fácil aceitação, requerendo a identificação e confiança entre os membros de uma comunidade, ou seja, uma rede bem estabelecida de laços fortes. Além disso, dependem também dos indivíduos estabelecerem laços fracos que permitam a formação de redes eficientes no deslocamento da informação. Dessa forma, pessoas com muitos laços fracos possuem maiores condições de difundir uma inovação, desde que grande parte desses laços sejam pontes locais. Caso o indivíduo que está

disseminando essa inovação possua poucos laços fracos, aumenta a probabilidade da inovação ficar confinada em um pequeno grupo sem alcançar a capacidade de difusão.

Granovetter também alia o estudo de organizações comunitárias relacionadas aos laços fracos. Para isso, desenvolve seus argumentos no sentido de entender o porquê algumas comunidades voltam-se a objetivos comuns de forma facilitada, enquanto outras possuem dificuldades em mobilizar recursos mesmo recebendo pressão dos atores sociais. Para responder a esse questionamento, Granovetter sugere o estudo da rede de laços que compõem essas comunidades para observar quais características das suas estruturas favorecem ou impedem a organização dos atores locais. Logo, a força dos laços é o arcabouço teórico para analisar a capacidade de um grupo seguir em direção a objetivos comuns. Um primeiro passo para essa investigação pode ser "quanto mais pontes locais (por pessoa?) em uma comunidade e quanto maior seu grau, mais coesa a comunidade e mais capaz de agir em conjunto", (GRANOVETTER, 1973, p. 1376, tradução nossa).

Para exemplificar melhor, Granovetter (1973) traz a seguinte citação de Katz e Lazarsfeld (1955) e Rogers (1962):

Imagine, para começar, uma comunidade completamente dividida em pequenos grupos de pessoas, de tal forma que cada pessoa esteja ligada a todas as outras em seu grupo e a ninguém de fora. A organização comunitária seria severamente inibida. Panfletos, anúncios de rádio ou outros métodos poderiam garantir que todos estivessem cientes de alguma organização nascente; mas estudos de difusão e comunicação de massa mostraram que as pessoas raramente agem sobre as informações da mídia de massa, a menos que também sejam transmitidas por meio de laços pessoais (Katz e Lazarsfeld, 1955 e Rogers, 1962 *apud* Granovetter, 1973, p. 1374, tradução nossa).

Dessa forma, vê-se a relevância e importância dos laços fracos e da expansão da rede na dinâmica de uma comunidade e na difusão de inovações. Com essas reflexões, percebe-se como os conceitos de inovação, redes e laços fracos estão interligados. Assim, traz-se na próxima seção a operacionalização desse questionamento de Granovetter em relação a mobilização de atores em organizações comunitárias, com base no atual objeto de pesquisa, a Revolução dos Baldinhos, através do desenvolvimento dos procedimentos metodológicos.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Após ser realizada a explanação teórica sobre inovação social, apresentando a origem, diferentes conceitos, correntes teóricas e dimensões de análise, torna-se possível analisar o caso da Revolução dos Baldinhos, a partir de um percurso metodológico estruturado. Este capítulo visa apresentar o percurso metodológico adotado, a fim de possibilitar a investigação dos vínculos existentes através da teoria da força dos laços fracos de Mark Granovetter (1973). O texto encontra-se subdividido em quatro seções: na primeira detalha-se o delineamento da pesquisa expondo o tipo de abordagem utilizada, o objetivo do estudo, a estratégia e o tipo de caso; na segunda seção é explicado o processo de coleta dos dados de acordo com cada objetivo específico da dissertação, destacando as fontes de dados utilizadas para o alcance das dimensões e indicadores de análise; na terceira seção trata-se como os dados foram analisados para possibilitar a resposta à pergunta de pesquisa; e na última seção apresenta-se as premissas éticas utilizadas como base na pesquisa.

3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

Inicia-se a exposição do delineamento metodológico desta pesquisa evidenciando o desafio por trás do presente desenvolvimento de um arcabouço metodológico para esta dissertação. Tal fato ocorre em razão da complexidade do fenômeno estudado, ou seja, a análise do efeito dos laços fortes e fracos em uma inovação social e o reduzido número de trabalhos acadêmicos, tanto no cenário nacional quanto internacional, utilizando o arcabouço teórico de Granovetter no estudo das inovações sociais.

Por esta razão, tornaram-se expressivos os meus esforços para encontrar um conjunto de procedimentos capazes de elucidar o caminho a ser seguido durante essa investigação. Assim, para entender as relações estabelecidas entre indivíduos, instituições e empresas com uma iniciativa de inovação social, esta pesquisa fundamenta-se na utilização de ferramentas metodológicas qualitativas, utilizando a estratégia do estudo de caso para melhor compreensão do fenômeno.

A escolha da abordagem qualitativa é intrínseca ao caso estudado, a Revolução dos Baldinhos, excluindo a possibilidade de utilização de outra alternativa metodológica em razão das características próprias do fenômeno, ou seja, a rede de relações estabelecidas entre os atores sociais que compõe a inovação social investigada. Flick (2009) complementa que, de modo diferente da pesquisa quantitativa, os métodos qualitativos consideram a subjetividade

dos pesquisadores e dos indivíduos estudados, a comunicação como parte do processo de produção de conhecimento. As reflexões e observações pessoais dos atores que efetivam as pesquisas acadêmicas são importantes, assim como suas impressões e sentimentos podendo ser até protocoladas em um diário de estudos. Assim, o caso solicita técnicas diferentes daquelas provenientes de métodos quantitativos para compreender a formação das redes de atores sociais e os efeitos dos laços fracos ou fortes na dinâmica da inovação social. Logo, a pesquisa qualitativa enquadra-se como a melhor opção ao propósito do estudo.

Por se tratar de uma investigação que visa explicar, no sentido literal do verbo, que segundo o dicionário Michaelis (2023) significa "tornar claro ou fácil de entender", o fenômeno da dinâmica de formação de laços fracos e fortes de uma IS dentro da Revolução dos Baldinhos, o estudo pode ser definido como de objetivo explicativo. Dessa maneira, esse tipo de objetivo é considerado o mais adequado, visto sua principal preocupação em "identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos" (GIL, 1991, p. 46). Esse é o tipo de pesquisa que "mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas" (GIL, 2017, p. 42). Logo, vê-se que a escolha do objetivo conforme o problema de pesquisa da dissertação não poderia ser diferente, já que não possui aderência suficiente com as outras duas possibilidades: a pesquisa descritiva ou exploratória. De maneira resumida, enquanto a descritiva tem como objetivo central a descrição das particularidades de uma população, a exploratória visa construir hipóteses sobre um tema ainda pouco conhecido por meio do aprimoramento de ideias ou descobertas e da aproximação entre o pesquisador com o tema (GIL, 2017). Na RB, por meio da minha experiência pessoal, a problemática já é muito conhecida, pois foi vivenciada na prática desde 2019, por isso busca-se entender a razão do seu acontecimento e não o aprofundamento no tema.

O estudo de caso configura-se como a melhor opção de delimitação metodológica, pois o método permite conhecer em profundidade o caso de pesquisa, possibilitando a análise do papel dos laços na IS. A escolha do estudo de caso também é justificada pela necessidade de combinação de diversas técnicas de coleta e análise de dados para explicar o caso. Gil (2017) justifica essa combinação em razão da característica particular do estudo de caso de se aprofundar em um objeto, de modo a detalhar todas as suas particularidades. Segundo Godoy (1995), este estudo acontece por meio de um problema da vida real ou uma unidade social analisada de forma profunda, como é o caso da RB e os desafios vivenciados no cotidiano da associação. O autor complementa que, apesar do pesquisador iniciar o estudo com um esquema teórico pré-desenvolvido, deverá estar aberto às novas descobertas e aos novos

elementos que irão surgir. Cabe destacar que, o investigador utiliza dados coletados em momentos diferentes através de diversas fontes de informação.

De forma a possibilitar uma visão resumida dos procedimentos metodológicos adotados no estudo, apresenta-se no quadro 10 uma síntese da metodologia apresentada.

Quadro 10 - Síntese dos procedimentos metodológicos

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS		
Abordagem	Objetivo	Estratégia de Pesquisa
Qualitativa	Explicativo	Estudo de Caso

Fonte: Elaborado pela autora

Levando em consideração que, a presente pesquisa tem como objetivo geral analisar o efeito dos laços fracos na inovação social a partir do caso da Revolução dos Baldinhos, para alcançá-lo foram definidos quatro objetivos específicos que demandam técnicas distintas de coleta e análise de dados, abordados nas seções seguintes.

3.2 COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

Para possibilitar a coleta de dados, Yin (2015) destaca que, em um estudo de caso, as fontes poderão ser de seis tipos diferentes: entrevistas, observação participante, observação direta, documentos, registros em arquivos e artefatos físicos. O autor ainda argumenta que, apesar da coleta de dados em um estudo de caso seguir um protocolo pré-estabelecido, a coleta das informações não é previsível, assim continuamente o pesquisador vai se questionar sobre o porquê do acontecimento, de determinadas percepções ou eventos. Dessa forma, destaca-se a necessidade de articulação na formulação das questões conforme surgem evidências adicionais.

Por isso, para viabilizar a coleta de dados da dissertação, dada a complexidade das relações estabelecidas entre os diversos atores existentes na Cozinha Mãe, foram utilizadas três fontes de evidências: análise de documentos, entrevistas e observação participante. É importante salientar o alerta de Yin (2015) quanto aos riscos das combinações de múltiplas

fontes de evidências. O autor afirma que o investigador “deve ser capaz de interpretar a informação à medida que está sendo coletada e saber imediatamente, por exemplo, se várias fontes de informação se contradizem, levando à necessidade de evidência adicional como faria um bom detetive” (Yin, 2015, p. 80).

Logo, na fase da pesquisa da coleta de dados, segundo Vergara (1998), as informações podem ser coletadas a partir de dois tipos distintos: os dados primários e os dados secundários. A seguir, com base em cada objetivo específico, será explicitado qual tipo de dado foi utilizado para cada fase do estudo.

Para responder o primeiro e segundo objetivo específico, foi aplicado o questionário nas entrevistas semiestruturadas. A primeira entrevista foi empreendida com a Cíntia Aldaci da Cruz, presidente da Revolução dos Baldinhos (roteiro disponível no apêndice III) que indicou outros indivíduos caracterizados como atuais ou ex-colaboradores/ex-voluntários proeminentes da associação para serem entrevistados (roteiro no apêndice V). Ao ser questionada para sugerir outras pessoas para a mesma conversa, Cíntia trouxe alguns nomes:

O William é uma pessoa boa, o William é um para falar assim da realidade do projeto [...] Aí dá pra ver, da comunidade dá pra chamar o Negreira, o Gabriel. Na cozinha tem a Vera, a Vera, tipo assim, foi uma pessoa que apoiou forte e ela veio na mudança. A Vera chegou na cozinha depressiva, a Vera veio pedir ajuda e tava precisando de coisas pra cozinha: [...] Então, é o Gabriel, a Vera, a Stela da cozinha, são as mais antigas. Se quiser botar a dona Dina, meu Deus do Céu, e ela sabe de todos (os problemas) .

Assim, William e Vera foram entrevistados e com as outras pessoas indicadas pela líder comunitária não foi possível estabelecer contato por inúmeras razões. Referente à Dina, foi possível apenas uma conversa pelo aplicativo *whatsapp* na tentativa de marcar um encontro presencial para a entrevista, no entanto devido a indisponibilidade de tempo da moradora da Chico Mendes, não tornou-se possível. Relacionado ao Gabriel Negreira, a entrevista não aconteceu por motivos de saúde. E, por fim, quanto à Stela, seu número de telefone não foi encontrado.

Referente aos entrevistados, William já atuava na associação antes da pandemia e retornou ao final do ano de 2020 para apoiar as atividades.

Eu tava antes da pandemia, só que daí durante o período da pandemia, bem no começo, eu não tava indo muito lá na Chico, entendesse? Eu tava ficando mais na Palhoça, mas eu tava acompanhando mais a distância a situação. Aí tipo, meados de outubro/setembro, tipo voltei a frequentar mais assim a Cozinha/ a Revolução [...] Aí tipo assim, no final de 2020, tipo aí eu voltei assim e não larguei mais, fiquei até acho que março desse ano, março/abril desse ano (2022), assim fixo, tá ligado?

Dentre as funções que William auxiliava como voluntário, estavam desde aquelas relacionadas à compostagem, através da coleta dos resíduos orgânicos e virada das leiras (manutenção do funcionamento da Revolução dos Baldinhos), assim como o auxílio no desenvolvimento de atividades culturais, de formação e de acesso à alimentação (práticas referentes às atividades Cozinha Mãe, projeto vinculado a RB).

Nas leiras, só que eu dava uma força também na Cozinha. A gente fez algumas atividades, teve uma atividade lá que eu ajudei a construir bastante, que foi o Dia das Crianças que foi massa pra caramba, entendeu? [...] **Cara, eu ajudei a Cíntia, tipo assim, na época da pandemia, a doar cesta básica, não arrecadar. Mas direcionar .**

A outra entrevistada, Vera Luçia Veloso Farias auxiliou nas atividades desenvolvidas na Cozinha Mãe durante o período de dois anos, como auxiliar de cozinha e cozinheira de forma voluntária, no entanto, precisou se afastar por motivos de saúde.

Eu lembro de bastante coisa, eu fazia comida, né? Eu trabalhava duas vezes na semana ali, né? Eu fiquei dois anos, dois anos, vai fazer 3 meses que eu to parada porque eu fiz uma cirurgia no colo do útero, daí eu sinto muita dor, entendeu? Daí tipo assim, vai fazer três meses que eu to parada sem ir lá (na Cozinha Mãe). Daí eu disse pra ela (Cíntia) antes de eu me recuperar bem, não dá. Eu fiquei dois anos ali.

Nos próximos tópicos, serão abordados os procedimentos metodológicos adotados na coleta e análise de dados, destrinchados a partir do primeiro até o último objetivo específico.

3.2.1 Coleta e análise de dados referente ao primeiro objetivo específico

Para encontrar o percurso metodológico que tornou possível o atingimento do primeiro objetivo específico - **Reconstituir a história da Revolução dos Baldinhos a fim de identificar em sua linha do tempo uma situação que demandou um processo de inovação social** - foram utilizados dados secundários, através de pesquisa documental, e dados primários, através da primeira entrevista semiestruturada com a líder comunitária, além da observação participante.

Dentre as principais fontes de informações que são provenientes os dados secundários coletados, estão trabalhos de conclusão de curso, principalmente o de minha autoria em conjunto com a Maryane Cristina de Souza, dissertações, teses e artigos científicos de outros autores, que apesar de não se referirem exatamente a mesma construção teórica desta pesquisa, exploraram a história da RB.

Além disso, a busca também envolveu notícias em jornais virtuais, *blogposts*, redes sociais, trabalhos técnicos, fotos, vídeos e premiações. Por fim, também foi realizada uma pesquisa documental de materiais da própria associação, presentes, em sua maioria, no *Google Drive* da RB. Godoy (1995) destaca que os documentos constituem uma fonte de dados valiosa para a pesquisa, uma vez que podem ser reexaminados diversas vezes, gerando novas interpretações e trazendo contribuições importantes nos estudos qualitativos. No entanto, salienta-se que, até mesmo os registros oficiais não devem ser considerados como verdades absolutas, mas sim como verdades inseridas em um determinado contexto de acordo com a finalidade pretendida e a interpretação pessoal do fenômeno (Saldanha e O'Brien, 2014).

Para complementar as informações procedentes dos dados secundários, também foram coletados dados na primeira entrevista com a Cíntia Aldaci da Cruz, em que a líder comunitária relembrou pontos marcantes da história da Revolução dos Baldinhos. Para identificar nesta entrevista uma situação que demandou um processo de inovação social, a entrevistada foi questionada com a seguinte pergunta: "Cíntia, eu gostaria de resgatar alguns momentos da história da Revolução dos Baldinhos e pedir para você me contar situações/desafios que você lembra que a RB vivenciou ao longo dos anos e quais foram as ações tomadas no enfrentamento dessas situações". Através desse questionamento, a líder comunitária iniciou a sua fala sobre a Cozinha Mãe.

O atingimento do primeiro objetivo específico também foi possível através da minha observação participante que possibilitou uma reconstituição histórica mais completa da Revolução dos Baldinhos e o encontro de informações sobre a situação que demandou a mobilização comunitária para enfrentamento de um problema social existente no território da associação. Assim, dentre todos os momentos identificados na história da RB, a Cozinha Mãe foi selecionada como objeto de estudo.

De modo a facilitar a visualização dos caminhos percorridos para o atingimento dos quatro objetivos específicos, cada um deles será caracterizado com uma representação gráfica. Abaixo, na figura 20, apresenta-se a de um problema social existente no território que, por sua vez, transformou-se em uma situação de mobilização comunitária, acarretando em uma inovação social.

Figura 20 - Representação visual inicial do primeiro objetivo específico



Fonte: Elaborada pela autora (2022)

A fim de analisar os dados coletados para responder ao primeiro objetivo específico, que por sua vez são provenientes de múltiplas fontes de evidências - documentos, entrevistas semiestruturadas e observação participante - torna-se necessário transformar os dados em informações, e para isso, utiliza-se a estratégia analítica da triangulação entre as diversas fontes de conhecimento. Como técnicas metodológicas serão utilizadas a análise de conteúdo e a análise documental de Laurence Bardin. Referente ao primeiro, para a pesquisadora, a análise de conteúdo designa:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Bardin, 2011, p. 47).

Já a análise documental, para Bardin (1977, p. 45), é “uma operação ou um conjunto de operações visando representar o conteúdo de um documento sob a forma diferente do original, a fim de facilitar num estado ulterior, a sua consulta e referência”.

Essas duas estratégias, possuem algumas diferenças entre si em relação aos seus objetivos. Enquanto a análise de conteúdo manipula o conteúdo e a expressão das mensagens coletadas no campo, a análise documental representa de forma compacta a informação para consulta e armazenagem (BARDIN, 2004).

3.2.2 Coleta e análise de dados referente ao segundo objetivo específico

O percurso metodológico utilizado para atingir o segundo objetivo específico - **Mapear os atores sociais proeminentes envolvidos na situação identificada** - também ocorreu através dos dados secundários, primários e observação participante. Quanto aos secundários, foram explorados documentos pertencentes à associação e outros materiais encontrados na *internet*. Já referente aos dados primários, as informações são provenientes das entrevistas com a Cíntia, William e Vera. Essas conversas captaram os aspectos envolvidos na construção das relações sociais a partir da história narrada pelos indivíduos.

Assim, a identificação dos atores proeminentes ocorreu através da análise da fala dos entrevistados, tanto em relação a **repetição de nomes** de atores atribuídos como protagonistas na situação analisada, quanto referente ao **grau de importância** do papel daqueles indivíduos, empresas ou instituições na manutenção das atividades do momento selecionado para análise, qual seja: a Cozinha Mãe. A fim de unificar os nomes trazidos no mapeamento de cada entrevistado, criou-se uma nuvem de palavras englobando essas informações.

Destaca-se também que as entrevistas foram feitas de forma presencial na comunidade Chico Mendes com tempo de duração em torno de uma hora. As entrevistas foram gravadas para transcrição.

Na representação gráfica do segundo objetivo específico, figura 21, são acrescentados os desenhos em formato de estrela para representar os atores sociais mais proeminentes da situação selecionada para análise. Explica-se, novamente, que por atores sociais mais proeminentes são aqueles indivíduos com maior frequência de aparecimento no relato dos entrevistados e maior grau de importância atribuído ao papel de suas funções na manutenção das atividades da cozinha solidária.

Figura 21 - Representação visual do segundo objetivo específico



Fonte: Elaborada pela autora (2022)

Assim, como exposto no objetivo anterior, no segundo objetivo específico também serão utilizadas como técnicas metodológicas de análise de dados a análise de conteúdo e documental de Bardin (1977).

3.2.3 Coleta e análise de dados referente ao terceiro objetivo específico

Após realizar o mapeamento dos atores mais proeminentes nas atividades da Cozinha Mãe, buscou-se atingir o terceiro objetivo específico - **Identificar a força do laço entre cada ator social proeminente mapeado e a inovação social** - através da aplicação de um questionário com a líder comunitária.

Cabe destacar que, nesta etapa da coleta de dados, a líder comunitária respondeu um questionário (detalhado na seção 3.2.3.1) dado que, seu intenso e duradouro engajamento com a RB, a proporciona um expressivo conhecimento sobre o contexto. Assim, para tornar possível a identificação da força do laço, construção teórica de Mark Granovetter (1973), foi necessário pautar o planejamento desse questionário em dimensões e indicadores baseados nas categorias de análise de Granovetter, conforme será explorado no parágrafo abaixo.

3.2.3.1 Definição da dimensão e indicadores

De acordo com a teoria de Mark Granovetter (1973) sobre a força dos laços fracos, o vínculo entre os indivíduos representa uma combinação, provavelmente linear, de quatro fatores independentes entre si: a quantidade de tempo, intimidade ou confiança mútua, intensidade emocional e reciprocidade. Com base nessa construção teórica, adaptou-se às dimensões e indicadores aos interesses dessa pesquisa.

O fator Intensidade de Granovetter (1973) foi adaptado para a dimensão **Envolvimento**, com o objetivo de entender quão envolvidos estavam os atores sociais com as atividades da Cozinha Mãe. Para verificar a existência desse comprometimento, utilizou-se dois indicadores para análise: **Vivência no cotidiano** e a **Proposição de soluções**.

Baseado no fator Quantidade de Tempo de Granovetter (1973), que representa a frequência de contato entre dois indivíduos para definir a força do laço entre eles, foi criada a dimensão **Tempo**, para analisar o período temporal em que os atores estiveram envolvidos nas atividades da Cozinha Mãe. Assim, para identificar o período de tempo do relacionamento entre atores e a cozinha solidária foram utilizados os seguintes indicadores: **Frequência nas atividades** e **Longevidade do vínculo**.

Por fim, com base no fator Reciprocidade de Granovetter (1973), foi criada a dimensão **Parceria** para analisar a natureza da cooperação dos atores sociais com a Cozinha Mãe. Para verificar essa característica estabeleceram-se os indicadores **Colaboração** e **Recurso humano e material**.

O fator Intimidade estabelecido por Granovetter para explicitar a força de um laço entre dois indivíduos não foi considerado, devido às características particulares da presente dissertação, que analisa a força do vínculo entre atores sociais e uma inovação social, qual seja, a Cozinha Mãe. Esta análise é diferente da existente no artigo Granovetter (1973), que analisa a força dos laços entre dois indivíduos. Dessa forma, existe a limitação de estudar a intimidade entre pessoa, empresa ou instituição e uma organização sem fins lucrativos, por isso esse fator não foi considerado na criação de uma nova dimensão.

A partir dessas dimensões e indicadores estabelecidos com base nas categorias de Granovetter, tornou-se possível desenvolver um questionário para identificar a força dos laços entre cada um dos atores sociais proeminentes identificados no objetivo específico 2 e com a Cozinha Mãe. Para cada questão, foram criadas opções de respostas fechadas sendo essas respostas estavam associadas a um tipo de laço: "laço forte", "laço tendendo a forte", "laço tendendo a fraco" e "laço fraco". Destaca-se, no entanto, que a respondente do questionário não tinha acesso ao tipo de laço que a resposta estava associada (quadro 11).

Destaca-se que, esse questionário foi aplicado repetidas vezes, ou seja, uma aplicação do questionário para cada ator social proeminente mapeado, totalizando 13 questionários preenchidos ao total. A estratégia da utilização desse instrumento de coleta de dados com respostas fechadas foi utilizada com o intuito de possuir uma base de comparação entre os diferentes atores sociais analisados.

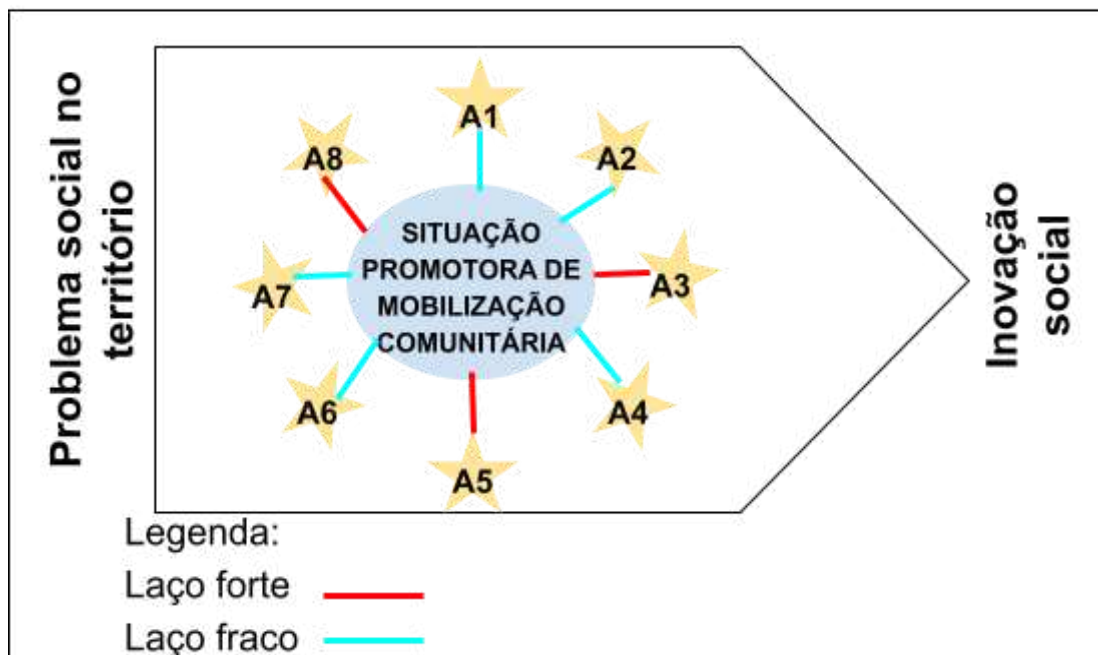
Quadro 11 - Perguntas para identificação da força dos laço

DIMENSÕES	DEFINIÇÃO DA DIMENSÃO	INDICADORES	PERGUNTAS	TIPO DE LAÇO
ENVOLVIMENTO	O grau de envolvimento dos atores sociais com a Cozinha Mãe	Vivência no cotidiano	A pessoa/instituição vivenciava em seu dia-a-dia a situação que a Cozinha Mãe se propôs a solucionar?	Laço muito forte: Sim, vivia na pele o problema, passava fome ou grandes dificuldades financeiras Laço forte: Sim, vivia na pele, mas não passava fome, apenas morava na comunidade Laço fraco: Não vivia o problema, mas conhecia algumas pessoas que viviam Laço muito fraco: Não, não sentia o problema em seu dia-a-dia
		Proposição de soluções	A pessoa/instituição propunha soluções para os problemas e encabeçava as atividades?	Laço forte: A pessoa/instituição era capaz de identificar os problemas cotidianos na Cozinha Mãe Laço fraco: A pessoa/instituição não era capaz de identificar os problemas cotidianos na Cozinha Mãe
TEMPO	O período temporal dos atores sociais na resolução da situação analisada na Cozinha Mãe	Frequência nas atividades	Qual era a frequência de contato da pessoa/instituição com a Cozinha Mãe?	Laço muito forte: Mais de uma vez por semana Laço forte: Menos de uma vez por semana e mais de uma vez por mês Laço fraco: Menos de uma vez por mês Laço muito fraco: Apenas 1/ 2/ 3 vezes ao ano
		Longevidade do vínculo	Há quanto tempo a pessoa/instituição participa/participou das atividades da Cozinha Mãe?	Laço muito forte: Mais de um ano Laço forte: De 6 meses até 1 ano Laço fraco: De 3 meses até 6 meses Laço muito fraco: Menos de 3 meses
PARCERIA	A natureza da cooperação dos atores sociais com a Cozinha Mãe.	Colaboração	Você sentia que poderia contar/confiar com essa pessoa/instituição em qualquer situação, mesmo com o surgimento de um grande problema?	Laço forte: Sempre tinha disponibilidade para auxiliar em qualquer situação Laço fraco: Eventualmente auxiliava nas situações necessárias
		Recurso humano e material	Que tipo de recurso a parceria fornecia à Cozinha Mãe? Dinheiro, tempo, alimentos?	Laço forte: Ajudava essencialmente na doação do seu tempo nas atividades cotidianas Laço fraco: Ajudava essencialmente na mobilização de recursos materiais e financeiros

Fonte: Elaborado pela autora

Na representação visual do terceiro objetivo específico (figura 22) foram acrescentadas linhas azuis e vermelhas, conectando as estrelas, ou os atores sociais, à situação promotora de uma mobilização comunitária. As linhas azuis representam, hipoteticamente, os laços fracos, e as linhas vermelhas, os laços fortes. Esses vínculos, fracos ou fortes, foram definidos conforme as respostas do questionário pela líder comunitária.

Figura 22 - Representação visual do terceiro objetivo específico



Fonte: Elaborada pela autora (2022)

Na análise dos dados coletados no presente objetivo específico, será utilizada apenas a estratégia metodológica da análise de conteúdo da Bardin (1977) apoiada pela criação das dimensões e indicadores expostos na seção anterior para pautar a análise. Como a análise de conteúdo é formada por três etapas - pré-análise, exploração dos materiais e tratamento dos resultados obtidos - depois de realizar a pré-análise com a leitura flutuante e formulação dos objetivos, é necessário criar indicadores que facilitem a interpretação (BARDIN, 2011; 2016).

Assim, inicia-se a segunda fase que corresponde a exploração do material, possibilitando que os dados obtidos sejam codificados e categorizados. De forma mais explicativa, o conteúdo da coleta de dados é recortado em unidades de codificação, podendo ser representado por uma palavra, frase ou tema, para posteriormente, serem agrupados de acordo com a temática formando uma categorização inicial. Depois de criados, esses conjuntos serão agrupados por temas gerando as categorias intermediárias, e ao fim, se

associarão as categorias finais. Assim, seguindo um movimento contínuo, as categorias tornam-se cada vez mais apropriadas aos propósitos do estudo. (BARDIN, 2011; 2016).

3.2.4 Coleta e análise de dados referente ao quarto objetivo específico

Por fim, a coleta de dados para atingir o quarto objetivo específico da presente dissertação - **Descrever os efeitos dos laços fracos e fortes na inovação social** - aconteceu através de uma segunda rodada de entrevista semiestruturada com a líder comunitária, ou seja, por meio de dados primários.

O interesse nesse momento foi capturar a percepção da entrevistada quanto ao efeito que cada um dos atores proeminentes gerou na inovação social. Para isso foram estabelecidas três dimensões: atores, recursos e impacto. A primeira dimensão, atores, foi analisada por meio do indicador **Origem do contato**. Aqui buscou-se identificar como o ator social conheceu a Cozinha Mãe.

A segunda dimensão, **Recursos**, buscou-se analisar os recursos proporcionados pelos atores sociais à Cozinha Mãe por meio de dois indicadores: Grau de relevância do recurso, na qual buscou-se identificar a importância do recurso fornecido pelo ator para o desenvolvimento da inovação social; e Acesso, na qual buscou-se identificar o quanto o acesso ao recurso fornecido pelo ator era relevante.

Por fim, na dimensão **Impacto** procurou-se compreender o efeito dos de cada ator social na Cozinha Mãe. Essa dimensão foi operacionalizada por meio do indicador **Resultado**, visando analisar qual(is) impacto(s) do recurso proporcionado pelo ator social no desenvolvimento da Cozinha Mãe.

A partir das dimensões e indicadores definidos para a descrição dos efeitos dos laços, puderam ser desenvolvidas as perguntas associadas a cada um deles, conforme observado na coluna "perguntas" do quadro 12, a seguir. Esses questionamentos, novamente, foram aplicados com a líder comunitária repetidamente para cada um dos atores sociais mapeados no segundo objetivo específico.

Quadro 12 - Dimensões e indicadores para análise do efeito dos laços na IS

DIMENSÕES	DEFINIÇÃO DA DIMENSÃO	INDICADORES	PERGUNTAS
ATORES	Busca compreender quem eram os atores presentes nas situações mapeadas	Origem do contato	Como/através de quem essa pessoa/instituição conheceu a Cozinha Mãe?
RECURSOS	Visa entender como aconteceu o acesso aos recursos proporcionados pelos atores sociais à CM, assim como a relevância para o funcionamento da cozinha solidária	Grau de relevância do recurso	O que a pessoa/instituição fornecia a Cozinha Mãe? Qual era a relevância desse recurso para o funcionamento da Cozinha?
		Acesso	Se não fosse esse ator, você acha que a Cozinha teria acesso a esses mesmos recursos/informações?
IMPACTO	Pretende verificar o impacto proporcionado pelos laços fracos e fortes na inovação social	Resultado	Qual o impacto dessa parceria? O que a ligação com essa pessoa/instituição proporcionou a Cozinha?

Fonte: Elaborado pela autora

Por fim, após a realização da segunda etapa da análise de conteúdo de Bardin (1977) com a exploração dos materiais e definição de todas as dimensões e indicadores, deve-se iniciar a terceira etapa, ou seja, o tratamento dos resultados obtidos. Essa última fase corresponde ao tratamento dos resultados obtidos e interpretação, transformando os resultados brutos em dados significativos e válidos com a compreensão das entrevistas, o relacionamento entre dados primários e secundários e a coerência com as anotações da observação participante. Essa explicação precisa ir além apenas do conteúdo presente nas transcrições e documentos, uma vez que, ao pesquisador interessa descobrir o conteúdo subentendido nos dados coletados.

É importante destacar que, essa interpretação precisa ser aliada aos marcos teóricos definidos para a investigação com o intuito de dar embasamento e perspectivas analíticas para os dados coletados. Assim, conclui-se que, a relação entre os dados e a fundamentação teórica serão responsáveis pelo sentido da interpretação, que por sua vez, levará a criação de inferências e possibilitarão responder o objetivo específico e a pergunta de pesquisa (BARDIN, 2011; 2016).

3.3 PREMISSAS ÉTICAS DA PESQUISA

Na Universidade Federal de Santa Catarina existem normativas que devem ser seguidas para garantir uma conduta ética e segura com os indivíduos participantes de uma pesquisa acadêmica. Assim, em razão da presente pesquisa acarretar na realização de entrevistas com pessoas em situação de vulnerabilidade social e/ou financeira, este estudo foi

submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) da UFSC. Dessa maneira, a proposta de estudos pode ser validada e aplicada com a segurança necessária para não causar danos e desconfortos aos envolvidos.

É dever do pesquisador garantir que todos os indivíduos presentes na investigação possuam claro entendimento sobre sua participação, bem como seu consentimento, princípio básico de uma pesquisa ética. Por isso, foi apresentado aos participantes das entrevistas semiestruturadas o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), presente no apêndice II deste documento, com uma linguagem acessível, explicitando a natureza e os objetivos da pesquisa, bem como a solicitação da utilização das respostas fornecidas para aplicação na dissertação. Possíveis riscos foram esclarecidos neste documento, assim como a informação de que os entrevistados poderiam interromper sua participação a qualquer momento. Também foi informado que, depois da dissertação ser publicada, os resultados da pesquisa poderão ser requeridos a qualquer momento. Ao final, foram solicitadas as assinaturas pessoais expressando o consentimento.

4 ANÁLISE DE DADOS

A Revolução dos Baldinhos, enquanto uma inovação social que se originou da articulação da sociedade civil para enfrentar um problema social de saúde pública na comunidade Chico Mendes em Florianópolis, ao longo de seus quinze anos de existência, ainda atua nas mobilizações comunitárias para resolução das demandas que surgem no território.

Dessa forma, para explorar de forma mais profunda o caso de pesquisa e os enfrentamentos comunitários que originam as inovações sociais, este capítulo concentra-se na exposição da análise dos dados da presente dissertação, que possuiu como ponto de partida a problemática identificada a partir da minha experiência pessoal de quatro anos inserida no campo. Com o passar dos anos, percebi o constante início e fim das parcerias da RB com diversos atores sociais, dentre eles pessoas físicas, empresas e instituições. Para entender qual seria o efeito dessa oscilação da rede atores na manutenção das atividades da Revolução dos Baldinhos foi utilizada a teoria de Granovetter (1973) sobre o efeito dos laços fracos com o propósito de alcançar o objetivo geral do estudo: analisar o efeito dos laços fracos na inovação social a partir do caso da Revolução dos Baldinhos.

Para organizar a apresentação da análise dos dados, as próximas seções serão expostas de acordo com cada um dos objetivos específicos presentes na introdução. Dessa forma, a análise de dados iniciará pela reconstituição histórica da Revolução dos Baldinhos, a fim de identificar uma situação de mobilização comunitária que resultou em uma inovação social.

Depois, será descrita em profundidade essa situação identificada para mapear os atores sociais mais proeminentes que contribuíram nas atividades. Essa investigação é de grande relevância para entender a atuação e como as ações desses principais atores influenciam a dinâmica de inovação social no território.

Posteriormente, será possível a identificação da força dos laços estabelecidos entre cada ator e a inovação social, a partir de dimensões de análises criadas de acordo com a realidade do presente estudo e adaptadas segundo a teoria de Granovetter (1973), são elas: envolvimento, tempo e parceria.

Por fim, com todas as informações anteriores, será possível descrever os efeitos dos laços fracos e fortes na inovação social com o objetivo de compreender a origem dos laços sociais estabelecidos, o grau de relevância dos recursos e o papel dos laços na manutenção da IS.

Em resumo, a partir desta análise de dados, busca-se reconstituir a história da RB e suas particularidades, descrever uma situação que demandou o surgimento de uma inovação social, mapear os atores mais proeminentes envolvidos nessa mobilização social, identificar a força dos laços existentes entre os atores e a inovação social, além de descrever os efeitos desses laços fracos e fortes.

4.1 RECONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DA REVOLUÇÃO DOS BALDINHOS E MAPEAMENTO NA LINHA DO TEMPO DE UMA SITUAÇÃO PROMOTORA DE INOVAÇÃO SOCIAL

Em contextos diferentes do analisado no objeto de pesquisa desta dissertação, a maior parte dos alimentos que sobram após as refeições tornam-se resíduos orgânicos que são recolhidos pela companhia de coleta de lixo e encaminhados aos aterros sanitários do município. Na comunidade Chico Mendes, o cenário é diferente, em virtude da deficiência no atendimento da Comcap a todas as ruelas e servidões que compõem as comunidades do bairro Monte Cristo. A Revolução dos Baldinhos atua nesse problema existente no território com seu método de compostagem de resíduos orgânicos, retirando mensalmente das ruas das comunidades toneladas de restos e sobras de alimentos, que posteriormente, são transformados em adubo orgânico.

Assim, para iniciar a explicação sobre o objeto da pesquisa, faz-se uma reconstituição histórica da Revolução dos Baldinhos, para posteriormente tornar possível a identificação de uma situação vivenciada pelos moradores da comunidade que demandou mobilização comunitária para enfrentamento de um problema social existente no território, ou seja, o surgimento de uma inovação social.

Cabe destacar que, como já argumentado na introdução desta pesquisa, de acordo com a definição de Cloutier (2003), a própria associação Revolução dos Baldinhos pode ser caracterizada como uma iniciativa de inovação social. No entanto, verificou-se com o andamento desta pesquisa que seria necessário mapear uma inovação social mais recente, como um recorte de pesquisa, dentro das atividades desenvolvidas pela RB. Uma vez que, como a Revolução dos Baldinhos foi criada em 2008, tornou-se impraticável o atingimento dos demais objetivos específicos definidos para esta dissertação, como por exemplo, o mapeamento dos atores sociais envolvidos nas atividades do projeto desde a sua época de fundação. Por isso, logo após a reconstituição histórica do caso de pesquisa ser realizada, será

feito um mapeamento, na própria linha do tempo da RB, para identificar uma situação recente que resultou em um processo de inovação social.

Então, a fim de retomar o contexto histórico e territorial do empreendimento de gestão comunitária dos resíduos orgânicos, situado às margens da via expressa em Florianópolis, que posteriormente, tornou-se uma associação da sociedade civil, no presente capítulo o foco do estudo concentra-se na reconstituição histórica da RB. Recapitulando os dados, a Revolução dos Baldinhos surgiu em 2008, em decorrência de uma mobilização comunitária, como forma de enfrentamento a um problema de saúde pública que estava acontecendo no bairro Monte Cristo, mais especificamente, na comunidade Chico Mendes.

Com a articulação de diversos atores sociais foi possível desenvolver no território uma educação coletiva sobre o depósito adequado dos resíduos orgânicos em recipientes fechados para evitar o acesso de animais, e conseqüentemente, a proliferação de doenças, assim como a sensibilização das famílias quanto à separação correta dos resíduos e a importância dessa ação.

Esse material é depositado nos PEVs e, posteriormente, é encaminhado às leiras de compostagem. Após o processo biológico de decomposição ser finalizado, os resíduos transformam-se em adubo orgânico, sendo uma parte destinada às famílias da comunidade e outra parte comercializada gerando renda à Revolução dos Baldinhos.

Ao longo dos anos, o método de compostagem da RB ganhou destaque no Brasil e no mundo, sendo os gestores comunitários do projeto primeiramente convidados a participar e compostar os resíduos orgânicos do Terra Madre Brasil, evento que aconteceu em Brasília em 2010. No ano seguinte, em 2011, foram convidados a participarem do Terra Madre Itália, em Turim, como pode ser observado na figura 23.

Figura 23 - Representantes da Revolução dos Baldinhos no Terra Madre Itália



Fonte: Slow Food Brasil (2018)

Ainda em 2011, a metodologia da Revolução dos Baldinhos foi reconhecida pela Fundação do Banco do Brasil (FBB) como Tecnologia Social de gestão comunitária de resíduos orgânicos e agricultura urbana, possibilitando acesso a recursos e projetos de replicação do método da compostagem em território nacional como, por exemplo, nos empreendimentos do Programa Minha Casa Minha Vida. Segundo o *site* da FBB, existe um Banco de Tecnologias Sociais que apresentam soluções para as demandas que surgem em um determinado território abrangendo todo o Brasil. As informações referentes às tecnologias sociais abrangem o problema, a solução encontrada, o tipo de envolvimento da comunidade, os municípios envolvidos e os recursos necessários para implementação de uma Tecnologia Social.

Na figura 24, apresenta-se uma replicação da gestão comunitária dos resíduos orgânicos realizada pelos integrantes da Revolução dos Baldinhos no Condomínio Residencial Grande Lago em Foz do Iguaçu possibilitado pela Fundação Banco do Brasil.

Figura 24 - Replicação da gestão comunitária em Foz do Iguaçu



Fonte: *Instagram* da Revolução dos Baldinhos

Já em 2012, alguns membros da Revolução dos Baldinhos participaram do evento Rio +20, representando o Slow Food Brasil na Cúpula dos Povos. Neste evento, a RB foi responsável por ministrar oficinas de compostagem ganhando visibilidade internacional como um exemplo bem-sucedido de prática sustentável de base comunitária.

No ano de 2014, ocorreu a primeira edição da Disco Xepa na Revolução dos Baldinhos, representado pelo *banner* da figura 25. Destaca-se que, nessa época, ainda não existia a estrutura física da Cozinha Mãe e as atividades foram realizadas no galpão em que fica localizada a RB.

O Disco Xepa é uma iniciativa global do movimento Slow Food que tem como objetivo combater o desperdício de alimentos. A proposta da oficina de unir os ensinamentos sobre o aproveitamento integral da comida com atividades de arte, música e recreação obteve grande aderência com o propósito da Revolução dos Baldinhos. Assim, o evento passou a fazer parte do calendário anual de atividades da RB, contando com o apoio do programa SESC Mesa Brasil na doação dos alimentos. Através da realização das "Xepas", os cozinheiros do Slow Food passaram a se aproximar cada vez mais da comunidade Chico

Mendes, com destaque ao trabalho de Phillipe Belletini, gastrônomo responsável pela criação desses eventos e um dos articuladores do movimento Slow Food na Cozinha Mãe (SLOW FOOD BRASIL, 2018).

Figura 25 - Banner da primeira edição do Disco Xepa na Revolução dos Baldinhos



Fonte: Slow Food Brasil (2018)

Outro marco importante na linha do tempo da associação, aconteceu em 2016, quando Cíntia Aldaci da Cruz assumiu a coordenação da Revolução dos Baldinhos, sendo responsável por articular a criação do Rolezinho, o Brechó Teu Jeito e a Cozinha Mãe, pensando em formas da comunidade se empoderar do espaço da RB e reforçar o entendimento de que o projeto pertence aos moradores da Chico Mendes. Ao assumir a gestão, Cíntia rompeu algumas parcerias entre a Revolução dos Baldinhos e instituições externas, com o intuito de resgatar o senso de pertencimento do projeto de gestão comunitária de resíduos orgânicos aos moradores da comunidade Chico Mendes (RODA DE CONVERSA, 2020).

Segundo a visão de uma das entrevistadas, Cíntia, esse equívoco sobre a gestão da RB, é facilmente visualizado em inúmeras reportagens, entrevistas e trabalhos acadêmicos, entre

outros meios de informações, como pode ser visto nas figuras 26 e 27, vinculando equivocadamente a Revolução dos Baldinhos como um projeto pertencente a outras instituições.

Figura 26 - Vinculação da RB à Cepagro no site da FBB



Fonte: Fundação Banco do Brasil

Mais um exemplo incorreto da associação da RB à Cepagro, novamente, conforme o ponto de vista da entrevistada, Cíntia Aldaci da Cruz, pode ser visualizado na figura 27 em outra página da *internet*:

Figura 27 - Vinculação da RB à Cepagro no site da Agroecologia.org



Como uma experiência exitosa de tratamento de resíduos, que atinge a todos, pode ser replicada a partir de um bairro para as grandes metrópoles? A Revolução dos Baldinhos, projeto realizado em Santa Catarina, busca algumas respostas para esse questionamento. Promovida pelo **Cepagro (Centro de Estudos e Promoção da Agricultura de Grupo)**, está sendo ampliada para outros bairros catarinenses e começando a dialogar com as políticas públicas, como o programa federal Minha Casa Minha Vida.

Fonte: Retirado do *site* (A REVOLUÇÃO, 2015).

No entanto, apesar dos inúmeros rompimentos, algumas parcerias foram mantidas como, por exemplo, com o Movimento Slow Food. O relacionamento entre as instituições foi intensificado desde a realização do primeiro Disco Xepa em 2014. Devido à convergência de objetivos entre ambas as iniciativas, em 2018, o Slow Food, em conjunto com a Usina do Hambúrguer e o SESC Mesa Brasil, apoiou a criação de um projeto sob coordenação da Revolução dos Baldinhos: a Cozinha Mãe. Caracterizando-se como uma cozinha solidária, o espaço surgiu para completar o ciclo do alimento, ou seja, atuar no aproveitamento integral dos ingredientes no preparo de refeições, além de servir como um local de cultura, formação e acesso a refeições.

Com as ações realizadas, ano após ano, na promoção de práticas sustentáveis do início ao fim do ciclo do alimento, a Revolução dos Baldinhos continuou sendo reconhecida internacionalmente pelo seu trabalho. Em 2019, a associação foi premiada no concurso internacional, *Outstanding Practices in Agroecology* organizado pelo *World Future Council* (WFC) em Berlim na Alemanha, ao atender os critérios de sustentabilidade da ONU para Alimentação e Agricultura em conformidade com boas práticas agroecológicas. Esse concurso selecionou as quinze melhores práticas de promoção da agroecologia, participando setenta e sete iniciativas apresentadas por quarenta e quatro países. Dentre todas as práticas de promoção a sistemas alimentares sustentáveis, um júri de especialistas elegeu quinze projetos, sendo a Revolução dos Baldinhos uma das premiadas (INICIATIVA, 2019).

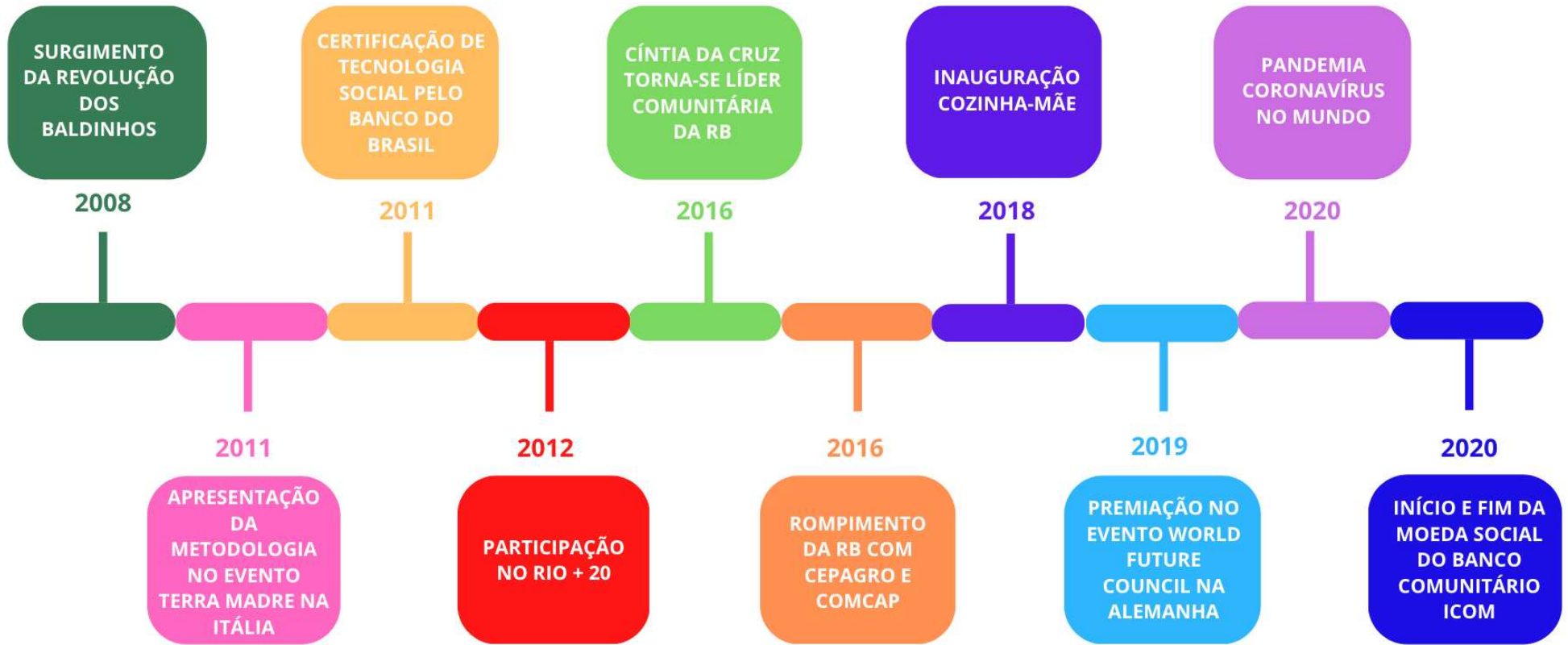
Já em 2020, com o surgimento da pandemia do coronavírus no mundo, as atividades no espaço da Cozinha Mãe foram intensificadas com a produção de sopas, pães, bolos, além

de refeições, como almoço e janta para as famílias em situação de maior vulnerabilidade financeira na comunidade.

Atualmente, em 2023, a associação Revolução dos Baldinhos divide-se em duas frentes principais de trabalho: a gestão dos resíduos orgânicos e a promoção de acesso às refeições para as famílias carentes do Monte Cristo. Paralelamente, outras atividades também são desenvolvidas, como o Rolezinho, oficinas, eventos culturais, entre outros.

Como forma de sintetizar os principais marcos históricos da Revolução dos Baldinhos retomados nessa análise de dados, apresenta-se uma linha do tempo (figura 28) representando visualmente os principais acontecimentos da iniciativa de 2008 até a atualidade.

Figura 28 - Linha do tempo Revolução dos Baldinhos



Fonte: Elaborado pela autora

4.1.2 A Cozinha Mãe

Finalizada a reconstituição histórica da associação, representada ilustradamente pela linha do tempo da figura 28, tornou-se possível mapear um recorte de análise mais recente para o estudo, ou seja, uma inovação social existente dentro das atividades da RB. Para atingir esse objetivo, Cíntia foi convidada a destacar uma situação na história da Revolução dos Baldinhos que se caracterizou como um desafio vivenciado pela comunidade e as ações tomadas no enfrentamento desse problema social, a partir da seguinte pergunta realizada na entrevista semiestruturada: "Quais desafios você recorda que a Revolução dos Baldinhos vivenciou ao longo dos anos e quais foram as ações tomadas no enfrentamento dessas situações?".

A partir desse questionamento, surgiu no depoimento da Cíntia a criação da Cozinha Mãe em 2018:

A gente tinha o espaço da cozinha, mas a gente fazia atividade de cerâmica. Porque **a cozinha surge em 2018**, que veio de uma necessidade de sensibilizar o morador a entender o ciclo do alimento. Porque a galera fala assim: "Ah, eu não tô separando, porque eu não tenho comida". Aí, nasce a Cozinha-Mãe. (Surgiu) Foi da necessidade também, porque a gente ofereceu a cozinha, veio pra gente oferecer cursos e formação para microempreendedores comunitários. Então, pra pessoas da comunidade, pra sensibilizar eles, pra entender o ciclo do alimento, as cascas, as biomassas, as PANCs.

Logo em seguida, na continuação da fala, Cíntia aborda o recorte temporal das atividades desenvolvidas na cozinha solidária depois do início da crise de saúde pública do Covid-19, como uma forma encontrada por atores sociais da comunidade para o enfrentamento da fome ocasionada pela pandemia em 2020. Pode-se visualizar essa fala no excerto a seguir:

Então, a gente trouxe uma proposta para uma informação, olha existe essas formas de alimentos, através da Educação do Gosto, a gente trouxe essa proposta também da Cozinha. **Só que a gente nem sabia que a Cozinha ia ser fundamental em 2019. Que loucura, né? (em 2019) veio a pandemia, que daí centralizou as ações na Cozinha.**

A partir desse relato e da identificação de potencialidade de estudo da Cozinha Mãe na presente dissertação, ficou estabelecida a Cozinha Mãe, no período **após** o início da pandemia no Brasil, como recorte de análise desse estudo.

Em ordem cronológica, como forma de resgatar os principais marcos históricos da Cozinha Mãe, inicia-se a explicação destacando que a CM é um projeto vinculado à

associação Revolução dos Baldinhos. No vídeo produzido pela TV Vento Sul em 2018, Cíntia afirma que a cozinha solidária foi idealizada com os seguintes objetivos:

A Cozinha Mãe chegou pra atender microempreendedores comunitários, com a gestão de integramento dos alimentos, sabe? A gente conseguir enxergar, valorizar o alimento até o ciclo final. A gente poder inserir ele novamente na alimentação, de forma adequada. Tendo visão que o Brasil tá num país no mapa da fome e que dentro das comunidades existe muita fome ainda.

A Ana Carolina da Conceição, colaboradora da Revolução dos Baldinhos na época da inauguração da Cozinha Mãe, também aborda sobre o contexto de surgimento da cozinha solidária no vídeo da TV Vento Sul de 2018:

Na visita domiciliar, a gente percebe uma grande reclamação dos moradores, que deixam currículos pela cidade e que nunca são chamados. Então, nessa sala a gente construiu a Cozinha Mãe. A gente ganhou um prêmio de R\$ 7.000 da Usina do Hambúrguer onde a gente injetou nessa cozinha, assim para as nossas famílias da comunidade. Porque já que o mercado de trabalho não vem a eles, a gente vai trazer o mercado de trabalho a eles. Então, a gente vai tá capacitando mulheres que já trabalham com salgadinhos, marmitas, as crianças, os jovens.

O espaço físico da cozinha solidária fica localizada na parte interna, mais especificamente, no térreo do Conjunto Habitacional Chico Mendes, também conhecido como Carandiru, representado pela foto área da figura 29.

Figura 29 - Conjunto Habitacional Chico Mendes



Fonte: Retirado do site do G1 (OITO..., 2017)

Segundo Coriolano et al., (2015), esse conjunto habitacional foi construído pela Prefeitura de Florianópolis em 1998 com o objetivo de servir de residência para famílias desalojadas e também como espaço para projetos sociais. São cerca de trinta e cinco famílias residindo no local, que frequentemente, torna-se alvo de operações policiais. Os conflitos com o poder público ultrapassam as questões da violência, abrangendo também constantes promessas de reformas do espaço, nunca concluídas, podendo-se comprovar com a observação das infiltrações e problemas estruturais presentes em toda a edificação, representadas na figura 30.

Figura 30 - Edificação do Carandiru com problemas estruturais

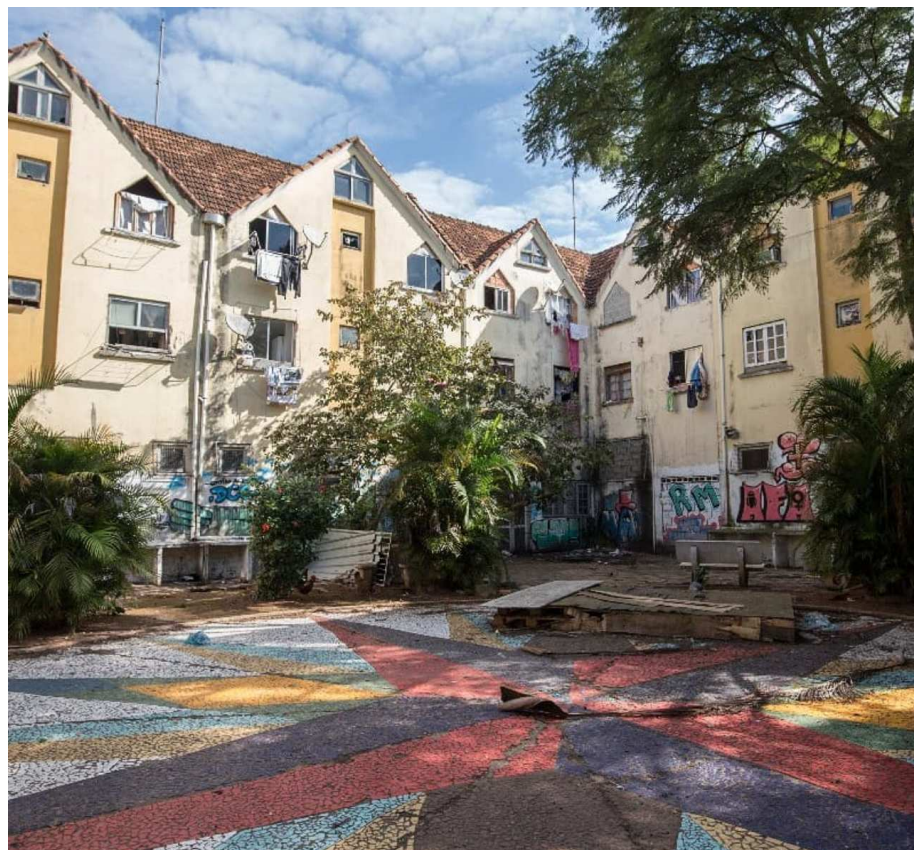


Fonte: Slow Food Brasil (2018)

Um dos espaços ociosos no térreo do Carandiru transformou-se na Cozinha Mãe, após uma reforma colaborativa do espaço, que foi possível apenas devido à uma grande mobilização comunitária. Foi inaugurada em agosto de 2018, com o financiamento do fundo da Usina do Hambúrguer e do ICOM, somado a doação de mão de obra e equipamentos de

voluntários e parceiros, como o Projeto Caracol do Slow Food. A figura 31 demonstra o resultado da revitalização do espaço.

Figura 31 - Área interna do Carandiru



Fonte: *Instagram* da Revolução dos Baldinhos

A inauguração aconteceu em setembro de 2018 e a Cozinha Mãe obteve o apoio de duas principais parcerias para dar início às atividades: o programa Mesa Brasil do SESC, que segundo a reportagem no site da instituição doou hortifrutis fora dos padrões convencionais de comercialização para a Cozinha, e o Slow Food Brasil, que promoveu oficinas de capacitação para o reaproveitamento dos alimentos de forma integral (EQUIPE SESC, 2018). Essa equipe de trabalho formada por representantes da RB, do Mesa Brasil e do Slow Food pode ser visualizada na figura 32 abaixo.

Figura 32 - Representantes da RB, ICOM, Mesa Brasil e Slow Food



Fonte: Slow Food Brasil (2018)

Segundo a Cíntia, existe um documento intitulado de Planejamento Participativo, em formato de *powerpoint*, produzido em conjunto pela equipe da Cozinha Mãe, com o apoio do Projeto Caracol, vinculado ao Slow Food:

Tem um documento, um material bem legal que o *Slow Food* fez, acho que foi em 2018, que faz a estruturação todinha da cozinha. Então, todo mundo que entra. O Slow Food ajudou no processo. É um processo assim como se fosse uma planilha, que toda vez que a gente tipo tem um novo colaborador, tem uma nova proposta, a gente vai acrescentando dentro.

De forma resumida, esse material traz inúmeros registros fotográficos da inauguração da Cozinha, fotos das primeiras oficinas e atividades, estruturação dos objetivos e ações, listagem dos parceiros, planejamento da equipe, entre outros. Segundo este documento, a missão da Cozinha Mãe é:

Proporcionar para a comunidade Chico Mendes, entorno e parceiros um ponto de cultura alimentar unindo a gastronomia sustentável à agricultura urbana e compostagem com foco no aproveitamento integral dos alimentos, apoiando microempreendedoras comunitárias, promovendo a educação alimentar e disponibilizando refeições à preço popular com alimentos que iriam para o lixo (Slow Food, 2018).

Este material foi produzido colaborativamente em alguns encontros presenciais, como exibido na figura 33, no período entre outubro e novembro de 2018 com o objetivo de iniciar as atividades do novo espaço comunitário na Chico Mendes.

Figura 33 - Reunião de estruturação Cozinha Mãe



Fonte: Slow Food Brasil (2018)

No quadro 13, pode-se visualizar, os grandes objetivos e respectivas ações para o futuro da Cozinha Mãe presentes no Planejamento Participativo de 2018, são eles:

Quadro 13 - Objetivos e ações da Cozinha Mãe conforme Planejamento Participativo

Objetivo	Apoiar microempreendedoras comunitárias do ramo alimentício;
Ação	<ul style="list-style-type: none"> • Criação de um grupo de mulheres para a produção coletiva ou individual de produtos alimentícios e contínua formação através de cursos e oficinas; • Disponibilização da estrutura da cozinha para preparação de produtos a serem comercializados pelas mulheres; • Criação de produtos com a marca da Cozinha Mãe para comercialização em feiras e eventos (aventais, toucas, temperos, geleias, caponatas).
Objetivo	Promover o aproveitamento integral e combate ao desperdício de alimentos;
Ação	<ul style="list-style-type: none"> • Realização de cursos, oficinas, eventos e replicação de metodologias à exemplo da Disco Xepa.
Objetivo	Estimular o convívio e a sociabilidade através da vivência coletiva do ciclo dos alimentos (compostagem, agricultura urbana, gastronomia, comer junto);
Ação	<ul style="list-style-type: none"> • Realização de eventos comunitários unindo música, arte, terapias, atividades educativas e de lazer tendo a preparação e degustação

	de refeições como elemento agregador; <ul style="list-style-type: none"> • Realização de feirinhas de troca e de comercialização de alimentos e produtos locais.
Objetivo	Acolher eventos e celebrações comunitárias;
Ação	_____
Objetivo	Servir refeições à preço popular com a integração de alimentos que iriam ser descartados;
Ação	<ul style="list-style-type: none"> • Disponibilização de cerca de 150 refeições diárias que serão preparadas com Xepa, insumos doados e cultivados através da agricultura urbana.
Objetivo	Promover a educação alimentar, segurança e soberania alimentar na comunidade Chico Mendes e entorno.
Ação	<ul style="list-style-type: none"> • Realização de ciclos de oficinas, cursos, vivências em compostagem, agricultura urbana, ecogastronomia, culinária, disco xepa envolvendo crianças, jovens e adultos.

Fonte: Adaptado de Planejamento Participativo (2018)

No entanto, apesar de, na inauguração da Cozinha Mãe em 2018, o espaço ter sido criado com os objetivos de formação para microempreendedores comunitários, educação sobre o reaproveitamento dos alimentos e preparo de refeições diárias, aconteciam apenas atividades esporádicas no local. Algumas delas, como as oficinas de cerâmica, não possuíam relação com a missão da cozinha solidária. Esse cenário é reflexo do contexto de grande vulnerabilidade social e econômica em que a RB está inserida, fazendo com que um espaço comunitário precise assumir diversos papéis diferentes, em demandas comunitárias distintas, em um curto período de tempo.

Apenas com a chegada da pandemia, em março de 2020, que as atividades de formação, educação, cultura e acesso ao alimento foram intensificadas na Cozinha Mãe. E essa intensificação das atividades na CM surgiu como **resposta a uma necessidade**, ou seja, em decorrência da **cooperação entre diversos dos moradores da comunidade pelo direito à segurança alimentar** em virtude da crise sócio-econômica ocasionada pelas consequências da chegada da pandemia do Covid-19 no Brasil em 2020.

Assim, segundo a líder comunitária da RB, nesse período iniciou-se um movimento dos moradores do Complexo do Monte Cristo pela busca de alimentos na Escola de Educação Básica América Dutra Machado, exposto na figura 34, conforme o depoimento da entrevistada:

Em 2020, na pandemia, a gente recebeu a demanda do colégio. A escola tava sendo muito procurada pelos pais, e daí a gente ficou naquela, né? Meu Deus, todos os projetos fechado. E daí, acho que é porque a gente, eu tento trabalhar um mínimo com a buRRocracia. Então tipo, a Karla (Diretora), por ser um colégio estadual é uma uma burocracia imensa e ela tendo comida, tendo alimento, e ela não podendo dar, não podendo tirar. **(O pessoal) Começou a ir lá no colégio pedir comida,** aí a direção do colégio procurou a Revolução (dos Baldinhos) e disse: 'Cíntia, eu tô passando por isso e isso, eu não consigo atender esses pais, eu não posso dar comida, eu não tenho condição'. **Daí a gente, dessa demanda do colégio, a gente pegou e começou a mobilizar.**

Quando a líder comunitária enfatiza em sua fala, a pronúncia da palavra "burocracia" como "burrocracia", demonstra a relutância da organização da sociedade civil sob sua coordenação em adotar modelos tipicamente empresariais, e conseqüentemente burocráticos, na gestão da RB e da CM. Bayma (1997) fundamenta essa linha de argumentação abordando que as organizações sem fins lucrativos visam preservar sua flexibilidade através de estruturas organizativas mais dinâmicas ao se distanciar de modelos gerenciais burocráticos.

Figura 34 - Moradores do Complexo do Monte Cristo



Fonte: *Instagram* da Revolução dos Baldinhos

Essa mobilização dos familiares em frente à escola do bairro possuía como razão o início da pandemia que tornou incerta a garantia da segurança alimentar das crianças através da merenda escolar. Cíntia fala sobre o problema em entrevista ao Portal Catarinas (2020):

Nas creches, escolas e projetos sociais as crianças se alimentavam e faziam quase todas as refeições do dia. Na creche há até mesmo a janta. Praticamente essas crianças faziam somente uma refeição em casa. Nesses espaços pode-se considerar a projeção da segurança alimentar dessas crianças. As famílias contam com esses espaços para que as crianças possam se alimentar.

Logo, para atender essa necessidade que surgiu da mobilização dos moradores da comunidade, ocorreu a articulação da Cíntia, Karla (diretora da escola) e da Jaqueline (tesoureira da escola) para pensar em formas de ação que pudessem solucionar o problema do agravamento da fome na comunidade.

Tava eu, a Karla e a Jaque, três mulher. A Karla diretora do colégio e a Jaque. A gente fez a reunião, nós 3, daí a Karla é sensível, ela tem essa sensibilidade, ela trouxe a demanda. O colégio fechou, tudo fechou, os projetos, as escolas, tudo, nada abria, até o sistema se reinventar. Não tinha o CRAS. Meu Deus, foi quase uns três, quatro meses pra começar a normalizar, tá? E foi assim, foi uma loucura. Daí, naquele momento, naquele caos, eu tinha, assim, crise de choro, sabe? Eu ficava pensando assim: "Meu Deus, tá todo mundo se resguardando, se fechando e eu tô querendo ir". Eu ficava me perguntando, meu Deus, meus filhos? [...] Daí começamos a organizar a distribuição de alimentos, as primeiras sacolas que a gente entregou. No outro dia, era por volta de umas oito e pouco da noite, a gente tinha arrecadado já R\$6.000 de doação. Daí, a gente pegou e começou a fazer vídeo: "Gente, a gente tá precisando disso, tem famílias precisando". E começamos uma corrente de divulgação, eu e a Jaque.

Grande parte do trabalho realizado no início da pandemia envolveu a busca por doações em dinheiro, para posteriormente converter na compra de cestas básicas, itens de alimentação e higiene para distribuir às famílias mais carentes da comunidade, como demonstrado na figura 35.

Daí a gente começou a parceria, a gente pegou uma parceria com a Rúbia, aqui do mercado do Fort. E a gente ia ali comprar alimento, pedia chorando, né? [A Rúbia] Ela é gerente. Aí a gente pegava, passava ali, conversava, fazia pesquisa, onde tava o melhor preço pra montar as cestas. Aí nisso, começou aparecer de tudo, cara. Tanto comida quanto coisa de higiene, era fralda geriátrica, meu deus do céu, medicamento. Pessoas pedindo e daí a gente começou a fazer divulgação, começamos a ganhar doação, e gente vinha de tudo quanto é canto. Daqui a pouco, a gente tava no jornal, daí aparecemos no jornal. A gente apareceu tanto no Jornal do Almoço, daí a primeira matéria nossa foi, acho que, do Desacato. E a gente teve várias matérias. A primeira matéria colocaram assim: "Um grupo de mulheres toma iniciativa e entrega". A gente, naquela semana, a gente tinha ficado de cara, a gente tinha conseguido mais de dez conto [dez mil] só de doação e só de comida. A gente chegava ali "Ó Rúbia, a gente tem isso aqui, derruba (entrega) cesta básica". (A Rúbia) Ela sempre trabalhava do desconto, falava com a gerência, daí a gente comprava 10 e ela dava 3 (a mais).

Figura 35 - Fila de pessoas na doação de cestas básicas



Fonte: *Instagram* da Revolução dos Baldinhos

A mobilização dos atores sociais na resolução de um problema comunitário, exemplifica o conceito de Cloutier (2003) sobre inovação social como a cooperação de alguns atores, fontes de mudança social, prezando pela promoção do bem-estar da comunidade. Dessa forma, segundo a construção teórica da autora, a **Cozinha Mãe caracteriza-se como uma IS, visto que surgiu como resposta a um problema social, a fome em uma comunidade carente, visando uma mudança duradoura no território.**

Nessa reconstituição histórica da CM, Cíntia também aborda em seu relato que, com a emergência em saúde pública, até mesmo o órgão governamental de assistência social denominado Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) de Florianópolis, passou a encaminhar as pessoas em situação de vulnerabilidade econômica para a Cozinha Mãe. O próprio órgão público, que deveria ter condições de atender à população fornecendo alimentos e doações, direcionava os indivíduos a um projeto da sociedade civil.

Porque pra fazer algo independente para conseguir dar uma ação direta. Porque senão, a gente também não ia conseguir se a gente ficasse independente esperando. A gente recebeu demandas do CRAS, né? Então tipo, a gente recebia pessoas encaminhadas pelo CRAS do serviço social, encaminhando **porque eles também viam de certa forma que por a gente não ter a burocracia em atender**, a gente tinha mais impacto, mais rápido. A mulher ia ali, doava, a pessoa vinha doar, a gente já pegava e colocava a pessoa mesmo pra doar. Ali já era entrega direta, as pessoas viam a entrega, então tipo isso que fez assim, fortaleceu muito a ação.

Esse relato corrobora com a argumentação de Fernandes (1994), que discute em seu livro a atuação das organizações sem fins lucrativos na prestação de serviços sociais nas mais diversas áreas, como saúde, educação, assistência social, quando o Estado, por conta da burocracia que permeia seus trabalhos, torna-se ineficaz e omissivo na solução dos problemas existentes em um território.

Dessa forma, verifica-se a relevância da sociedade civil organizada no enfrentamento de questões sociais quando o poder público torna-se incapaz de solucionar. Como o problema da fome durante a pandemia tornou-se sistêmico e no auge da crise de saúde pública a Revolução dos Baldinhos recebeu grandes quantidades de cestas básicas, a equipe das três mulheres que iniciaram a mobilização resolveram distribuir as doações em outras comunidades carentes, de diversas localidades da região metropolitana de Florianópolis, como retratado na fala do William:

Eu ajudei a Cíntia, tipo assim, na época da pandemia, a doar cesta básica, não arrecadar. Mas direcionar, porque como eu to nas ocupações, lá tem muita gente carente. E ela tava com excedente lá. Aí ela tava meio que tipo assim, ela conhecia ali a realidade dela, o contexto dela, de quem precisava e quem não precisava. [...] E aí ela disse 'ah, aqui a galera já recebeu legal, chama outra comunidade aí que tá precisando'. Aí a gente direcionou pra Beira Rio, aí eu sei que ela, por iniciativa dela, doou ali no Morro do Quilombo também. No Morro do Quilombo ela foi sozinha, ali no Beira Rio, na Palhoça, eu ajudei, a gente pegou as cestas lá com ela e doou, depois fez os cadastros das famílias pra ela prestar contas pro Ministério do Trabalho, acho que foi quem doou.

Destaca-se que, nesse primeiro momento, as doações estavam concentradas em cestas básicas e itens de higiene, no entanto, segundo a fala da líder comunitária, com a gradual amenização das consequências da pandemia, as doações de cestas começaram a diminuir e a estratégia para continuar atendendo à população passou por adaptações. Segundo a líder comunitária:

Depois, quando a gente viu que começou a diminuir a doação de cesta básica, começou a ficar cara as coisas, na normalidade, né? Quando a galera pensou assim: 'Ah, tá normalizando, agora cada um por si, galera vai ter trabalho, a pandemia tá passando e é isso'. **Aí, a gente começou a diminuir o fluxo de doação, assim a gente viu que a gente não conseguia mais atender a mesma quantidade que tava atendendo. E aí, a gente optou por enxugar e centralizar a atividade dentro da cozinha, daí de preparar comida que a gente só entregava.** Mas aí quando a gente começou a identificar que, pô, vinha gente que vinha e dizia que não tinha gás para cozinhar: 'Ah, eu não posso pegar a cesta básica, porque eu não tenho gás, eu tô fazendo comida no negócio com álcool, sabe?'. **Então a gente pensou 'pô, a comida pronta também já é uma coisa, é só chegar e se alimentar'.**

Dessa maneira, Cíntia, Jaqueline e as meninas da costura (figura 36) continuaram doando cestas básicas, mas também passaram a destinar parte dos recursos financeiros recebidos para a preparação de refeições no espaço da Cozinha Mãe através da produção de sopas, pães e bolos, entre outros pratos.

A gente foi pra cozinha com as meninas da costura da Jaque, que foram as primeiras. Quando a gente foi pra cozinha, as meninas da Jaque faziam costura, aí elas foram as primeiras a cozinhar na cozinha. Que daí elas faziam a produção do alimento, faziam pão, bolo, e as sopas. A gente começou com sopa todo dia. Daí as meninas da costura da Jaque ajudavam na produção, da alimentação enquanto eu e a Jaque tava mobilizando. Aí tinha gente também que se colocava voluntariado, de vir voluntariar, de ajudar.

Figura 36 - Cíntia, Jaque e as meninas da costura



Fonte: *Instagram* da Revolução dos Baldinhos

Dona Vera, cozinheira voluntária, explicou que, durante a pandemia, o funcionamento das atividades no espaço da Cozinha Mãe acontecia da seguinte forma:

Assim, na pandemia a gente fazia comida, eu trabalhava duas vezes (na semana) na cozinha. Na quarta-feira, tinha outra equipe. E daí a gente cozinhava, servia as marmitas ali, eles trazem uma cambuca e a gente botava ali dentro, tudo organizadinho, como se fosse uma marmita, assim comprada, tudo separadinho. E quando a gente recebia doação, a gente doava comida também ali, né? Pras pessoas que iam pedir comida, que tavam sem alimentação em casa, por causa da pandemia, que tava difícil pra todo mundo, não tinha daonde tirar.

Depois de alguns meses de trabalho em conjunto, Cíntia e Jaqueline desvincularam a parceria em razão de discordâncias políticas, e a partir desse momento os trabalhos na produção de refeições passaram a ser realizados por moradoras da comunidade, conforme exposto na figura 37. Segundo a gestora da Cozinha Mãe:

Daí as meninas da Jaque saíram com a Jaque. Nesse circuito da transação delas de sair, já tinha rolado mais dois grupos, além do da galera da Jaque, tinha rolado esse grupo de moradoras que tinha se organizado de ir (na Cozinha Mãe). Aí, com a retirada das meninas da Jaque, a saída delas fortaleceu ainda mais o outro grupo. Passaram várias meninas da comunidade.

Figura 37 - Moradoras do Complexo do Monte Cristo



Fonte: *Instagram* da Revolução dos Baldinhos

Essas apoiadoras da comunidade que trabalhavam como cozinheiras e auxiliares de cozinha, cada qual com suas funções específicas, variavam a produção de refeições entre sopas, pães, bolos, arroz, feijão, carnes, entre outros, como apresentado na figura 38. Como a Vera trabalhava como cozinheira, explicou melhor o funcionamento da Cozinha Mãe:

No começo nós começamos com sopa. Eu entrei como ajudante de cozinha, daí a cozinheira não quis mais, que era a Sueli, também que trabalhava há bastante tempo, né, antes de mim entrar, daí não quis mais, tipo ela ficou como auxiliar, né? Daí

depois, a gente botou ela pra fazer pão e bolo [...] A gente começou com sopa de legumes quando não tinha arroz, macarrão pra por, a gente fazia sopa de legumes e batia ovo e jogava junto. Então ficava aquela sopa colorida. Quando tinha arroz e macarrão, de arroz, de macarrão, de feijão, aí depois a gente começou a inventar a querer fazer comida, arroz, feijão, quando a gente recebia carne, a gente fazia a carne ensopada ou frita, inventava de várias coisas, sabe? Fazia strogonoff, fazia várias coisas. A gente começava uma hora da tarde, às quatro a gente servia, né? Daí a pessoa, às vezes, ia era pro almoço e aí não comia nada, só tomava um café e tava esperando aquele ranguinho porque era só. Sempre 15:30 tava pronto. Chamava a Cíntia, a Cíntia gritava, e eles já vinham com a cumbuca pra pegar.

Figura 38 - Produção de sopa na Cozinha Mãe



Fonte: *Instagram* da Revolução dos Baldinhos

Ela complementa trazendo a informação de que as quantidades de comidas produzidas eram praticamente iguais todos os dias, variando apenas a existência ou não de proteínas para compor a marmita.

Nós servia ali a base de 150 marmitinhas. É porque eu cozinhava 4 (kg) de feijão, 5 (kg) de arroz e daí tinha que fazer uma bacia grande de salada, coloria bem aquela salada, deixava bem colorida. Aí se tinha carne, a gente servia a carne também. Ou se tinha salsicha, fazia um molho de salsicha, bem feitinho. Gostava né, eu fazia como se tivesse na minha casa, entendesse?

A cozinheira ainda aborda que, com as meninas da comunidade realizando os trabalhos para viabilizar a preparação e entrega das marmitas, a líder comunitária podia se articular na busca por doações. No entanto, com o passar dos meses e a diminuição das infecções pelo vírus do Covid-19, o recebimento de alimentos diminuiu expressivamente.

Diminuiu bastante de chegar um ponto das pessoas vir pedir e a gente não tinha, de ficar até sem jeito. Eles ficavam até pensando que a gente não queria dar. Mas às vezes tinha pra gente fazer aquele dia da comida ali, pra não deixar eles sem a marmita naqueles dia, né?

Com a diminuição da vinda desses recursos, Cíntia afirma que passou a se associar a parceiros que pudessem auxiliar na manutenção das atividades da CM. A articulação com a sua rede de contatos - pessoas físicas, jurídicas, coletivos de agricultura urbana, agricultores, entre outros - foi fundamental para a continuidade das atividades na Cozinha Mãe, como relatado no depoimento da líder comunitária:

Daí as meninas faziam e eu mobilizava pra ter o recurso na cozinha, pra ter as doação. Aí depois dessa mobilização, a gente mesmo com a mobilização tudo diminuiu, eu tinha assim ajuda mensais de **pessoas físicas** que doavam, mandavam entregar compra por semana, por mês. Então, quando foi diminuindo essas ajudas, aí eu comecei buscar articulação dentro dos **coletivos de agricultura urbana, dos espaços, da galera que tão plantando, né? Dos coagricultores, ali do território agroecológico, desses movimentos, né?**

Com a escassez de recursos para a manutenção das atividades da Cozinha Mãe, a líder comunitária vinculou-se com uma rede de parceiros para manter o acesso à recursos básicos para produção de alimentos. Essa conexão com a rede social pode ser explicada pelo conceito descritivo sobre redes de Powell e Smith-Doerr (1994), no livro *The Handbook of Economic Sociology*, em que os autores argumentam que uma rede é composta por diversas relações distintas ou diferentes laços entre os atores, que podem ser indivíduos ou organizações.

Granovetter (2000) complementa essa argumentação afirmando que, como será explorado com maior profundidade nas próximas seções desta análise de dados, as relações ou os laços sociais estabelecidos entre os atores possuem força, laços fracos ou fortes, e conteúdo, representado pela troca de informações, amizade, interesses, confiança, entre outros.

Assim, estes atores sociais externos desempenham um papel fundamental na manutenção das atividades da Cozinha Mãe. Tal fato pode ser observado no artigo de Kamioka (2001) sobre cozinhas solidárias no Peru, que aborda a importância de grupos religiosos, ONGs, governo e doadores, ou seja, os mais diversos atores externos para a disseminação e desenvolvimento dos *comedores populares* nas comunidades de Lima. A autora ainda afirma que, sem o apoio desses diferentes tipos de atores sociais, o grande desenvolvimento dos *comedores populares* ao longo dos anos não teria se tornado possível (Kamioka, 2001).

Além destas parcerias para viabilizar a entrada de alimentos *in natura* na Cozinha Mãe para transformar-se em refeições prontas, as ações também passaram a ter como foco de atuação os demais tópicos que compõem a missão do espaço, segundo a líder comunitária: "Só que tipo assim, no momento, o que eu vejo que vai fortalecer, fomentar a cozinha, são essas ações. Porque tipo, é um recurso que tá aí, dentro da comunidade, **(um espaço) de cultura, de convivência, de formação, de politização**".

Assim, para de fato transformar a Cozinha Mãe em um local promotor "de cultura, de convivência, de formação, de politização" ocorreu o 11º Bazar Vegano Floripa na Chico Mendes entre os dias 08 até 11 de setembro de 2022 (figura 39). O evento aconteceu sob a organização da Revolução dos Baldinhos em parceria com a coletiva Retomada TMJ e coletiva Dhuzati. Como meio de fomentar a cultura, o evento trouxe à comunidade diversas atrações musicais de *funk*, *rap*, samba, discotecagem e *shows*, gerando um momento de convivência e lazer no próprio espaço físico da Cozinha, no Carandiru.

Figura 39 - Banner de divulgação do Bazar Vegano



Fonte: Facebook da Revolução dos Baldinhos

Já relacionado ao objetivo de formação, foram promovidas pelo movimento Slow Food diversas oficinas remuneradas de Educação do Gosto, na semana que antecedeu ao

evento. Ao total, foram quatro oficinas, cada uma contando com onze bolsas de R\$50 por participante: a Oficina de Acarajé, Delícias com Feijão 'Fradinho', Plantas alimentícias não convencionais (PANCs): Alimento e Medicina, Doces e Salgados: faça e venda. Os *banners* de divulgação das oficinas podem ser visualizadas na figura 40.

Figura 40 - *Banners* das oficinas remuneradas do Bazar Vegano



Fonte: Facebook da Revolução dos Baldinhos

Por fim, para atingir o propósito de trazer uma maior politização no território, dentro do Bazar Vegano foi promovido um Rolezinho na Chico, *banner* do rolezinho presente na figura 41, com a presença de Ângela Mendes, filha do ativista ambiental Chico Mendes, homenageado com o nome da própria comunidade em que a Revolução dos Baldinhos está inserida.

Figura 41 - *Banner* do rolezinho na Chico promovido pelo Bazar Vegano Floripa



Fonte: *Facebook* da Revolução dos Baldinhos

No rolezinho, novamente com a parceria da Coletiva Tamu Junto no Bazar Vegano, Ângela Mendes pode contar para os moradores da comunidade sobre a trajetória do seu pai, assim como a sua própria luta na militância por políticas públicas e ambientais. Na figura 42, Ângela Mendes aparece na comunidade ao lado de algumas moradoras.

Figura 42 - Ângela Mendes com moradores da comunidade



Fonte: *Instagram* da Revolução dos Baldinhos

Já no final do ano de 2022, mais especificamente no mês de novembro, foi iniciado em conjunto com a Uipi (empresa júnior de *design* da UFSC) a estruturação do *branding* da Cozinha Mãe com o objetivo de trazer maior visibilidade para a cozinha solidária do Monte Cristo. Segundo a líder comunitária: "Hoje são doze cozinhas em Floripa, é muita cozinha, tais entendendo? Daí, esse é o diferencial que eu quero trabalhar, porque agora a gente cria o circuito, daí tá, tem a cozinha e como manter a cozinha se tem tantas, tem que ter o diferencial".

Entende-se a partir desta fala da Cíntia que, em razão do grande número de cozinhas solidárias existentes em Florianópolis e a escassez de recursos financeiros capazes de financiar o trabalho de todos esses empreendimentos solidários, a líder comunitária aborda a questão do "diferencial", segundo suas próprias palavras, remetendo à profissionalização das atividades executadas na Cozinha Mãe.

Salles (2004) corrobora com a explicação desse fenômeno abordado no depoimento da Cíntia, argumentando que as finanças das organizações da sociedade civil enfrentam grandes dificuldades na conquista de recursos externos para suas atividades, em razão da existência de um grande número de organizações do terceiro setor disputando subsídios aliado à escassez de valores financeiros disponíveis. Esse cenário acarreta em uma grande pressão pela profissionalização dessas instituições sem fins lucrativos frente aos recursos disponíveis das

fontes financiadoras, que, por sua vez, tendem a liberar fundos para aquelas que possuem maior eficiência, ou seja, maior profissionalização em suas atividades.

Em razão dessa disputa por recursos financeiros, a Cozinha Mãe pretende construir como diferencial uma rede social estruturada, com uma identidade visual definida, além de missão, visão e valores determinados. O grande objetivo dessa estruturação é obter destaque, frente às outras cozinhas solidárias, como um "centro de cultura, de informação, de acesso ao alimento. Por quê? Porque a cultura e a formação aberta, isso vão gerir e vão manter o espaço pra que a gente consiga trazer o acesso ao alimento", segundo a líder comunitária.

Com o intuito de possuir uma melhor visibilidade e estruturação frente às empresas que doam recursos financeiros, a Uipi desenvolveu a identidade visual da cozinha solidária, a partir de inúmeras reuniões com a líder comunitária. Através desses encontros, foi possível definir os principais valores que pautam o andamento das atividades, são eles: justiça, solidariedade, coletividade, politização, compromisso e respeito.

Já o propósito da Cozinha ficou definido como: "Trabalhamos para proporcionar dignidade, com construção moral e política, impactando a comunidade através do acesso à cultura, formação e alimentação de qualidade, com o intuito de criar um espaço de justiça social". Com essas informações, tornou-se possível estruturar um logotipo para a Cozinha Mãe (figura 43) com o intuito de ser utilizado nas redes sociais, em materiais institucionais e em embalagens de futuros produtos alimentícios provenientes do espaço.

Figura 43 - Logotipo da Cozinha Mãe



Fonte: Uipi - Empresa Júnior de Design da UFSC

No entanto, apesar de a líder comunitária aproximar alguns pontos da gestão da associação com práticas típicas empresariais, como esse objetivo retratado acima referente à otimização do gerenciamento das mídias sociais, Cíntia possui um meio particular de gestão da RB e a CM voltado ao contexto de uma organização sem fins lucrativos. William aborda em sua entrevista a forma organizativa da líder comunitária com as atividades da Cozinha Mãe como, segundo suas palavras, "uma coisa subjetiva, única do território".

Então, eu ia te dizer, a Cíntia tem muito o tique pra coisa assim, tá ligado? Ela leva muito jeito, do jeito dela fazer as coisas e dar certo. Só que, ela não é uma parada muito bem organizada, tipo, **ela tem a organização dela, do jeito dela, mas tipo assim ela sabe o que fazer, como fazer e dá certo**, tá ligado? Só que topo assim, não é uma parada estruturada e tal? Tem a estrutura dela, vamos colocar, meio artesanal, como se diz assim, é a linguagem, não dá pra querer padronizar, tá ligado? **E dizer como: "ah não, essa daqui é a melhor forma". Não, não, é a melhor forma pra um dado contexto. Num contexto de uma favela, comunidade, tá ligado? A pessoa tem que ter ah, é não dá pra medir com os mesmos critérios, com os mesmos parâmetros, tá ligado? É outro contexto, outra linguagem, outra forma de se organizar [...]** É muito subjetivo, acho que é melhor, não é amador é uma coisa subjetiva, única do território. É uma forma que ela não é objetiva assim, metodológica, não! Tem o método, tem o objetivo, mas é uma parada muito subjetiva, muito do que a pessoa acha e coisa e tal. Funciona? Funciona! Talvez tipo dá pra misturar com algumas coisas assim seilá mais organizativas e ter um resultado até melhor. Mas o que eu vi assim da cozinha funcionando, ela (Cíntia) tinha o jeito dela de fazer as coisas, aí ela tinha alguns contatos bons, eu lembro que ela falava, tá ligado?

Observa-se nesse depoimento do William, as práticas de organizar próprias da Revolução dos Baldinhos, uma associação localizada em uma comunidade carente, que muitas vezes são julgadas como ações inadequadas ao contexto gerencial tradicional. Voltolini (2004) complementa essa perspectiva do entrevistado, ao afirmar que promove-se a ideia de que as instituições sociais precisam adotar os mesmos mecanismos de gestão das empresas privadas para sobreviver, transmitindo aos gestores sociais a visão de que os instrumentos empresariais são benéficos às organizações da sociedade civil.

Esta característica de subjetividade da gestão da RB e da correlação com o contexto territorial pode ser traduzida como um problema na visão das instituições que apoiam projetos sem fins lucrativos, uma vez que, esperam profissionalismo nas ações das organizações. Como aborda Salles (2014), as empresas que investem em projetos sociais não possuem interesse em disponibilizar recursos para associações/ONGs que executam as atividades de qualquer forma com o dinheiro disponibilizado e sem estipular os resultados pretendidos, ao contrário, esperam um grande profissionalismo por trás das atividades desenvolvidas.

Definido o recorte teórico da inovação social, as atividades da Cozinha Mãe durante o período da pandemia até a atualidade, torna-se possível, nesta etapa da pesquisa, identificar

quem eram os atores sociais mais proeminentes, presentes nessa situação analisada, segundo a fala dos entrevistados.

4.2 MAPEAMENTO DOS ATORES SOCIAIS PROEMINENTES ENVOLVIDOS NA MOBILIZAÇÃO COMUNITÁRIA

Depois de encontrar a Cozinha Mãe como uma situação relevante de inovação social na história da Revolução dos Baldinhos, para tornar possível a compreensão de quem eram os atores sociais envolvidos e seus papéis nas atividades da cozinha solidária, será dado prosseguimento a análise de dados com a estruturação da presente seção.

Como a Cozinha Mãe demandou uma mobilização comunitária para o enfrentamento de um problema social, qual seja, a crise econômica desencadeada pela pandemia do coronavírus, alguns atores sociais ganharam maior destaque por assumir papéis mais proeminentes no enfrentamento da crise na busca por soluções para amenizar seus impactos.

Cabe destacar que, por atores sociais mais proeminentes, entende-se aqueles indivíduos, empresas e instituições que, nos depoimentos dos entrevistados, apareceram com maior frequência nas falas e/ou destacaram-se quanto ao apoio fornecido às atividades da cozinha solidária, independentemente do tipo de recurso fornecido, podendo ser financeiro, material ou tempo destinado à Cozinha Mãe.

Para encontrar os nomes desses atores sociais, perguntou-se aos entrevistados, com base na recordação pessoal, quem eram as pessoas e instituições que apoiaram as atividades da Cozinha Mãe durante a pandemia até a atualidade.

Na fala do William, surge como resultado do resgate da memória, nomes de algumas pessoas caracterizadas como membros da Revolução dos Baldinhos, ou seja, colaboradores e voluntários que estavam presentes na articulação das atividades da CM.

Na época, tava ela (Cíntia), o marido dela, o Rodrigo, não sei se ele já voltou. Tava ela, o Rodrigo, o Gabriel. Daí a Karol de vez em quando aparecia [...] Mais pro final do ano, começou a aparecer o Arthur, não sei se tu conheceu o Arthur, o Arthur da geografia também da UFSC [...] Esse Arthur começou a frequentar também, a Cíntia falou 'ah, cola aí e tal, nós tamos fazendo a virada'. Daí ela tava meio precária nas atividades, ela tava fazendo com o pessoal ali com os casqueiro, né? Tratando a galera ali de rua aí pra ajudar. O Gabriel é parceiro, mas tem mês que não dá pra contar tanto com ele, né?.

Cíntia também fez o resgate de alguns nomes de indivíduos que atuavam nas atividades da Cozinha Mãe como colaboradores e voluntários:

A gente tinha o William, o Mateus, a gente tinha os estagiários e mais duas pessoas da comunidade. E mais dois estagiários da universidade. [...] O William veio atrás do movimento social e o mateuzinho. Na pandemia já tinha a associação, a gente tava em oito, a Dani, o Gabriel, a Elaine, tava a Sté, eu acho também.

Além das doações de instituições e empresas privadas, William relembra que diversas pessoas físicas também foram responsáveis por apoiar a Cozinha Mãe em diferentes projetos.

Daí tipo assim, eu não sei bem como é que é a relação, não sei se era mais a relação a Revolução (dos Baldinhos), mas eu creio que o Cepagro ajudou também tá ligado alguma coisa, a Cozinha, tá ligado? Porque eu acho, tipo assim, no passado e começo desse ano, eu vi que a Cíntia tava num projeto com eles, que era também vinculado a Cozinha ali da Vila Aparecida, tá ligado? De educação também, no CRAS também, que elas iam lá dar curso.

No começo da pandemia, os trabalhos estavam focados na arrecadação e distribuição de cestas básicas. No entanto, algumas empresas apoiavam com a doação de recursos financeiros, que posteriormente, eram convertidos na compra de itens para compor as cestas de alimentos e *kits* de higiene, como pode ser visto no excerto abaixo.

Teve uma vez, a gente ganhamos 10 mil da Impact Hub, foi 10 conto. Ai eles falaram assim: "Ah, a gente só quer a nota fiscal no valor tal". Na hora a gente pegou, eles fizeram o pix de dez conto, a gente já foi, já fizemos o pix pra Rúbia, deu 200 cesta. A gente tava atendendo de 15 em 15 dias a mesma família. Olha que top! Dava cesta básica, o kit de higiene, tá?

Para organizar a triagem e distribuição das cestas básicas, moradores da própria comunidade envolveram-se na atividade. O volume de trabalho era grande e muitas tarefas precisavam ser executadas para viabilizar o atendimento das famílias de forma recorrente, por isso a importância dos mais diversos parceiros, de dentro e fora do território, que ajudaram nas atividades, como destaca a líder comunitária:

Olha, teve as meninas da comunidade, teve muita gente da comunidade que se doou, de fazer a triagem, de ajudar a separar, de montar os kits, de organizar fila, de limpar o espaço. A galera teve o entendimento do que tava acontecendo: "Oh, elas tão fazendo sozinhas, vamos ajudar". Teve muita gente também que veio procurar ajuda, a gente ajudou, teve aquele primeiro contato, depois as pessoas quiseram se doar e ficaram. Até os dias de hoje, a gente têm as mulheres da cozinha, que fazem a alimentação pra galera da comunidade. Surgiu dessa necessidade, né? Da gente precisar centralizar, que a gente já não tinha mais condição.

A presidente da associação Revolução dos Baldinhos também lembrou que, para apoiar no combate à fome provocado pela pandemia, a comunidade Chico Mendes foi contemplada com a disponibilização das moedas sociais do ICOM para os moradores do

bairro. Essas moedas eram convertidas em alimentos, itens de higiene e limpeza através da parceria com os minimercados presentes no bairro que aceitavam as moedas sociais como pagamento, como apresentado na figura 44.

A gente também teve período que a gente recebeu a moeda social, foi na pandemia, a gente recebeu a moeda social que, daí a gente recebeu 200 moedas. Aí, dividia entre três comunidades, a Revolução (dos Baldinhos) recebeu, daí eu dividi entre três comunidades. Botei 50 pra Nossa Senhora da Glória, 50 pra Novo Horizonte e 100 na Chico Mendes, que daí eram as maiores que tinha, né?.

Figura 44 - Caixa de um minimercado da Chico Mendes



Fonte: Instagram da Revolução dos Baldinhos

Esse período de tempo que as moedas sociais passaram a ser disponibilizadas na comunidade, também foi marcado pela diminuição da doação de cestas básicas e recursos financeiros, demandando da líder comunitária novas ações para contornar esse cenário. Assim, Cíntia explica que, "com a diminuição dessas doações, daí a gente começou a buscar

articulação, apoio dos movimentos". Ou seja, a solução encontrada para dar continuidade à manutenção das atividades na Cozinha Mãe foi a busca de parcerias com outros atores sociais.

"Foi massa porque a galera se perguntou a sair da caixa, porque o Cepagro nunca ia fazer mobilização para cesta básica. E fizeram. Fizeram campanha, movimentação com os próprios agricultores pra arrecadar recursos, compravam dos agricultores, dos agricultores chegava na comunidade. Teve esse mecanismo que nasceu também dessa necessidade de continuar com as atividades".

Em razão dessa diminuição das doações de recursos, a gestora da Cozinha Mãe abordou que a Cozinha Mãe precisou mudar seu foco de atuação da doação de cestas básicas para refeições prontas, preparadas no espaço da cozinha solidária. Logo, com a necessidade de alimentos semanais para preparo das refeições, tornou-se importante a articulação com agricultores e outras pessoas pertencentes aos coletivos de agricultura urbana para viabilizar o recebimento semanal de grãos, legumes, frutas e vegetais. Conforme a líder comunitária, o MST foi responsável pela doação de grandes quantidades de alimentos orgânicos à Cozinha Mãe (figura 45).

A articulação com os coagricultores, com a galera dos coletivos que tão plantando, eu cheguei a trocar adubo e bio com a galera do quilombo. A Comuna Amarildo também apoiou, assim no início. (a comuna) Eles fizeram invasão, ocupação um tempo, agora eles tão lá em águas mornas. Eu cheguei a trocar adubo (com eles), mas depois a gente fazia essa troca mesmo, a gente tava nessa construção, né? Pensar em como se fortalecer e a galera também que tava aprontando, né? O agricultor ali, também foi o momento dele também, mostrar importância e se destacar. Porque era uma relação direta, né? Eles sabiam quanto que mandavam, quanto que vinha mês e tipo tudo que era mobilizado de recurso ia diretamente pra eles, então tipo, a gente recebeu o arroz e feijão do MST, foi articulação, uma rede que teve do Nacional do Movimento Sem Terra, aí tem o nome do cara, agora não me lembro. E ele veio para Floripa, trouxe mais de não sei quantos quilos de alimentos, muita comida, até tem registro no *instagram*. E foi recebido lá na igreja do padre Vilson. A gente trouxe aqui pra comunidade um caminhão, meu Deus. Doamos ainda metade, a gente dividiu com a cozinha solidária que era da Chida, na época.

Figura 45 - Produtos orgânicos doados pelo MST



Fonte: *Instagram* da Revolução dos Baldinhos

William complementa trazendo mais atores sociais que apoiaram as atividades da CM com a doação de alimentos orgânicos.

Aí também tem aquele cara do Rio Vermelho, tá ligado, acho que é do Rio Vermelho ou dos Ingleses, eu vou até pegar o contato dele aqui que outro dia ajudou a gente nas ocupações, mas ele também tá sempre fazendo doação lá pra Cozinha. Ele é da agricultura, tipo é uma agricultura, é o Cristiano. Ele também sempre fazia doações toda semana pra Cozinha, tá ligado, e ele tava vinculado às cozinhas comunitárias, agricultura familiar, agricultura assim urbana, uma coisa assim, tá ligado?

Assim, em razão da articulação com os agricultores, a cozinha solidária também recebia semanalmente cestas agroecológicas. Segundo o William:

Mas outras pessoas que ajudaram bastante que eu vi, é o pessoal do Partidão, ali da Comuna Amarildo, Partidão é os comunista lá do PCB, tá ligado? Do Partido Comunista Brasileiro. Que eles, tipo assim, não sei se eles tão doando mais, mas eles tipo assim, durante a pandemia até o começo desse ano, eles doavam toda semana cestas agroecológicas deles, tá ligado? Porque eles vendem, e eles também pra Cozinha eles doavam, toda semana. Se perguntar pra Cíntia ela vai saber, tem até umas imagens. E acho eles também tem imagens no *instagram* deles, alguma coisa assim, tá ligado? Eu não sei se eles tão doando mais, tá ligado? Eles ajudaram bastante.

Para transformar esses alimentos em refeições prontas para o consumo, a Cozinha Mãe obteve apoio de algumas mulheres da comunidade trabalhando como auxiliares de cozinha.

Vera, uma das pessoas entrevistadas, ocupava tal função na cozinha solidária, e em sua entrevista explicou quem eram as outras auxiliares que apoiavam na produção de comida.

Eu tinha uma ajudante, era a Rosinha, daqui mesmo (da comunidade). Ela me ajudava, ela era auxiliar e eu era cozinheira, né? Eu e ela na cozinha. E na quarta-feira era a Débora e a sogra dela, a Sté. Elas duas eram na quarta, e eu era na segunda e na sexta. Daí na terça, na terça-feira eu também trabalhei com uma outra equipe que trabalhava ali na cozinha também.

William também recordou de algumas mulheres, moradoras da comunidade, que apoiavam voluntariamente as atividades da Cozinha Mãe..

Tinha a Vera, tinha uma amiga da Vera lá que era mãe de outro rapaz que ajudava a gente na Revolução (dos Baldinhos) também que era a Cris. Tem a Stela, a Stela eu não tive muito contato com ela. Aí tinha a Débora também que é uma vizinha lá dos predinhos ali, tá ligado? Ali daonde que tá a cozinha, ali do Carandiru.

Segundo a Vera, essas cozinheiras trabalhavam voluntariamente para tornar possível o destino de todas as doações para a compra de alimentos, que posteriormente, transformam-se em refeições e são doadas às famílias mais vulneráveis economicamente.

Era voluntário, se tu precisava de alguma coisa em casa, daí tu podia pegar ali, né? Eu só avisava: "Ah, vou pegar um arroz aqui, to precisando de um arroz, vou pegar tá?". Daí ela: "não, tá bom". Pra ela poder ter a definição do que saiu e o que não saiu. Porque daí a gente segurava pra ela cozinhar na cozinha e doava também.

Cabe destacar que, além do objetivo da Cozinha Mãe de atuar na promoção da segurança alimentar dos moradores do Complexo do Monte Cristo, o espaço também possui o propósito de ser um centro de cultura, informação e politização, segundo Cíntia Aldaci. O Instituto Muda, o Mesa Brasil e o Sesc apoiaram esse objetivo através da promoção de atividades na CM.

Então, o Muda investiu ali no projeto 28 conto [mil reais] em janeiro, fevereiro e março desse ano. O Muda é o instituto Muda [...] E daí eles vêm com essa proposta, é uma ONG que tá surgindo aí, e daí a gente fez essa atividade de ajudar no fortalecimento através do favela cultural, de fazer eventos culturais na favela. Daí, foi a proposta que a gente fez de fazer primeiro a sensibilização através da cultura. E daí teve esses oficinas, daí a gente teve a proposta dos oficinas pra comunidade, e daí a molecada ia, a gente levou pra dentro do colégio. Foi bem massa, sabe? O Mesa Brasil, o Sesc, o Muda.

William lembra que outros parceiros também atuaram na viabilização de oficinas de educação alimentar, como por exemplo, o Slow Food, através de oficinas sobre a Educação do Gosto, conforme pode ser observado na figura 46 que retrata as mulheres da comunidade com seus certificados de conclusão de curso.

Aí também tinha a pegada de educação, até tinha um negócio da educação do gosto do Slow Food. E daí também tinha a pegada tipo de solidária, daí doando comida. Solidária no caso de dá doando comida e alimentando quem tá com fome ou com tá ali numa situação mais precária de alimentação, não tá com fome, mas também não tá comendo bem.

Figura 46 - Oficina de Educação do Gosto promovida pelo Slow Food



Fonte: *Instagram* Revolução dos Baldinhos

Segundo William, algumas fundações também contribuíram nos demais objetivos da Cozinha Mãe, principalmente no propósito de viabilizar a promoção de oficinas e atividades culturais, como por exemplo, a Fundação Luterana.

Mas tipo, tem um projeto que a Cozinha é sempre contemplada, ano passado, que era da FLD, não sei se é Fundação Luterana, acho que é a Fundação Luterana, alguma coisa assim de igreja, tá ligado? Que a cozinha foi contemplada pra fazer oficinas e pra produzir um, sei lá, um material audiovisual, um vídeo educativo.

Como pode ser visualizado nos depoimentos dos entrevistados - Cíntia, William e Vera - ao reconstituir os atores sociais que participaram das atividades da Cozinha Mãe, os respondentes trouxeram uma grande quantidade de nomes de pessoas, empresas e instituições na história narrada sobre a cozinha solidária.

No entanto, esse elevado número de atores sociais mapeados inviabilizou a aplicação do questionário sobre a força dos laços com a líder comunitária para responder ao terceiro objetivo específico que será explorado no próximo parágrafo. Em virtude desta limitação, criou-se uma nuvem de palavras (figura 47) para tornar mais fácil a visualização dos nomes que mais apareceram nas entrevistas e tornar possível a seleção dos atores mais proeminentes no campo, ou seja, aqueles que apareceram com maior frequência no relato dos entrevistados.

Figura 47 - Nuvem de palavras atores sociais da Cozinha Mãe



Fonte: Elaborado pela autora no Infogram

A nuvem de palavras acima contribuiu para identificar os nomes que apareceram com frequência nas entrevistas, como: Cíntia, Jaqueline, Slow Food, Karla, Stela, Vera, Comuna Amarildo, ICOM, Débora, Dina, Gabriel, Raquel, Mateus, NSC, Instituto Muda, Cepagro, William, Fort Atacadista (Rúbia), MST, CONSEA.

Destaca-se que, todos os nomes citados acima, apareceram duas vezes ou mais nas entrevistas ou em contextos relevantes nos depoimentos dos entrevistados. A partir dessas nomeações foi possível elaborar um quadro, dividindo os atores conforme o tipo de vínculo estabelecido com a Cozinha Mãe: mobilizador, provedor e colaborador.

Os atores nomeados como mobilizadores são os responsáveis por articular redes e catalisar esforços para a sustentabilidade da Cozinha Mãe. Por sua vez, os atores denominados como provedores são aqueles que atuam na provisão de recursos, sejam eles financeiros, materiais ou instrucionais. Por fim, os colaboradores caracterizam-se pelo vínculo direto nas atividades cotidianas da Cozinha Mãe, seja na produção de refeições ou outras atividades operacionais.

Dessa maneira, como forma de sintetizar o mapeamento dos atores sociais, no quadro 14 apresenta-se a contextualização, a descrição do tipo de recurso fornecido e a classificação quanto à função exercida na Cozinha Mãe.

Quadro 14 - Síntese dos atores sociais proeminentes da Cozinha Mãe

Ator Social	Contextualização	Tipo principal de recurso fornecido	Classificação
Cíntia Aldaci da Cruz	Presidente da Associação Revolução dos Baldinhos	Provisão de recursos e articulação de parcerias para captar doações de alimentos, cestas, dinheiro, entre outros recursos.	Mobilizadora
Jaqueline	Presidente da Associação Mulheres Empoderadas do Monte Cristo (AMMO).	Provisão de recursos e articulação de parcerias para captar doações de alimentos, cestas, dinheiro, entre outros recursos.	Mobilizadora
Comuna Amarildo de Souza	A Comuna Amarildo é um grupo de reforma agrária assentados em Águas Mornas.	Doação de alimentos orgânicos produzidos em suas hortas, como legumes, verduras e frutas.	Provedor
Movimento Slow Food	O Slow Food é uma rede global de pessoas e organizações que atuam na preservação da agrobiodiversidade.	Promoção de atividades de formação, como as oficinas de Educação do Gosto.	Provedor
CONSEA	O CONSEA é um órgão governamental que atua em iniciativas para promoção da segurança alimentar.	Doação de alimentos como arroz, feijão, legumes e verduras através da articulação com outros movimentos da área de segurança alimentar.	Provedor
MST	O MST atua na causa da Reforma Agrária Popular com a defesa da soberania alimentar.	Doação de alimentos cultivados em terras ocupadas pelos integrantes do Movimento.	Provedor

Instituto Muda	O Instituto Muda é um negócio social que promove práticas sustentáveis através da gestão de resíduos e educação ambiental.	Promoção de atividades culturais dentro da Cozinha Mãe	Provedor
Fort Atacadista	O Fort Atacadista, representado pelo trabalho da gerente, Rúbia, é um supermercado atacadista localizado no bairro Monte Cristo.	Promoção de desconto para a Cozinha Mãe na compra de alimentos e cestas básicas em grande quantidade.	Provedor
Dina	Moradora da comunidade Chico Mendes.	Preparo de refeições na Cozinha Mãe.	Colaboradora
William	Voluntário na Cozinha Mãe.	Mão de obra nas diversas atividades operacionais da Cozinha Mãe, como distribuição de cestas básicas, organização de eventos, entre outras.	Colaborador
Vera	Moradora da comunidade Chico Mendes.	Preparo de refeições na Cozinha Mãe.	Colaboradora
Stela	Moradora da comunidade Chico Mendes.	Preparo de refeições na Cozinha Mãe.	Colaboradora
Raquel	Pessoa física que não mora na comunidade e apoia as atividades da Cozinha Mãe.	Doação de cestas básicas, alimentos, gás, utensílios para cozinha, entre outros itens.	Provedora
Escola América Dutra Machado	A Escola Estadual América Dutra Machado é representada nos depoimentos pelo trabalho da diretora, Karla.	Doação de alimentos e auxílio no mapeamento das famílias em maior vulnerabilidade financeira.	Provedora

Fonte: Elaborado pela autora

Para proporcionar um maior entendimento sobre cada ator social proeminente presente no quadro 14, apresenta-se no apêndice I uma contextualização mais profunda sobre o histórico e atividades desenvolvidas por cada indivíduo, empresa e/ou instituição na Cozinha Mãe.

Por fim, cabe destacar que alguns atores sociais não foram adicionados ao quadro 14, pois não caracterizavam-se como os mais proeminentes na situação da Cozinha Mãe, como a Débora, Gabriel, Mateus, NSC e Cepagro. Apesar desses nomes terem aparecido com destaque na nuvem de palavras, na análise qualitativa das entrevistas não foi identificada grande relevância no apoio desses atores especificamente nas atividades da cozinha solidária.

Cabe esclarecer que, a razão pela qual alguns atores sociais são referenciados pelo próprio nome e outros por um nome fantasia, ocorreu em razão da preservação das denominações trazidas pelos entrevistados na história narrada. Por isso, apesar de todos os contatos entre os atores sociais e a Cozinha Mãe terem sido realizados entre indivíduos, alguns foram referenciados nas entrevistas pelo nome da empresa e/ou instituição no qual estavam vinculados.

Por fim, após o mapeamento desses atores sociais proeminentes, torna-se possível identificar a força dos laços existentes entre eles e a cozinha solidária, para, ao final, entender o efeito dos laços gerados nessa inovação social.

4.3 IDENTIFICAÇÃO DA FORÇA DOS LAÇOS ENTRE OS ATORES SOCIAIS PROEMINENTES MAPEADOS E A INOVAÇÃO SOCIAL

Nas duas seções anteriores foram realizadas a reconstituição histórica da RB, a fim de identificar uma situação que demandou mobilização para solucionar um problema social, a Cozinha Mãe, e o mapeamento dos atores mais proeminentes no desenvolvimento dessa inovação social, representados no quadro 15. Destaca-se que, na rodada de entrevistas realizada para a coleta de dados do objetivo anterior, foi utilizado um roteiro de perguntas específico para a Cíntia, localizado no apêndice III, e outro para os demais entrevistados, Vera e William, como exibido no apêndice V.

Já para a análise de dados do terceiro objetivo específico - que visa identificar a força dos laços entre os atores sociais mais proeminentes e a iniciativa de inovação social - foi aplicado um questionário com a líder comunitária (apêndice IV). Essa coleta de dados foi realizada apenas com a Cíntia, possibilitando a descoberta sobre a força dos laços existentes, fracos ou fortes, entre os diferentes atores e a Cozinha Mãe.

É importante esclarecer que essa aplicação de questionário foi realizada apenas com a líder comunitária, visto seu envolvimento com a Revolução dos Baldinhos desde a fundação e sua centralidade na criação da Cozinha Mãe. Essas características a tornam um sujeito

central na nossa pesquisa, sendo capaz de fornecer as informações para identificar a força e efeito dos laços fracos e fortes.

Conforme detalhado na metodologia, foi solicitado que a presidente da RB respondesse o questionário para cada um dos atores mapeados, com base nas dimensões propostas por Granovetter (1973), o questionário (quadro 11) foi desenvolvido com base em três dimensões centrais: Envolvimento, Tempo e Parceria. Cada uma delas foi associada aos seguintes indicadores, respectivamente: Vivência no cotidiano e Proposição de soluções; Frequência nas atividades e Longevidade do vínculo; por fim, Colaboração e Recurso humano e material. A seguir, apresenta-se a análise de dados subdividida nas dimensões de análise:

4.3.1 Dimensão Envolvimento

A primeira dimensão analisada, **Envolvimento**, visa analisar o grau de envolvimento dos atores sociais nas mais diversas atividades desenvolvidas no cotidiano da Cozinha Mãe através de dois indicadores de análise: **Vivência no cotidiano**, ou seja, em que medida os atores sociais vivenciam o problema que a Cozinha Mãe se propôs a solucionar; e **Proposição de soluções**, ou seja, a capacidade dos indivíduos, empresas e/ou instituições de identificar problemas do dia a dia de trabalho na cozinha solidária e propor soluções.

Para encontrar o primeiro indicador, a pergunta realizada à Cíntia foi: "A pessoa/instituição vivenciava em seu dia-a-dia a situação que a Cozinha Mãe se propôs a solucionar?". Já para o segundo indicador, o questionamento realizado foi: "A pessoa/instituição propunha soluções para os problemas da Cozinha Mãe e encabeçava as atividades?".

A partir das respostas fornecidas pela Cíntia às perguntas associadas aos dois indicadores trazidos acima, tornou-se possível dividir os atores sociais em laços fracos e laços fortes, como observa-se abaixo.

4.3.1.1 Laços Fracos da dimensão Envolvimento

Com base nas respostas dos questionários fornecidas pela líder comunitária em relação a cada ator social, foi possível identificar o tipo de laço estabelecido quando observada a dimensão **Envolvimento**. Assim, os laços caracterizados como fracos são representados pelos seguintes atores: Slow Food, Instituto muda, CONSEA, Raquel, MST, Fort Atacadista, Karla e Comuna Amarelido.

Para serem considerados como laços fracos significa que a resposta da primeira questão, referente ao indicador **Vivência no cotidiano**, variou entre "não vivia o problema, mas conhecia algumas pessoas que viviam" e "não, não sentia o problema em seu dia-a-dia". Essas respostas explicam duas diferentes situações, são elas: 1) os atores sociais não viviam em seu cotidiano o problema que a Cozinha Mãe se propôs a solucionar; ou 2) apesar dos atores não vivenciarem no cotidiano a fome, conheciam outras pessoas que enfrentavam a situação.

Logo, todos os atores sociais indicados acima possuem laços fracos com a Cozinha Mãe, em virtude de não estarem inseridos no mesmo círculo social ou território da ação. Segundo Granovetter (1973, 1983) os laços fracos podem ser benéficos às organizações, uma vez que tendem a circular em grupos de atores sociais que não pertencem ao círculo social mais próximo trazendo novas informações e recursos à rede. Em relação ao indicador **Proposição de soluções**, Cíntia respondeu para todos os atores sociais que eles "não eram capazes de identificar os problemas cotidianos da Cozinha", corroborando com a ideia da existência de um vínculo do tipo laço fraco.

Essa resposta explicita que, os atores identificados como laços fracos não possuíam a capacidade de perceber os desafios que surgiam diariamente na Cozinha Mãe. Essa conclusão pode ser proveniente de uma ampla variedade de motivos, dentre eles, o fato de que nenhuma das instituições e pessoas caracterizadas como vínculos fracos residem no bairro Monte Cristo, e por isso, a distância implica em uma menor frequência de contato com as atividades da Cozinha Mãe.

Em razão da dificuldade dos laços fracos identificarem os problemas e as necessidades cotidianas da Cozinha Mãe, Cíntia explica em um excerto de entrevista que precisava exercer a proatividade de buscar apoio, conforme as necessidades da CM, estabelecendo contato com alguns atores sociais: "Então, quando foi diminuindo essas ajudas, aí eu comecei buscar articulação dentro dos coletivos de agricultura urbana, dos espaços, da galera que tão plantando, né? Dos coagricultores, ali do território agroecológico, desses movimentos, né?"

De forma a complementar ao argumento de Granovetter sobre o acesso proporcionado pelos laços fracos a recursos existentes fora da rede social mais restrita estabelecida pelos laços fortes, o autor (1973, p.1371) afirma que "[...] aqueles a quem somos fracamente ligados estão mais propensos a se mover em círculos diferentes dos nossos e terão acesso à informação diferente daquela que recebemos" e por esse motivo "[...] são visualizados como indispensáveis para as oportunidades dos indivíduos e sua integração em comunidades" (p.1378). Assim, é possibilitado aos recursos e informações alcançar uma distância social

mais extensa, ou seja, a uma quantidade maior de pessoas “[...] quando passa por laços fracos mais do que fortes” (Granovetter, 1973, p. 1366).

4.3.1.2 *Laços Fortes da dimensão Envolvimento*

Ainda na dimensão **Envolvimento**, os atores sociais que caracterizaram-se como laços fortes foram: William, Dina, Vera, Stela e Jaqueline.

Para serem identificados como laços fortes, as respostas provenientes do primeiro indicador, **Vivência no Cotidiano**, foram as seguintes: "Sim, vivia na pele o problema, passava fome ou grandes dificuldades financeiras" ou "Sim, vivia na pele, mas não passava fome, apenas morava na comunidade". Essas duas possibilidades de respostas explicam duas situações distintas, são elas: 1) os atores viviam em seu cotidiano o problema que a Cozinha Mãe se propôs a solucionar, a fome ocasionada pela pandemia, e moravam no bairro Monte Cristo ou em outras comunidades vulnerável; e 2) residiam em locais de vulnerabilidade econômica e social como as comunidades do bairro ou outras vizinhas, no entanto não vivenciavam a insegurança alimentar em seu cotidiano.

Para fazer referência a dimensão Vivência no cotidiano, traz-se o caso do William que, apesar de não residir na comunidade Chico Mendes, mas sim em um assentamento da Palhoça, o ator social precisava se deslocar até o Monte Cristo para auxiliar na cozinha solidária, segundo suas palavras: "Eu tava ficando mais na Palhoça [...] eu sou militante do movimento sem-teto, ali da moradia, entendesse?". Já as cozinheiras, Dina, Vera, Stela, e a tesoureira da escola, Jaqueline, todas moram no bairro Monte Cristo e puderam vivenciar os impactos da pandemia em seu próprio território colaborando na busca de uma solução.

De acordo com Granovetter (1973), como esses laços fortes estão inseridos no mesmo círculo social ou território da Cozinha Mãe, existe uma sobreposição de contatos limitando o acesso a novos recursos e informações para a CM. Dessa forma, há maior possibilidade de as informações trazidas por esses laços fortes já serem de conhecimento da Cozinha Mãe, sendo ineficaz no acesso a novas oportunidades, pois as informações já existem dentro do sistema social (GRANOVETTER, 1973, 1983).

Já o segundo indicador, **Proposição de soluções**, caracterizou o vínculo dos atores como um laço forte, pois, para todos os vínculos analisados, foi indicada a seguinte opção de resposta: "A pessoa/instituição era capaz de identificar os problemas cotidianos na Cozinha Mãe", denotando uma maior vivência daqueles atores sociais na manutenção das atividades da cozinha solidária, e conseqüentemente, maior capacidade de entender e propor soluções para os seus problemas cotidianos.

Como exemplo desse vínculo forte estabelecido com alguns indivíduos e o grau de conhecimento sobre os problemas e possibilidades de soluções, Cíntia relata o exemplo da Dina e sua atuação nas atividades da Cozinha: "Se quiser botar a Dona Dina, meu Deus do Céu, ela sabe de todos (os problemas da Cozinha Mãe)".

Essas relações interpessoais de maior intensidade dos atores identificados como laços fortes com a Cozinha Mãe, segundo Granovetter (1973), frequentemente são representados por vínculos de amizade e parentesco, marcados por ligações de fraternidade e sentimentos, que por sua vez, geram maiores resultados na mobilização de recursos. A razão que permeia essa consequência provém da solidariedade existente nas interações sociais, sendo a pequena distância social e a intensidade dos contatos um fator primordial nesses vínculos estabelecidos.

4.3.2 Dimensão Tempo

A segunda dimensão analisada, **Tempo**, representa o período temporal em que os atores sociais estavam envolvidos na resolução da situação analisada na Cozinha Mãe, analisado através da frequência de contato estabelecida no apoio às diversas atividades realizadas na cozinha solidária.

Destaca-se que, para chegar aos resultados dessa dimensão foram criadas duas perguntas no questionário, a primeira referente ao indicador **Frequência nas atividades** e a segunda relacionada ao indicador **Longevidade do Vínculo**, são elas, respectivamente: "Qual era a frequência de ida da pessoa/instituição à Cozinha Mãe?" e "Há quanto tempo a pessoa/instituição participa/participou das atividades da Cozinha Mãe?".

No entanto, quando iniciada a análise de dados, pude perceber que a pergunta associada ao indicador Longevidade do Vínculo, bem como os diferentes tipos de respostas atribuídas a ele, não puderam diferenciar os atores entre si, visto que todos possuíam um período de tempo semelhante de participação nas atividades da Cozinha Mãe. A partir dessa constatação optou-se por não utilizar o indicador na análise de dados.

Assim, partindo das respostas proporcionadas à questão associada ao indicador Tempo, tornou-se possível categorizar os atores sociais em laços fracos e laços fortes, conforme descrito nos itens a seguir.

4.3.2.1 *Laços Fracos da dimensão Tempo*

Com base na análise sobre a frequência da ida das pessoas, empresas e/ou instituições à Cozinha Mãe, os seguintes atores foram identificados como laços fracos: Slow Food, Raquel, CONSEA, MST, Fort Atacadista e Karla.

Para possuírem a caracterização dos vínculos como laços fracos, referente ao indicador **Frequência nas atividades**, Cíntia assinalou no questionário as opções "menos de uma vez por mês" ou "apenas uma ou duas vezes ao ano" referente à frequência de participação dos atores sociais nas atividades da Cozinha, independente da função realizada, seja como colaborador, provedor ou mobilizador de recursos ou informações.

Essa caracterização da força do laço pode ser visualizada em uma das entrevista com a líder comunitária quando ela aborda sobre a periodicidade de apoio de algumas pessoas físicas como, por exemplo, a Raquel, identificada como um vínculo fraco: "Aí depois dessa mobilização, a gente mesmo com a mobilização tudo diminuiu, eu tinha assim ajuda mensais de pessoas físicas que doavam, mandavam entregar compra por semana, por mês".

Cíntia complementa que, outras doações, com a mesma periodicidade mensal, também provenientes de laços fracos eram realizadas pelo MST: "Eles sabiam quanto que mandavam, quanto que vinha mês e tipo tudo que era mobilizado de recurso ia diretamente pra eles, então tipo, a gente recebeu o arroz e feijão do MST, foi articulação, uma rede que teve do Nacional do Movimento Sem Terra".

Essa baixa periodicidade de contato é representada por Granovetter (1973) através dos laços fracos, vínculos que estabelecem uma baixa frequência de interação entre os atores sociais, no entanto, esses laços fornecem acesso a recursos que não estão disponíveis no círculo social mais próximo, ou seja, nos laços fortes.

Apesar desses intervalos longos de contato com os laços fracos, os recursos provenientes desses vínculos são decisivos, uma vez que formam pontes entre as diferentes redes sociais possibilitando acesso a novas informações, recursos e inovações (Granovetter, 1973).

Desse modo, essa periodicidade de participação dos atores caracterizados como laços fracos na dimensão Tempo podem ser justificadas pelo fato das instituições e indivíduos colaborarem na manutenção das atividades da Cozinha Mãe de forma esporádica com os recursos disponíveis para doação em um determinado período de tempo.

4.3.2.2 *Laços Fortes da dimensão Tempo*

Ainda referente à dimensão **Tempo**, caracterizam-se como laços fortes os seguintes atores: William, Instituto Muda, Dina, Vera, Stela, Jaqueline e Comuna Amarildo. Para considerar o vínculo desses atores como um laço forte, tendo em conta o indicador **frequência nas atividades**, as opções de resposta assinaladas sobre a frequência de ida dos atores à Cozinha Mãe foram: "mais que uma vez por semana"; ou "menos que uma vez por semana e mais de uma vez por mês", indicando um constante apoio às atividades.

Essa alta frequência de apoio dos laços fortes no cotidiano da Cozinha pode ser visualizada na entrevista da Cíntia sobre o Instituto Muda durante a pandemia: "Daí, ele fez a proposta de oferecer dentro da Cozinha Mãe alimentação um dia da semana. Aí eles ficaram durante uns sete meses dentro da Cozinha Mãe uma vez por semana fazendo alimentação vegana".

Em sua entrevista, William também aborda sobre a frequência semanal do apoio da "Comuna Amarildo [...] durante a pandemia até o começo desse ano [2023], eles doavam toda semana cestas agroecológicas deles, tá ligado? Porque eles vendem, e eles também pra Cozinha eles doavam, toda semana".

O próprio William, por exemplo, indica em seu depoimento que frequentava o espaço "às terças e sextas lá", já a Vera aborda que "trabalhava duas vezes (na semana) na cozinha", sendo essa frequência semanal estabelecida também pelas outras cozinheiras, Vera e Stela, que se revezavam na produção de refeições.

Apesar da quantidade de atores envolvidos, nas palavras da Cíntia "fui eu e a Jaque que começamos a mobilizar, a pedir nas redes sociais". Logo, a Jaqueline atuou com grande intensidade na Cozinha Mãe, evidenciando o seu laço como forte. Por fim, a Comuna Amarildo, com o fornecimento semanal de alimentos, e o Instituto Muda, através do dinheiro investido e da promoção constante de atividades culturais, também possuem uma importante frequência de atuação na Cozinha Mãe.

Essa maior periodicidade de contato é representada por Granovetter (1973) pelos laços fortes, caracterizados por relações de maior frequência e maior proximidade com um convívio mais íntimo. No entanto, esses vínculos fortes fornecem acesso a recursos e informações que já estão disponíveis no círculo mais próximo de convívio. Dessa maneira, as informações mantêm-se restritas a pequenos círculos sociais, limitando o acesso à difusão de oportunidades, uma vez que, essas informações se sobrepõem àquelas que já são conhecidas pelos atores sociais.

4.3.3 Dimensão Parceria

Na última dimensão analisada, **Parceria**, pretendeu analisar a natureza da cooperação dos atores sociais com a Cozinha Mãe. Para isso foram adotados dois indicadores: **colaboração** (em que medida a Cozinha Mãe pode contar com o apoio dos atores sociais); e **recurso humano e material** (o tipo de recurso que o ator proporciona à cozinha solidária).

Logo, para tornar possível a determinação da força do laço a partir do primeiro indicador, o questionamento realizado foi: "Você sentia que poderia contar/confiar nessa pessoa/instituição em qualquer situação?". Já para o segundo indicador, a pergunta realizada foi: "Que tipo de recurso a parceria fornecia à Cozinha? Dinheiro, tempo, alimentos?".

Levando em consideração as respostas atribuídas, foi possível separar os atores sociais em laços fracos e fortes, conforme descrito nos itens a seguir..

4.3.3.1 Laços Fracos da dimensão Parceria

A partir das respostas obtidas na dimensão **Parceria**, os atores que se enquadraram como laço fraco foram: Slow Food, Instituto Muda, CONSEA, MST, Raquel, Fort Atacadista, Karla e Comuna Amarildo.

A descrição desses atores como laços fracos significa que a resposta da questão referente ao indicador **Colaboração** (Você sentia que poderia contar/confiar nessa pessoa/instituição em qualquer situação?), foi: "Eventualmente auxiliava nas situações necessárias", ou seja, os atores sociais podiam contribuir esporadicamente no apoio às atividades da Cozinha Mãe. Como exemplo, a parceria da Raquel com a Cozinha indica que em determinados períodos, articulava sua rede de contatos para arrecadar doações para a Cozinha Mãe. Conforme relatado "A dona Raquel foi uma pessoa que apoiou bastante, a mãe da professora Helena, movimentou, tipo pô, ajudou alguns meses. Foi bem massa assim, sabe?" (Cintia).

Segundo Granovetter (1983), essa eventualidade caracteriza os laços dessa natureza como fracos, uma vez que, embora proporcionem acesso à recursos que a rede de maior convívio não possui conhecimento, esses vínculos fracos possuem menor motivação para auxiliar nas situações e, geralmente, não possuem grande disponibilidade para apoiar as atividades cotidianas. Essa característica dos laços fracos representa a movimentação em círculos diferentes dos vínculos fortes, expandindo a rede social e possibilitando o estabelecimento de pontes entre grupos distintos (GRANOVETTER, 1973; 1983).

Já a questão referente ao indicador **Recurso humano e material**, que buscou identificar o tipo de recurso fornecido, Cíntia respondeu que esses atores "ajudavam essencialmente na mobilização de recursos materiais e financeiros", identificando a presença de vínculos fracos através do apoio oferecido pelos indivíduos, empresas e/ou instituições na mobilização de doações de alimentos, cestas básicas, dinheiro, entre outros.

Assim, esses recursos provenientes dos laços fracos à Cozinha Mãe eram referentes ao apoio desses atores no fornecimento de alimentos, cestas básicas, dinheiro e não com mão de obra nas atividades de preparo de refeições. Nos relatos, identificam-se alguns exemplos dessa mobilização de doações, como por exemplo: "Agora da Comuna Amarildo, eles faziam doações [...] eles não faziam doação de tipo assim, arroz, feijão. Eles faziam doações de leguminosas, entendesse, essas coisas assim. E de verdes, muitas hortaliças eles traziam".

Outro laço fraco que contribuía eventualmente na disponibilização de recursos é o "(Instituto) Muda investiu ali no projeto 28 conto (mil reais) em janeiro, fevereiro e março desse ano [...] é uma ONG que tá surgindo aí, e daí a gente fez essa atividade de ajudar no fortalecimento através do favela cultural, de fazer eventos culturais na favela".

Também pode-se demonstrar o caso da parceria da cozinha solidária com o Fort Atacadista e a gerente Rúbia, na concessão de descontos na compra de alimentos e cestas básicas, recurso este que não poderia ser alcançado através de qualquer laço forte estabelecido na comunidade: "A gente pegou uma parceria com a Rúbia, aqui do mercado do Fort. E a gente ia ali comprar alimento, pedia chorando, né? (A Rúbia) Ela é gerente. Aí a gente pegava, passava ali, conversava, fazia pesquisa, onde tava o melhor preço pra montar as cestas".

Novamente, à luz da teoria de Granovetter (1983), pode-se afirmar que esses recursos disponibilizados pelos laços fracos possuem fundamental importância, pois são distintos daqueles disponíveis no círculo social mais próximo da Cozinha Mãe, como por exemplo, a mão de obra pelas cozinheiras voluntárias que residem na comunidade.

Esta é a tese que pautam os estudos de Granovetter (1973), ou seja, que os laços fracos são fundamentais em uma rede social para difusão de informações, recursos e inovações. Assim, o autor argumenta que, se as redes sociais ficassem centradas no ego, os laços fortes, as informações ficariam restritas a pequenos círculos sociais, sem difusão a outros atores.

4.3.3.2 Laços Fortes da dimensão parceria da dimensão Parceria

Os demais atores sociais analisados pela perspectiva da dimensão **Parceria**, enquadram-se como laços fortes, são eles: William, Dina, Vera, Stela e Jaqueline.

No indicador **Colaboração**, Cíntia afirma que eles "sempre tinham disponibilidade para auxiliar em qualquer situação", denotando um alto grau de confiança com os trabalhos e apoio oferecido por essas pessoas, e conseqüentemente, a descrição dos laços como fortes.

Como exemplo desta referência, traz-se a colocação da líder comunitária sobre o trabalho do William: "É uma pessoa boa, o William é um para falar assim da realidade do projeto. Porque eu vou te dizer tá? O William, ele foi pau pra toda obra, nunca vi um guri, ficou três anos, ele ficou três anos né? O meu Deus, não tinha tempo ruim, cara? Foi uma pessoa assim, que foi uma peça fundamental, sabe?".

Essa resposta encontrada na realidade da Cozinha Mãe corrobora com o argumento de Granovetter, afirmando que os laços fortes têm maior motivação para ajudar nos problemas e situações cotidianas, além disso, geralmente, estão disponíveis com mais facilidade e disponibilidade para auxiliar na difusão de informações (Granovetter, 1983).

Quanto ao indicador **Recurso humano e material**, de acordo com as respostas fornecidas pela líder comunitária, os vínculos foram caracterizados como fortes devido ao apoio fornecido pelos atores mapeados: "Ajudavam essencialmente na doação do seu tempo nas atividades cotidianas", ou seja, não doavam recursos materiais e financeiros, mas apoiavam operacionalmente as atividades da cozinha solidária através da doação de tempo e mão de obra voluntária na produção de refeições.

Assim, essa prestação de serviços dos laços fortes era realizada de forma voluntária, pode ser observado no depoimento da Vera: "(o trabalho) era voluntário, se tu precisava de alguma coisa em casa, daí tu podia pegar ali, né? Eu só avisava: 'Ah, vou pegar um arroz aqui, to precisando de um arroz, vou pegar tá?'. Daí ela (Cíntia): 'não, tá bom'. Pra ela poder ter a definição do que saiu e o que não saiu".

A disponibilidade de algumas horas do dia para as atividades da cozinha solidária é exemplificada na entrevista do William:

Eu não me metia na situação de arrecadar coisas para a Cozinha, o máximo que eu fazia em relação a Cozinha assim era arrecadar coisas, melhor dizendo, ajudar a arrecadar, porque eu não arrecadava, eu não fazia uma arrecadação substancial que fizesse diferença, tá ligado? Mas eu ajudava a arrecadar para atividades, tipo o dia das crianças, páscoa, carnaval, entendesse? Aí eu doava, eu ajudava, achava contatos que pudessem colaborar. Daí eu ajudava a arrecadar pra essas atividades. Fazia alguma diferença assim, colaborar, tá ligado?

No entanto, como foi explorado no quadro 14 e pode ser verificado na fala do William, o trabalho de mobilização era desempenhado pela Cíntia e Jaqueline. Os atores com demais laços fortes podem ser resumidos pelo seguinte relato da líder comunitária: "Só que

tipo, a galera ficava mais no mecanismo né. Esperando mesmo, né? Tipo assim, esperando até na construção (das atividades)".

Esses recursos de mão de obra para operacionalizar as mais diversas frentes de atuação da Cozinha Mãe, segundo Granovetter (1983), são disponibilizados pelos atores sociais caracterizados como laços fortes e representam recursos que já estão disponíveis no círculo mais próximo de convívio em que a cozinha solidária está inserida. Assim, esses laços fortes destacam-se pela intensidade das relações e transmissão de confiança, mas restringem-se a recursos já conhecidos.

Para finalizar a presente seção de análise de dados, referente à identificação da força dos laços entre os atores sociais e a Cozinha Mãe, no item seguinte apresenta-se uma síntese sobre os resultados encontrados.

4.3.4 Síntese da força dos laços encontradas para cada ator social

Considerando as três dimensões estabelecidas para analisar a força dos laços - Envolvimento, Tempo e Parceria - apresenta-se, no quadro 15, a síntese da força dos vínculos de cada ator social por dimensão.

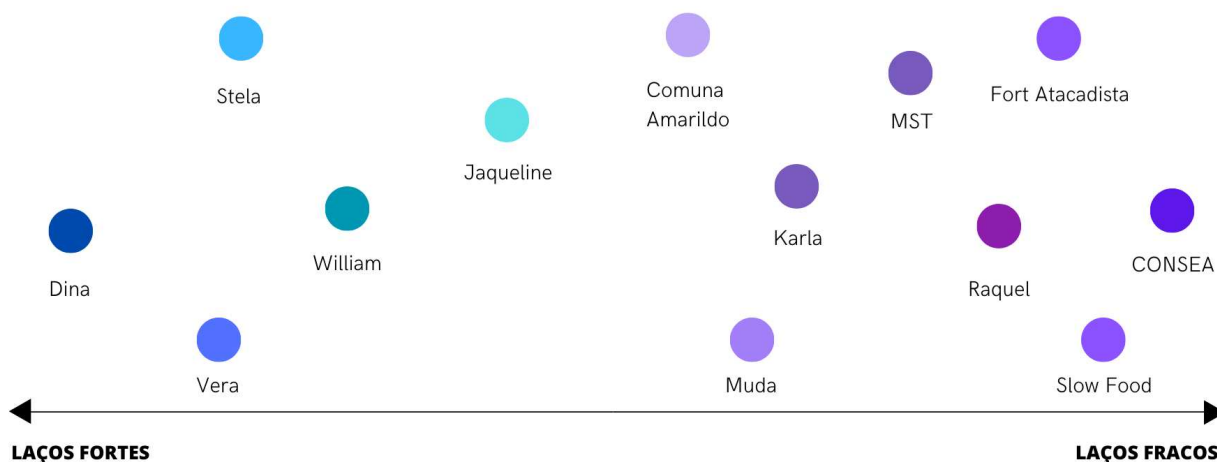
Quadro 15 - Síntese da força dos laços dos atores sociais por dimensão

Tipo de laço	Envolvimento	Tempo	Parceria
Forte	William, Dina, Vera, Stela e Jaqueline	William, Dina, Vera, Stela, Jaqueline, Instituto Muda e Comuna Amarildo	William, Dina, Vera, Stela e Jaqueline
Fraco	Slow Food, Instituto Muda, CONSEA, MST, Fort Atacadista, Comuna Amarildo Raquel e Karla	Slow Food, CONSEA, MST, Fort Atacadista, Raquel e Karla	Slow Food, Instituto Muda, CONSEA, MST, Fort Atacadista, Comuna Amarildo, Raquel e Karla

Fonte: Elaborado pela autora

Com os resultados do quadro 15, tornou-se possível agrupar cada ator social em uma única escala de força dos laços. Para tornar a apresentação dessa força dos vínculos mais visual, foi criado o gráfico (figura 48) para representar a força dos laços existentes entre os atores com a Cozinha Mãe.

Figura 48 - Gráfico da força dos laços por ator social

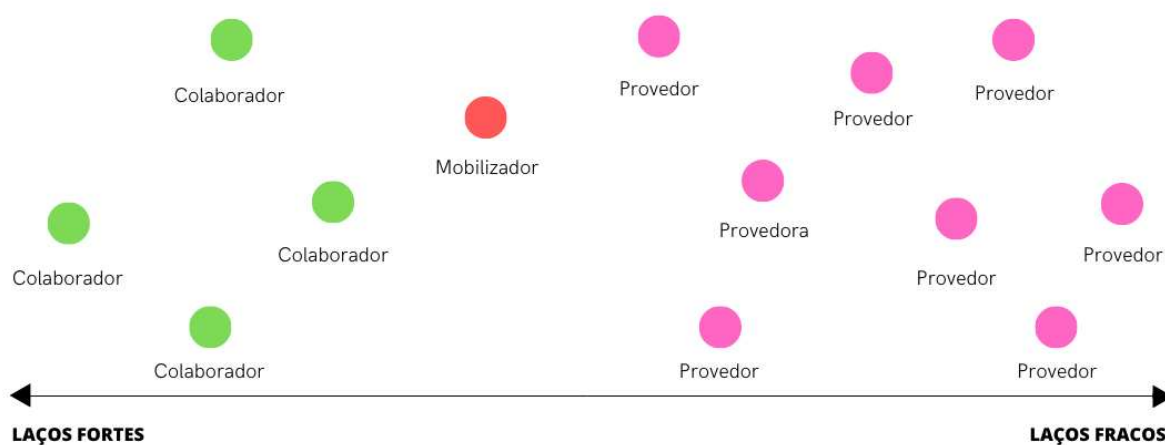


Fonte: Elaborada pela autora (2023)

A partir da imagem acima, chegou-se a conclusão que os laços fortes da Cozinha Mãe são: Jaqueline, William, Stela, Vera e Dina. Já os laços fracos são: Comuna Amarildo, Instituto Muda, Karla, MST, Raquel, Fort Atacadista, Slow Food e CONSEA.

As informações da figura 48 foram utilizadas para criar um novo gráfico de síntese da força dos laços para cada ator social, no entanto, agora na figura 50, ao invés de simbolizá-los pelo nome, estão denominados conforme o tipo principal de recurso fornecido a Cozinha Mãe (ver quadro 15).

Figura 49 - Gráfico da força dos laços por categoria de ator social



Fonte: Elaborada pela autora (2023)

A partir do esquema visual retratado na figura 49, pode-se observar que todos os atores sociais classificados como colaboradores e mobilizadores são os laços fortes da relação com a Cozinha Mãe, já todos os provedores são os laços fracos.

A partir da definição dos atores sociais em uma escala de força dos laços, torna-se possível dar prosseguimento à análise de dados referente ao próximo objetivo específico, que por sua vez, visa entender qual o efeito da força dos laços na inovação social Cozinha Mãe.

4.4 DESCREVER OS EFEITOS DOS LAÇOS FRACOS E FORTES NA COZINHA MÃE

Através da identificação da força dos laços de cada ator social mapeado na seção 4.3, torna-se possível analisar os efeitos desses vínculos na realidade da Cozinha Mãe. Para isso, a teoria *The Strength of Weak Ties* de Mark Granovetter (1973) e a continuação desse estudo *The Strength of Weak Ties: a network theory revisited* (1983), são adotadas como referências teóricas para pautar a análise. De forma resumida, Granovetter conclui em seu estudo sobre a força dos laços na difusão de oportunidades de emprego que os laços fracos entre dois indivíduos são responsáveis pelo acesso a novas informações e oportunidades de recolocação profissional, uma vez que possibilitam a vinda de novas informações que não estão disponíveis na rede de amigos próximos e familiares. Estes atores de maior convívio caracterizam-se como laços fortes e, apesar de constituírem uma rede formada por contatos de

alta frequência e grande proximidade, possuem uma restrição à disseminação de novas informações, como exemplo, novas vagas de trabalho.

Traduzindo a construção teórica de Granovetter à Cozinha Mãe, ao invés de estudar as relações entre duas pessoas distintas, buscou-se identificar como ocorre a troca de recursos entre indivíduos, empresas ou instituições com a CM. Desse modo, ao compreender os recursos que os diferentes tipos de laços proporcionam à Cozinha Mãe - financeiros, materiais, educativos, mão de obra, entre outros - torna-se possível alcançar uma perspectiva na qual pode-se observar a relevância dos laços fracos e fortes na IS.

Nos tópicos seguintes apresenta-se a análise dos laços fortes e fracos para cada uma das dimensões de análise - Atores, Recursos e Impacto.

4.4.1 Efeito do Laços Fortes na Cozinha Mãe

Nessa seção será apresentada a análise do efeito dos laços fortes na Cozinha Mãe para cada uma das dimensões: atores, recursos e impacto. Conforme descrito em seção prévia, os vínculos caracterizados como laços fortes são com os seguintes atores: Dina, Vera, Stela, William (colaboradores) e Jaqueline (mobilizadora).

A primeira dimensão estudada é referente a dimensão **Atores**, a partir do indicador **Origem do contato**, que buscou entender o modo pelo qual os atores sociais caracterizados como laços fortes conheceram as atividades desenvolvidas pela Cozinha Mãe.

- "Como/através de quem essa pessoa/instituição conheceu a Cozinha Mãe?"

A partir da entrevista pode-se constatar que todos esses laços fortes possuem uma origem em comum na Cozinha Mãe: o contexto territorial. Por exemplo, quando a Cíntia foi questionada sobre como a Dina conheceu a Cozinha Mãe, respondeu que "a dona Dina é moradora da comunidade, é uma líder comunitária, é militante também. E é pau pra toda obra". Da mesma maneira ocorreu o contato da Vera com a cozinha solidária, como explica a líder comunitária: "É moradora, através de ajudas, a gente ajudava ela e depois ela começou a auxiliar nas atividades (da Cozinha Mãe)". Por fim, "Stela é moradora também, veio do circuito de a gente tá ajudando e depois ela entender que é importante participar também, pelo acesso que ela teria a Cozinha Mãe, né? E ela é moradora da comunidade".

Já a Jaqueline, apesar de não ter sido relatado na entrevista, também é moradora do bairro Monte Cristo, no entanto, reside na comunidade Novo Horizonte, vizinha a Chico

Mendes. O contato da Jaqueline com a Cozinha Mãe iniciou-se por intermédio da diretora da escola, Karla, antiga conhecida e apoiadora das atividades da Revolução dos Baldinhos:

A Jaque ela fazia parte da tesouraria do colégio, e daí foi ela, junto com a Karla, que procuraram o projeto pra falar das demandas que tavam surgindo da pandemia. E aí, a gente junto começou a pensar, como a gente já tinha a cozinha, daí a gente começou a mobilizar. Daí ela falou que o projeto tinha uma visibilidade, que a gente podia mobilizar de conseguir cesta, e daí a gente começou.

Já em relação ao William, o ator relatou em sua entrevista: "Eu sou militante do movimento sem-teto, ali da moradia, entendeu?", residindo nas ocupações do município de Palhoça. Cíntia menciona que William conheceu as atividades desenvolvidas na Cozinha Mãe "através do movimento social". Questionei a entrevistada para uma melhor explicação sobre esta origem e ela relatou que o excerto abaixo:

O movimento social, que eu digo é assim, as pessoas que a gente vê nos espaços de luta, né? Pessoas que eu conheci em seminários, em reuniões, audiências públicas, em atividades né. A galera que tá em movimento por um objetivo, né? Daí, aonde esse movimento social através dessa rede.

Em todos os relatos acima, nota-se a característica em comum acerca da mesma origem territorial de todos os atores caracterizados como laços fortes, assim como a vivência pessoal de cada um deles em um contexto de vulnerabilidade social e econômica.

Este fator é bastante particular dos laços fortes, que segundo Granovetter, aparecem com grande frequência nas relações sociais entre indivíduos em situação de vulnerabilidade social como uma resposta às pressões econômicas existentes na vida cotidiana, sendo o principal mecanismo que pauta o funcionamento da relação entre esses laços as redes de reciprocidade (Granovetter, 1973, 1983). Assim, como todos esses laços fortes estão inseridos dentro de um mesmo círculo social, ou seja, o contexto territorial de comunidades socialmente vulneráveis, criou-se a condição para a formação das redes de reciprocidade entre os atores com o trabalho voluntário estabelecido na cozinha solidária.

A segunda dimensão analisada, **Recursos**, a partir do indicador **Grau de relevância do recurso**, visa encontrar os recursos fornecidos pelos laços fortes, ou seja, o que a Dina, Vera, Stela, William e Jaqueline forneciam à Cozinha Mãe. Para encontrar essa resposta foram realizadas duas perguntas para a líder comunitária referindo-se a cada ator social analisado. A primeira delas foi:

- "O que a pessoa/ empresa/ instituição fornecia à Cozinha Mãe? Qual era a relevância desse recurso para o funcionamento da cozinha solidária?".

A primeira questão visa entender quais eram os recursos proporcionados pela parceira e o grau de relevância para o funcionamento da cozinha solidária. Para as cozinheiras, caracterizadas como laços fortes, Dina, Vera e Stela, a líder comunitária afirmou que elas forneciam mão de obra, sem receber remuneração pelo serviço prestado, assumindo papel de colaboradoras voluntárias da Cozinha Mãe. Como por exemplo, foi relatado sobre o recurso fornecido por Stela: "O tempo dela, né? O tempo dela de tá fazendo as alimentação nas atividades, tá sempre assim, quando a gente tinha atividade ela tão sempre se oferecendo pra ir junto". Da mesma maneira foi relatado sobre a Vera: "O tempo dela, ela sempre tava à disposição". E também sobre a Dina: "Ela fornece o tempo, né? Quando dá ela vai lá (na Cozinha Mãe)".

O William, por sua vez, também assumia o papel de colaborador. Já a Jaqueline, além da mão de obra voluntária, assumia um papel de mobilizadora de recursos. Segundo a líder comunitária, "a Jaque mobiliza, né? Ela é mobilizadora nata, eu aprendi muito com ela essa questão de mobilizar. De aprender a usar a rede social, né? Isso ela contribuía pra Cozinha Mãe, de mobilizar tanto as mulheres da comunidade também pra irem fazer alimentação, quanto pedir mesmo pra galera de fora pra tá ajudando nas atividades".

Essas respostas demonstram a limitação de acesso a outros tipos de recursos e informações por intermédio dos laços fortes que, por sua vez, possuem apenas a capacidade de ofertar voluntariamente mão de obra para as atividades. Essa constatação corrobora os argumentos de Granovetter (1973), já que, segundo o autor, quanto mais laços fortes, em detrimento de laços fracos, maior será a restrição apenas às informações que tramitam neste grupo restrito de pessoas com maior convívio. Como consequência, há uma menor expansão da rede de atores, pois os grandes agentes promotores da coesão social são os laços fracos ao ligar grupos heterogêneos. Assim, esses laços fortes não possuem acesso a recursos financeiros e materiais para contribuir com as atividades da cozinha solidária, apenas a mão de obra voluntária.

Ainda dentro da análise da dimensão **Recursos**, foi realizada uma segunda pergunta à líder comunitária:

- "Se não fosse esse ator, você acha que a Cozinha Mãe teria acesso a esses mesmos recursos/informações?".

Como resposta a essa pergunta, Cíntia sinalizou que "certamente sim" para todos os atores sociais caracterizados como laços fortes. Assim, referente às funções executadas pelas três mulheres cozinheiras, Dina, Vera e Stela, denota-se, segundo a opção assinalada, que se não fosse o trabalho delas como colaboradoras, a Cozinha Mãe ainda teria acesso a essa mesma mão de obra voluntária na produção de refeições por intermédio de outras moradoras da comunidade, atribuindo menor dependência da Cozinha Mãe às funções executadas pelas cozinheiras. Em relação ao William, Cíntia também denotou menor dependência dos serviços prestados como colaborador à Cozinha Mãe, afirmando que "certamente sim" teria acesso aos trabalhos realizados pelo ator através de outras pessoas. Já relacionado aos recursos e informações provenientes do trabalho da Jaqueline no período em que atuava na cozinha solidária, Cíntia respondeu que "provavelmente não", ou seja, possivelmente a cozinha solidária não teria acesso aos mesmos recursos e informações sem o trabalho da moradora da Novo Horizonte.

Assim, é importante contextualizar que, essas redes de atores sociais ligados entre si por laços possuem uma relação de força e conteúdo nos vínculos estabelecidos. Esses conteúdos podem ser dos mais variados tipos, como, conselhos, amizade, informações, interesses compartilhados (GRANOVETTER *et al.*, 2000). Especialmente nos laços fortes, como pode ser observado nos depoimentos da líder comunitária, em que ela denota menor dependência do conteúdo do laço, a mão de obra voluntária. Dessa forma, esse fato demonstra alguma facilidade em encontrar outros parceiros para executar as mesmas funções.

Essa atribuição de valor corrobora com a definição de Granovetter (1973) sobre os laços fortes, que segundo o autor, são vínculos que oferecem acesso a informações e recursos já disponíveis no círculo social dos atores, gerando uma sobreposição de informações conhecidas. Então, apesar dos laços fortes impressionarem pela intensidade, densidade dos vínculos e confiança das relações sociais estabelecidas, quanto mais fechada for essa rede, menor o acesso a informações externas.

Por fim, ainda relacionado com os laços fortes, a última dimensão analisada foi **Impacto**, a partir do indicador **Resultado**, que pretendeu entender quais os recursos e informações foram provenientes dos vínculos caracterizados como fortes para a iniciativa de inovação social, a Cozinha Mãe. Assim, foi possível compreender nessa dimensão, o que os laços fortes foram capazes de fornecer para a manutenção das atividades na cozinha solidária, através do seguinte questionamento realizado à Cíntia:

- O que a ligação com essa pessoa/instituição proporcionou à Cozinha Mãe?

De acordo com os resultados encontrados na fala da líder comunitária, destaca-se que, independentemente da relativa facilidade de encontrar os recursos fornecidos pelos laços fortes em outros indivíduos da comunidade, o grau de importância das funções realizadas por esses atores - Dina, Vera, Stela, William e Jaqueline - foi considerada "muito importante", segundo as respostas atribuídas pela presidente da RB ao questionário. Assim, denota-se que, o trabalho executado por todos os atores caracterizados como laços fortes nas atividades desenvolvidas na Cozinha Mãe possuem a mesma percepção de importância para a líder comunitária entrevistada.

4.4.2 Efeito do Laços Fracos na Cozinha Mãe

Nessa seção apresenta-se a explanação do efeito dos laços fracos no desenvolvimento da Cozinha Mãe. A fim de relembrar o nome dos atores sociais caracterizados, anteriormente, como vínculos fracos, são eles: Comuna Amarildo, Instituto Muda, Karla, MST, Raquel, Fort Atacadista, Slow Food e CONSEA, todos caracterizados como provedores (ver quadro 15).

A primeira dimensão estudada nos laços fracos, **Atores**, a partir do indicador **Origem do contato**, busca identificar como os atores sociais caracterizados como vínculos fracos conheceram as atividades praticadas pela Cozinha Mãe. Dessa forma, procura-se entender como iniciou-se o contato da Comuna Amarildo, Instituto Muda, Karla, MST, Raquel, Fort Atacadista, Slow Food e CONSEA no espaço da cozinha solidária, através da seguinte pergunta realizada à Cíntia:

- "Como/atraves de quem essa pessoa/instituição conheceu a Cozinha Mãe?"

Através dessa questão foi possível identificar que algumas instituições possuem em comum o conhecimento das ações realizadas pela Cozinha Mãe através dos movimentos sociais, como pode ser visualizado nos relatos da líder comunitária:

A Comuna também foi através do movimento social, das rodas, dos levantamentos, das atividades, reuniões com o CONSEA. Porque o CONSEA é um núcleo que tem várias coisas ali dentro, eu achava, que tipo, (o CONSEA) falava só de comida, mas não. Agora voltou porque eles tinham acabado com o nacional e com o estadual. Porque o CONSEA também viabiliza muitos recursos pra esses coletivos, que plantam, pros agricultores. Aí faz essa ponte: eles apoiam os agricultores com o

objetivo de apoiar as realidades. Aí é aonde as comidas conseguem chegar na comunidade. A gente conheceu a Comuna nessas reuniões que a gente tem de coletivos pensando a cozinha, pensando na alimentação. Daí, eles começaram a trazer alimentação pra cozinha, porque eles plantam, né? Aí, eles tem as cestas ecológicas, daí eles entregam de 15 em 15 dias, eles entregam na Cozinha Mãe.

Da mesma maneira, ocorreu o início da parceria da cozinha solidária com o Instituto Muda:

O Instituto Muda conheceu através das nossas ações e daí ele buscou parceria. Aí, a gente tava com um projeto de sensibilização através da cultura, o Favela Cultural, da gente fazer politização e daí foi o primeiro momento. Daí, ele fez a proposta de oferecer dentro da Cozinha Mãe alimentação um dia da semana. Aí eles ficaram durante uns sete meses dentro da Cozinha Mãe uma vez por semana fazendo alimentação vegana.

Os movimentos sociais relatados pela Cíntia discutem e buscam soluções para inúmeros temas relacionados a segurança alimentar, como foi abordado sobre o início das relações com o laço fraco estabelecido pelo CONSEA: "O CONSEA foi através do movimento social também, de saber que ele discutia as relações, não só com a Cozinha (Mãe), mas de pensar a segurança alimentar, insegurança alimentar, o acesso, incentivos, investimentos pras ações, atividades e pensar política pública mesmo".

Da mesma maneira, através dos movimentos sociais, iniciou-se o vínculo entre o MST e a Cozinha Mãe:

O MST conheceu através dos movimentos de luta dos espaços que a gente vai levar nossas demandas, dessa construção coletiva. Daí, eles colocaram, conheci o bam bam bam lá, o Marquito que me apresentou ele, do MST, presidente geral ou coordenador geral do MST.

A origem em comum desses atores sociais com a Cozinha Mãe através dos movimentos sociais, segundo Granovetter (1973), demonstra o grande alcance dos laços fracos na disseminação de informações, diferentemente dos laços fortes que apenas possibilitam o acesso aos conhecimentos já disponíveis no círculo social mais próximo. Outro ponto importante de ser destacado é que o estabelecimento dessas parcerias com o CONSEA, Instituto Muda, MST e Comuna Amarildo, todos caracterizados como laços fracos, através da articulação dos movimentos sociais, trazem à Cozinha Mãe informações novas e não superpostas que garantem a sobrevivência do projeto, como por exemplo, através de novos potenciais doadores de dinheiro, cestas básicas, alimentos, entre outros recursos. Assim, esses laços fracos caracterizam-se como pontes para novos contatos.

Referente a outra instituição caracterizada como laço fraco, o Slow Food, possui um vínculo mais antigo com a Cozinha Mãe, apoiando inclusive a construção do espaço de produção de refeições comunitárias em 2017, segundo a líder comunitária:

O Slow Food, na verdade, chegou na Revolução dos Baldinhos, né? [...] E quando surgiu a Cozinha Mãe em 2017, a gente, através da Usina do Hambúrguer, do edital, eles foram um parceiro pra ajudar a pensar a organização estrutural da Cozinha Mãe no início. Como, assim, a gente queria fazer as atividades, como que a gente ia desenvolver, trabalhando a Educação do Gosto. Então, esse foi um papel importante, de trazer essas primeiras práticas de um uso consciente da alimentação saudável, né?

A Cozinha Mãe também era apoiada com a doação de inúmeros itens para produção de refeições por pessoas físicas, que por sua vez, ativavam sua rede de contatos para atingir mais potenciais doadores, como explicitado na entrevista da Cíntia:

A dona Raquel conheceu a Cozinha Mãe, acho que através da filha dela, a professora Helena, que fazia as ações pela universidade. Daí, a dona Raquel se tornou uma apoiadora, começou a mobilizar no condomínio dela, na rede de amigos dela e trazia, e tava sempre ajudando a gente nas atividades, né?

Com o recebimento de doações em dinheiro, a líder comunitária e a outra mobilizadora, Jaqueline, precisavam converter o recurso em cestas básicas e alimentos. Assim, iniciou-se a parceria com a Rúbia, gerente do supermercado Fort Atacadista, "através das compras que a gente ia pedir sempre desconto, quando a gente fazia as compras do mercado, a gente sempre ia chorar pra gerência lá. 'Ah o gerente', pedindo chorinho, pedindo desconto pra conseguir levar sempre o máximo, pra ver quanto que ela conseguia fazer pra nós. Daí a gente conseguiu, ela sempre foi bem parceira".

Por fim, a Karla, como é diretora da escola EEB América Dutra Machado há muitos anos, e dentro do pátio da escola ficam localizadas as leiras de compostagem da Revolução dos Baldinhos, a relação entre ela e a Cíntia já acontece há um longo período de tempo. Por isso, desde o início da pandemia, quando os pais dos estudantes procuraram a Karla no fechamento da escola, a diretora já sabia que poderia recorrer aos trabalhos da Cíntia na Cozinha Mãe, conforme relato da entrevistada:

A Karla conheceu a Cozinha Mãe através de uma ação que a gente iniciou através de uma demanda que foi projetada na escola. Daí, ela sabia que a gente tinha a Cozinha Mãe, mas foi bem na pandemia. Daí, ela começou, que ela entendeu que a Cozinha tinha esse potencial.

Através dessas respostas, pode-se observar que as diferentes origens de contato estabelecidas entre os laços fracos e a Cozinha Mãe são importantes, pois, conforme a teoria de Granovetter (1973), os vínculos fracos são responsáveis por conectar grupos distintos, proporcionando acesso a informações de partes distantes do seu sistema social, sendo capazes

de romper a configuração de “ilhas isoladas” dos *clusters* e revelar a disposição de uma rede social.

Já a dimensão **Recursos**, analisada a partir do indicador **Grau de relevância do recurso**, visa encontrar o acesso aos recursos proporcionados pelos atores sociais caracterizados como laços fracos e a relevância desse recurso no contexto da Cozinha Mãe. Para encontrar essas respostas, foram realizados os seguintes questionamentos à líder comunitária:

- "O que a pessoa/empresa/instituição fornecia à Cozinha Mãe? Qual era a relevância desse recurso para o funcionamento da cozinha solidária?"

Foi possível identificar, através das respostas concedidas pela líder comunitária que, a maior parte das conexões identificadas são estabelecidas com os atores provedores de alimentos à Cozinha Mãe. Como exemplo, Cíntia relata sobre o MST:

"Eles doam pra gente arroz e feijão pras atividades. Então, tipo, já é uma coisa a menos pra se comprar, quando a gente recebe é muito bem vindo [...] Ah, é a base. Porque arroz e feijão é a base. A gente precisa de arroz e feijão. Se tiver arroz, feijão e as verduras tem dia de atividade. Se tiver arroz e feijão, tem comida".

Já em relação a Comuna Amarildo, que fazia doações de leguminosas, a líder comunitária denota a importância dessas doações em sua fala:

Ah, é importante, porque é o verde (verduras), né? A gente também tá se relacionando com essas pessoas que têm relação, contato com a terra, né? De a gente tá sempre com essa comunicação. A mesma coisa com os indígenas, agora a gente também recebe (alimentos) dos indígenas, de uma aldeia lá de Biguaçu, mas vem através de uma parceria com o Bagé, que trabalhou no Cepagro. É uma rede.

A Raquel mobilizava sua rede de contatos e doou uma variedade de itens para a Cozinha, desde alimentos, cestas básicas, utensílios e até gás de cozinha. Cíntia recordou-se de algumas das principais doações realizadas pela Raquel:

"Na alimentação, no que a gente precisava. O forno que a gente tem até hoje foi ela que trouxe, o tempo que a gente tinha frango na Cozinha Mãe era ela que trazia [...] Ah, muito importante saber que tem pessoas da sociedade civil que apoiam e que entendem a importância desses espaços dentro da comunidade".

O CONSEA também disponibilizava à Cozinha Mãe o acesso a alguns itens de alimentação: "O CONSEA, a gente chegou a receber do CONSEA umas doação de cesta

básica e foi mais um negócio [...] Eu conheci pessoas do CONSEA assim em reuniões". No entanto, o Conselho, por ser um órgão muito conhecido por diversas instituições que atuam na questão da segurança alimentar, também fazia uma ponte com outros atores sociais dispostos a doar recursos às cozinhas solidárias, como pode ser visualizado na fala da Cíntia:

Daí a importância de fazer essa ponte, de conhecer outras pessoas. Eles também viabilizam. Tipo assim, teve gente que se submeteu, teve acesso a algum recurso do CONSEA, e aonde que ia aplicar esse recurso? Muitos, alguns desses, aplicavam na Cozinha Mãe, aí nesse meio, assim que eu conheci o CONSEA, como uma possibilidade de ajuda, de pensar política pública.

Quando a líder comunitária foi questionada sobre a importância dessa rede de contatos para a manutenção das atividades da Cozinha Mãe, respondeu que:

Ah, é bem importante! Porque a gente tem que tá sempre em movimento e nessas articulação. É essa articulação que movimenta as ações, porque tipo, nem sempre são ações direta, às vezes de pessoas que fazem, falam com outras pessoas, até chegar no próprio território, né? E daí, essas pontes, assim que acontecem essas articulações que trazem resultado pra Cozinha Mãe.

Logo, essas ligações proporcionadas pelas redes de contatos observadas nos depoimentos indicam que as pontes, ou conexões das redes sociais, estabelecidas pelos laços fracos, acarretaram uma maior força e expansão para as redes sociais ao interligar grupos distintos. Cíntia, em sua entrevista, traz como exemplo essa conexão de diferentes redes sociais através do CONSEA, denotando a importância das articulações na busca de recursos para a Cozinha Mãe. Além da provisão de alimentos, outros atores proporcionavam diferentes tipos de recursos, como o Instituto Muda que promovia atividades culturais, conforme ressaltado pela Cíntia:

É, daí ele forneceu esse um dia de atividade de alimentação e também no processo inicial do projeto de cultura a gente teve recurso, ele colocou recurso nas atividade. A gente teve oficinas, aula de rima, de percussão, de atabaki com os oficinas pras crianças. A gente fez a abertura das atividades na Cozinha Mãe, assim cultural do projeto. Foi através do Muda, teve o recurso, acho que foi 25, 28 mil. Parcelas assim, né? Tipo, a gente tinha quatro oficinas, ganhavam mil reais mais a coordenação, aí dava certinho. Dava cinco, seis conto por mês, eles colocavam, aí era pra pagar as atividades dos oficinas e eles também ajudavam com gás de 15 em 15 dias.

Já o movimento Slow Food atuava dentro da Cozinha Mãe desenvolvendo atividades de formação, ou seja, a educação para os moradores da comunidade sobre melhores práticas de aproveitamento dos alimentos com objetivo de fortalecer a soberania alimentar nas

comunidades carentes: "Eles dedicavam tempo nas oficinas, isso era massa porque capacitou muita gente da comunidade e os próprios agentes da Revolução (dos Baldinhos) mesmo, né? A gente se capacitava e replicava o que a gente aprendia".

A líder comunitária explica, de forma mais detalhada, as atividades desenvolvidas pelo Slow Food na Cozinha Mãe:

E daí, a gente tinha uma atividade com eles que era o Disco Xepa [...] E a gente usa até hoje, a gente trouxe já outras propostas, como o anti especismo, que daí a gente trouxe a Akuenda pra trazer a historialidade da alimentação. E tipo, com a farinha lá do acarajé, com o feijão lá do acarajé dá pra fazer várias coisa e a gente acha que é só o acarajé. Então, dessa educação alimentar, então o Slow Food foi fundamental pra esse início. Pra gente entender e pensar essa forma de alimentação saudável. E depois a gente começou a trazer outros agentes que a gente entendia que seria legal falar e fortalecer ainda mais a questão da soberania alimentar, do acesso.

Em relação ao supermercado Fort Atacadista o recurso fornecido era o desconto na compra de itens de alimentação para a Cozinha Mãe. Através da relação estabelecida com a gerente Rúbia a Cozinha Mãe tinha acesso à itens de alimentação com preços diferenciados: "A importância dela era o desconto, né? Que a gente conseguia levar ou ela sempre conseguia assim colocar duas a três a mais, fora o valor que a gente tinha. Ela sempre buscava um desconto. Sempre".

Por fim, conforme relatado pela Cíntia, a Karla, além de auxiliar na identificação das famílias mais numerosas e com maior vulnerabilidade financeira "também ajudou a mobilizar recurso, doação. Ela não podia se envolver muito por causa da questão do colégio".

Ainda dentro da análise da dimensão **Recursos**, foi realizada uma segunda pergunta à líder comunitária:

- "Se não fosse esse ator, você acha que a Cozinha Mãe teria acesso a esses mesmos recursos/informações?".

Ao responder essa questão, para todos os atores classificados como laços fracos, a líder comunitária indicou a resposta "provavelmente não", ou seja, na percepção da líder comunitária, a Cozinha Mãe provavelmente não teria acesso aos mesmos recursos e informações sem a colaboração dos atores mapeados como laços fracos - Comuna Amarildo, Instituto Muda, Karla, MST, Raquel, Fort Atacadista, Slow Food e CONSEA.

A partir dessa resposta, observa-se uma maior dependência aos recursos proporcionados pelos laços fracos para a manutenção das atividades da Cozinha Mãe. Essa atribuição de valor

corroborar com a definição de Granovetter (1973) sobre os laços fracos, que segundo o autor, são vínculos caracterizados por pouca frequência no contato, mas que proporcionam acesso a recursos disponíveis além do círculo social mais próximo, ou seja, quanto menos densos os vínculos, maior acesso às informações externas.

Por fim, a dimensão **Impacto**, analisada a partir do indicador **Resultado**, buscou analisar os recursos e informações provenientes dos laços fracos para a iniciativa de inovação social estudada. Para isso, foi realizada a seguinte pergunta para a Cíntia:

- O que a ligação com essa pessoa/instituição proporcionou à Cozinha Mãe?

Diferentemente da facilidade de acesso atribuída à substituição da mão de obra dos laços fortes na Cozinha Mãe, para os laços fracos o cenário é diferente, uma vez que a resposta do indicador anterior denotou maior dificuldade no acesso aos recursos e informações proporcionados pelos vínculos fracos.

Assim, a líder comunitária respondeu que, para todos os vínculos fracos mapeados, os impactos gerados pelas parcerias foram "muito importantes". Evidencia-se, a partir dessa resposta, que há forte percepção da importância do papel de todos os atores caracterizados como laços fracos no desenvolvimento da Cozinha Mãe.

A fim de finalizar a presente seção de análise de dados, referente à descrição dos efeitos dos laços fracos e fortes na inovação social mapeada, abaixo apresenta-se uma síntese dos resultados encontrados.

4.4.3 Síntese sobre os efeitos dos Laços Fracos e Fortes na Cozinha Mãe

Para possibilitar a síntese acerca dos efeitos dos laços fracos e fortes na Cozinha Mãe é necessário resgatar que a líder comunitária entrevistada denotou o mesmo grau de importância para as contribuições de todos os atores sociais mapeados. Assim, quando realizado o questionamento referente à última dimensão analisada, Impacto, Cíntia respondeu que os papéis assumidos por todos os vínculos foram "muito importantes" para a CM.

Percebeu-se que tanto os laços fracos quanto os laços fortes desempenham funções relevantes para a Cozinha Mãe. No entanto, os tipos de recursos e/ou informações disponibilizados por esses vínculos, assim como a facilidade ou dificuldade de acesso a eles, diferem em razão do tipo de laço existente. Assim, constatou-se que os atores caracterizados como laços fortes permitem acesso a recursos como mão de obra voluntária, seja para

produção de refeições, mobilização de doações entre outras atividades operacionais para garantir o funcionamento da Cozinha. Na ausência desses laços fortes averiguou-se que ainda haveria acesso a mão de obra voluntária por intermédio de outros moradores da comunidade. Logo, é possível observar uma maior facilidade da Cozinha Mãe acessar os recursos fornecidos pelos laços fortes.

Por sua vez, constatou-se na análise dos laços fracos que, além desses parceiros movimentarem sua rede social em prol da Cozinha Mãe, também doam alimentos, cestas básicas, dinheiro, utensílios, além de alguns promoverem oficinas profissionalizantes e atividades culturais. Na ausência dos laços fracos, notou-se que haveria dificuldades em acessar os recursos fornecidos por tais vínculo.

A fim de representar de forma visual a síntese sobre o efeito dos laços fracos e fortes na Cozinha Mãe, estruturou-se um gráfico de dois eixos: X (força dos laços) e Y (acesso aos recursos). As variáveis do primeiro eixo distinguem-se entre laços fracos e fortes, já o segundo eixo, oscila entre o acesso mais fácil e mais difícil aos recursos.

Figura 50 - Gráfico da força dos laços por acesso aos recursos



Fonte: Elaborada pela autora (2023)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O problema central desta pesquisa adveio da minha ampla vivência no campo na Revolução dos Baldinhos, de 2019 até os dias atuais. Foi essa experiência que tornou possível o encontro da problemática investigada na presente dissertação.

Ao longo desses anos, observei uma ampla oscilação da rede de atores que apoiou a manutenção das atividades da associação. Com base nesse contexto, surgiu a inquietação de entender qual o efeito dessa ida e vinda de tantos parceiros para a RB. A partir dessa questão, busquei apoio teórico para subsidiar a pesquisa e ficou definido como problema de pesquisa da dissertação a seguinte questão: Qual o efeito dos laços na inovação social? A ideia dos laços, conforme apresentado na fundamentação teórica, provém de Mark Granovetter (1973).

Para possibilitar a resposta desse questionamento, foram definidos quatro objetivos específicos, a fim de traçar um caminho de pesquisa capaz de elucidar a problemática encontrada no campo, são eles:

- Reconstituir a história da Revolução dos Baldinhos a fim de identificar em sua linha do tempo uma situação que demandou um processo de inovação social;
- Mapear os atores sociais proeminentes envolvidos na situação identificada;
- Identificar a força do laço entre cada ator social proeminente mapeado e a inovação social;
- Descrever os efeitos dos laços fracos e fortes na inovação social.

Durante a pesquisa para atingir o primeiro objetivo, fiz a reconstituição histórica da RB para identificar em sua linha do tempo situações mais circunscritas de inovação social, do que olhar para RB como um todo, visto seu longo tempo de existência. Localizar esses momentos menores de inovação social tornaria mais precisa a análise. Por isso, foi desenvolvida uma linha do tempo para organizar os diversos eventos que aconteceram desde a fundação da RB (2008) até a atualidade. Diversos eventos importantes foram identificados, todos relacionados ao enfrentamento de problemas sociais do contexto territorial da RB, como: déficit habitacional, alta concentração de pobreza, falta de serviços básicos de infraestrutura na região. Com o início da pandemia da COVID 19 no Brasil, no início de 2020, alguns desses problemas do território intensificaram-se sobremaneira, notadamente a falta de acesso à alimentação por muitas famílias, desencadeando uma resposta de enfrentamento: a Cozinha Mãe.

A Cozinha Mãe, localizada na parte interna do Conjunto Habitacional Chico Mendes, conhecido pelos moradores como Carandiru, já havia sido inaugurada em 2018 através da parceria com o Slow Food, ICOM, Usina do Hambúrguer e Sesc Mesa Brasil. O projeto CM foi criado com objetivo de estender a atuação da própria RB, proporcionando atividades como: educação sobre o reaproveitamento de alimentos, formação para microempreendedores comunitários, preparo de refeições diárias, entre outros. No entanto, foi apenas com a chegada da pandemia no Brasil, que a Cozinha Mãe passou efetivamente a ter atividades intensamente desenvolvidas. Essa articulação para o enfrentamento de problemas sociais configuram tipicamente aquilo que Cloutier (2003) define como Inovação Social. Para a autora a IS pode ser entendida como uma resposta para uma situação social insatisfatória, buscando o bem-estar dos cidadãos e das comunidades através de ações que promovam mudanças duradouras em diferentes setores de uma sociedade.

Assim, considerando a Cozinha Mãe uma iniciativa de inovação social, ficou definida como caso desta pesquisa. A partir desse objeto buscamos analisar o efeito dos laços na inovação social. Apesar da revisão sistemática da literatura ter evidenciado que o número de estudos sobre o tema aumentou nos últimos dez anos, este campo ainda pode ser considerado como pouco explorado nos estudos acadêmicos (Wittmayer et al, 2017).

Além disso, visando contribuir com os estudos organizacionais, serão analisadas as dinâmicas estabelecidas nas relações entre os atores sociais estudados, que por sua vez, constituem as redes sociais. Estas redes permitem o estudo, a descrição e compreensão das interações entre os indivíduos na inovação social analisada. Por exemplo, como já trazido por Steiner (2006) na seção de análise das redes, esse instrumento pode ser usado para estudar múltiplos fenômenos, como as relações dentro de grupo de atores sociais, os vínculos estabelecidos e a inovação. Em todas essas diferentes situações, o autor aborda que o acontecimento dos fenômenos dependem das interações entre os atores com os demais membros de uma rede social.

Para identificar os atores sociais envolvidos na inovação social usamos como referência diferentes modelos de análise sobre o tema propostos por autores como: Murray *et al.* (2010), Tardif e Harrisson (2005), Buckland e Murillo (2013), Rollin e Vicent (2007), Cloutier (2003), Cunha e Benneworth (2013) e Avelino et al (2014). Apesar das diferentes perspectivas, todos esses modelos possuem como ponto comum a rede de atores como elemento central do estudo da inovação social. Além disso, os atores sociais são vistos como responsáveis pelo enfrentamento das mais diversas situações que ocorrem em um território promovendo o desenvolvimento sustentável de suas comunidades, e para entender essa

articulação, torna-se necessária a análise da rede de atores sociais, que pressupõe um fluxo constante de entrada e saída de indivíduos.

Para identificar os atores sociais da Cozinha Mãe, foi preciso mapeá-los (indivíduos, empresas ou instituições). Assim, busquei identificá-los na reconstituição histórica da CM através da minha intensa vivência no espaço e, principalmente, por meio da principal voz do projeto, a líder Cíntia Aldaci da Cruz. O meu principal compromisso metodológico foi ouvir as vozes envolvidas na inovação social. Além disso, meu acesso à comunidade me permitiu capturar também aquilo que estava nas entrelinhas das falas, como olhares, suspiros e silêncios. Nas entrevistas, foi possível identificar diversos atores sociais, no entanto foi considerado para pesquisa somente aqueles que assumiram papéis proeminentes na CM.

Depois de mapear os atores proeminentes da Cozinha Mãe, tornou-se possível identificar a força dos laços, ou seja, a força do vínculo entre esses atores e a CM. A análise dos atores pode ser realizada a partir de diferentes perspectivas teóricas, dentre as quais, *A força dos laços fracos* de Mark Granovetter (1973). Com base no autor, nesta pesquisa adotamos para análise dos laços as seguintes dimensões: Envolvimento, Tempo e Parceria. Como resultados, identificamos que os atores com laços fortes são: Jaqueline, Stela, Dina, Vera e William. Já os laços fracos são: Comuna Amarildo, Instituto Muda, Karla, MST, Raquel, Fort Atacadista, Slow Food e CONSEA.

A partir desse ponto pude compreender o efeito dos vínculos fracos e fortes na Cozinha Mãe. Para essa etapa novas dimensões foram estabelecidas: Atores, Recursos e Impactos. A primeira dimensão, Atores, evidenciou que os laços fortes possuíam em comum a mesma origem de contato com a Cozinha Mãe: o contexto territorial. A segunda dimensão, Recursos, evidenciou que todos os laços fortes identificados forneciam o mesmo tipo de recurso à cozinha solidária, o tempo, através da atuação como mão de obra voluntária, variando apenas o tipo de atividade desenvolvida. Por fim, a terceira dimensão, Impacto, evidenciou que o grau de importância das atividades desenvolvidas pelos laços fortes eram muito importantes para o funcionamento da Cozinha Mãe. Por outro lado, os recursos proporcionados pelos laços fortes (mão de obra voluntária) não são escassos, uma vez que outros moradores da comunidade estão dispostos a fornecê-la.

Esses dados demonstraram que os atores sociais caracterizados como laços fortes contribuem para a inovação social analisada através do fornecimento de trabalho voluntário, recurso relevante, porém abundante, para a CM. Este fato também corrobora com a argumentação de Granovetter (1973) que caracteriza os laços fortes como promotores de

recursos e informações disponíveis no círculo social mais próximo e de maior densidade das relações sociais, porém com menor acesso à informações externas.

Já os laços fracos, a dimensão Atores evidenciou uma origem de contato em comum da Cozinha Mãe: “o amigo do amigo”, ou seja, a relação não era direta. Em todos os casos houve um intermediário na relação. A segunda dimensão, Recursos, evidenciou que os laços fracos proporcionaram, majoritariamente, recursos (seja alimento, dinheiro, cursos, formações). Por fim, a terceira dimensão, Impacto, evidenciou os recursos fornecidos pelos laços fracos como muito importantes para a Cozinha Mãe. Contudo, diferentemente dos laços fortes, observou-se que o acesso aos recursos provenientes dos laços fracos são difíceis, e a CM teria dificuldade em acessá-los se não por meio dos laços fracos, denotando uma maior restrição no acesso desses recursos.

Assim, a conclusão encontrada foi que a diversidade de atores sociais presentes na Cozinha Mãe, bem como os diferentes papéis desempenhados por cada um deles, é mais importante para a sobrevivência da Cozinha do que a quantidade de indivíduos, empresas ou instituições atuantes. Ou seja, quanto mais diversos forem os atores sociais que constituem uma rede para inovação social, maior tende ser o acesso aos recursos e informações. Esse achado fornece uma informação relevante em termos organizacionais da inovação social.

Reforçando a argumentação, esses dados encontrados são importantes ao sinalizar que na articulação da rede de atores da inovação social não apenas a quantidade de atores importa, mas também o tipo de vínculo desses atores com a inovação social. A exemplo, a partir dessa conclusão, posso olhar para trás e inferir que nas fases em que a Revolução dos Baldinhos ficou restrita a moradores locais coincide com os momentos de maiores dificuldades para sua manutenção. Esses dados foram largamente descritos no meu trabalho de conclusão de curso e [documentado em vídeo](#).

Chegamos ao final desta pesquisa, tendo respondido a pergunta que nos norteou: "Qual o efeito dos laços na inovação social?". Acredito ter contribuído para o campo dos estudos da inovação social sinalizando que os laços fracos são fundamentais para expansão da rede e acesso a recursos fora do âmbito restrito, interligando círculos diferentes de conhecimento às informações. Já os laços fortes mobilizam recursos apoiados na solidariedade e na intensidade dos contatos marcados pela curta distância social entre os atores, mas ocasionando uma sobreposição de informações já conhecidas.

Por fim, compreender melhor como se dá a inovação social parece ser uma tarefa bastante importante em um período em que sociedades locais, nacionais e transnacionais estão

lidando problemas sociais diversos como profundas crises econômicas e climáticas e, para fazer frente a essas questões, a inovação social pode ser um importante caminho.

5.1 LIMITAÇÕES DA PESQUISA E RECOMENDAÇÕES PARA NOVOS ESTUDOS

A principal limitação encontrada na presente dissertação foi a falta de indivíduos com conhecimentos longitudinal sobre o funcionamento da Cozinha Mãe para contribuir na construção de conhecimentos da coleta de dados, uma vez que apenas a Cíntia possuía informações suficientes para responder às perguntas sobre a força e efeito dos laços fracos e fortes.

Já como recomendação para novos estudos, como a presente dissertação analisou os efeitos dos laços na inovação social, da área de segurança alimentar em uma comunidade periférica de Florianópolis, recomenda-se que novas pesquisas sejam realizadas em outros setores em diferentes comunidades do país. Considera-se importante expandir o entendimento sobre as implicações dos laços fracos e fortes em redes de outros projetos da sociedade civil que não estejam inseridos em territórios de alta vulnerabilidade social e econômica e, portanto, com sujeitos política e geograficamente apartados do acesso à recursos que são abundantes em outros territórios.

Além disso, apesar de a presente dissertação ter escolhido o foco de análise das redes a partir da perspectiva dos laços sociais estabelecidos entre os atores, existem diversos outros elementos de análise de redes sociais que podem ser explorados para a melhor compreensão das ações dos indivíduos.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Marcos José de. **Gestão comunitária de Resíduos Orgânicos**: o caso do Projeto Revolução dos Baldinhos (PRB), Capital Social e Agricultura Urbana. 2013. 184 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Agronomia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.
- ALCÂNTARA, F. MST já doou mais de 7 mil toneladas de alimentos desde o início da pandemia. Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra, [s. l.], 12 set. 2022. Disponível em: <https://mst.org.br/2022/09/12/mst-ja-dou-mais-de-7-mil-toneladas-de-alimentos-desde-o-inicio-da-pandemia/>. Acesso em: 2 fev. 2023.
- A LUTA pela soberania indígena. **Agroecologia Visual**, Florianópolis, [2023?]. Disponível em: <https://www.visualagroecology.com/tekoa-vya>. Acesso em: 2 fev. 2023.
- ALVES, M. C. **O Crescimento urbano de Florianópolis no contexto da modernização agrícola**: O caso da prática de agricultura urbana na comunidade Chico Mendes. Florianópolis, SC: UFSC, 2009.
- ANDION, C. Análise de redes e desenvolvimento local sustentável. **Revista de Administração Pública**, [S.l.], v.37, n.5, p.1033-1054. 2003.
- ANDION, C et. al. Sociedade civil e inovação social na esfera pública: uma perspectiva pragmatista. **Revista de Administração Pública**, [S.l.], v.51, n.3, p. 369-387, 2017.
- ANDION, C.; ALPERSTEDT, G. D.; GRAEFF, J. F. Ecosistema de inovação social, sustentabilidade e experimentação democrática: um estudo em Florianópolis. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 54, n. 1, p. 181-200, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/0034-761220180418>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rap/a/W8HPVFsSQwhNGzRVF6WddxC/>. Acesso em: 4 abr. 2023.
- A REVOLUÇÃO no tratamento dos resíduos orgânicos a partir de Santa Catarina. Articulação Nacional de Agroecologia, Rio de Janeiro, 18 nov. 2015. Disponível em: <https://agroecologia.org.br/2015/11/18/a-revolucao-no-tratamento-dos-residuos-organicos-a-partir-de-santa-catarina/>. Acesso em: 4 abr. 2023.
- AVELINO, F. *et al.* **Game-changers and transformative social innovation**: the case of the economic crisis and the new economy. Task-lead: DRIFT, 2014. Disponível em: <http://www.transitsocialinnovation.eu/content/original/TRANSIT%20outputs/111%20TRAS%20D2.1%20Game-changers%20&%20Transformative%20Social%20Innovation.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2022.
- BANCO de Tecnologias Sociais. **Fundação Banco do Brasil**, Brasília, DF, 2017. Disponível em: <https://www.fbb.org.br/pt-br/ra/conteudo/banco-de-tecnologias-sociais>. Acesso em: 8 fev. 2023.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reta e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reta e Augusto Pinheiro. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reta e Augusto Pinheiro. Coimbra: Almedina, 2011.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições, 2016, p. 70.

BATAGLIN, J. C. et al. Inovação Social: um estudo da publicação científica internacional por meio da análise de redes. **Brazilian Business Review**, Vitória, v. 18, n. 4, p. 450-467, 2021. DOI: <https://doi.org/10.15728/bbr.2021.18.4.6>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bbr/a/q5jbRyLXsBKjNHwxhHLgKqj/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 4 abr. 2023.

BAYMA, F. Capacitação de administradores para as organizações sem fins lucrativos. **Revista de Administração Pública**. Rio de Janeiro, v.31, n.6, p. 119-167, nov./dez. 1997.

BIGNETTI, L. P. As inovações sociais: uma incursão por ideias, tendências e focos de pesquisa. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, RS, v. 47, n. 1, p. 3-14, jan./abr., 2011.

BOUCHARD, M. J. Social innovation, an analytical grid for understanding the social economy: the example of the Quebec housing sector. **Service Business**, [S.l], v. 6, n. 1, p. 47-59, 2012.

BIROCHI, R.; ROVER, O. J.; SCHULTZ, G. O movimento *Slow Food* e os sistemas agroalimentares brasileiros. In: BIROCHI, R.; ROVER, O. J.; SCHULTZ, G. (orgs.). **Alimentos bons, limpos e justos da Agricultura Familiar Brasileira**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2019. p. 11-24. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/199414/001085790.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 4 abr. 2023.

BOUGHZALA, Y. Towards a collective approach of social innovation: the case of the social entrepreneurship in Tunisia. **Innovations**, [S.l], v. 62, 2020, p. 161-189. DOI <http://doi.org/10.3917/inno.062.0161> . Acesso em: 10 ago. 2022.

BRACKERTZ, N. Inovação social, Australian Policy Online, guia de tópicos. **Australian Policy Online**, [S.l], 5 de dez. 2011. Disponível em: <http://apo.org.au/node/27387>. Acesso em: 10 ago. 2022.

RODA de conversa: Os revolucionários. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (37min). Publicado pelo canal BRGov Jovem. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ls6oIDbSjws&t=1105s>. Acesso em: 10 jan. 2023.

BUCKLAND, H.; MURILLO, D. **Antena de innovación social**: vías hacia el cambio sistémico: ejemplos y variables para la innovación social. Barcelona, ES: ESADE. Instituto de Innovación Social, 2013.

CAJAIBA-SANTANA, G. Social innovation: moving the field forward. A conceptual framework. **Technological Forecasting and Social Change**, [s. l.], v. 82, p. 42-51, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.techfore.2013.05.008>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0040162513001236>. Acesso em: 4 abr. 2023.

CCSI. **Cambridge Centre for Social Innovation**. [S.l: s.n.], 2022. Disponível em: <https://www.jbs.cam.ac.uk/faculty-research/centres/social-innovation/about-us/>. Acesso em: 01 de ago. 2022.

CLOUTIER J. **Qu'est-ce que l'innovation sociale?** Document d'introduction. [S.l: s.n.], 2003.

COBO, M. J.; LÓPEZ-HERRERA, A. G.; HERRERA-VIEDMA, E.; HERRERA, F. Science mapping software tools: Review, analysis, and cooperative study among tools. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, [S.l.], v. 62, n. 7, p. 1382–1402. 2011.

CORIOLOANO, D. *et al.* O morador não é o inimigo. **Zero**, Florianópolis, 27 set. 2015. Disponível em: <https://zeroufsc.medium.com/o-morador-n%C3%A3o-%C3%A9-o-inimigo-d2e6d4b28638>. Acesso em: 4 abr. 2023.

CRISES. **Centre de recherche sur les innovations sociales**. [S.l: s.n.], 2022 Disponível em: www.crises.uqam.ca>. Acesso em: 01 ago. 2022.

CUNHA, J.; BENNEWORTH, P. Universities' contributions to social innovation: towards a theoretical framework. *In*: EUROPEAN URBAN RESEARCH ASSOCIATION (EURA) CONFERENCE, 2013, Enschede, the Netherlands. **Anais [...]** Enschede, The Netherlands, 2013.

DAMARIO, Edison Quirino; COMINI, Graziella Maria. Social innovation in brazilian social entrepreneurs: a proposed scale for its classification. **Revista Brasileira de Gestão de Negócios**, [S.l.], v. 22, p. 104-122, 2020.

DRUCKER, P. F. Social innovation: Management's new dimension. **Long Range Planning**. [S.l.], v. 20, n. 6, p. 29–34, 1987.

EICHLER, Georg M.; SCHWARZ, Erich J. What sustainable development goals do social innovations address? A systematic review and content analysis of social innovation literature. **Sustainability**, [S.l.], v. 11, n. 2, p. 522, 2019. DOI 10.3390/su11020522. Acesso em: 01 de ago. 2022.

EMUDE (EMERGING USER DEMANDS FOR SUSTAINABLE SOLUTIONS). **Strategic Design Scenarios**, Brussels, June 2006. Disponível em: <https://www.strategicdesignscenarios.net/emude-emerging-user-demands-for-sustainable-solutions/>. Acesso em: 3 dez. 2022.

EXPLICAR. *In*: MICHAELIS Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2023. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=explicar>. Acesso em: 4 abr. 2023.

FARINHA, L.; SEBASTIÃO, J.R., SAMPAIO, C., & LOPES, J. **Social innovation and social entrepreneurship**: discovering origins, exploring current and future trends. **Rev Public Nonprofit Mark**, [S. l], v. 17, p. 77–96. 2020. DOI <http://doi.org/10.1007/s12208-020-00243-6>. Acesso em: 10 ago. 2022.

FERNANDES, R. C. **Privado, porém público: o terceiro setor na América Latina**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

FERRAZ, F. Comuna Amarildo de Souza: sonhar, lutar e criar o Poder Popular! **Partido Comunista Brasileiro**, Florianópolis, 21 ago. 2019. Disponível em: <https://pcb.org.br/portal2/23810>. Acesso em: 2 fev. 2023.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FONTAN, Jean-Marc. Innovation sociale et société civile Québécoise. **Possibles**, [S.l], v.22, n.3-4, p.116-135.1998.

FRIDHI, B. Social entrepreneurship and social enterprise phenomenon: toward a collective approach to social innovation in Tunisia. **Journal of Innovation and Entrepreneurship**, [S. l], v. 10, n.1, p. 1-21. 2021. Disponível em: <http://doi.org/10.1186/s13731-021-00148-6>. Acesso em: 10 ago. 2022.

GABOR, Dennis. **Innovations: scientific, technological, and social**. London: Oxford University Press, 1970. p. 109.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GODIN, B. In the shadow of Schumpeter: W. Ruppert Maclaurin and the study of technological innovation. **Minerva**, [S.l], v. 46, n. 3, p. 343 - 360, 2008.

GODIN, B. How innovation got technological and commercialized. *In*: NEWFIELD, C. **Can rich countries stillinnovate**. Durham: Duke University Press, 2012.

GODIN, B. Social Innovation: utopias of innovation from c.1830 to the present. **Working Paper**, [S.l], n. 11, 2012.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr., 1995.

GRANOVETTER, M. S. The strength of weak ties. **American Journal of Sociology**, [S. l], v.78, n.6, p.1360–1380. 1973.

GRANOVETTER, M. Network Sampling: Some First Steps. **The American Journal of Sociology**, [S.l], v. 81, n. 6, p. 1287-1303, Maio 1976.

GRANOVETTER, M. The strength of weak ties: a network theory revisited. **Sociological Theory**, Hoboken, v. 1, p. 201-233, 1983. Disponível em: <https://www.cs.kent.ac.uk/people/staff/saf/share/great-missenden/reference-papers/Weak%20Ties.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2023.

GRANOVETTER, M. Economic Action and Social Structure: the problem of embeddedness. **American Journal of Sociology**, [S.l.], v. 91, n. 3, p. 481-510, 1985.

GRANOVETTER, M. The old and the new economic sociology. In: FRIEDLAND, R.; ROBERTSON, A. F. (Ed.). **Beyond the marketplace**: Aldine de Gruyter. [S.l.: s.n.], 1990.

GRANOVETTER, M. *et al.* Social networks in Silicon Valley. In: LEE, C. M. *et al.* (eds.). **The Silicon Valley Edge: A Habitat for Innovation and Entrepreneurship**. Stanford: Stanford University Press, 2000. p. 218-247.

GUYON, T.; BESANÇON, E.; GODIN, I. J. B. Les principales approches de l'innovation sociale. In: INSTITUT JEANBAPTISTE GODIN. **L'innovation sociale en pratiques solidaires**: Emergence, approches, caractérisation, définition, évaluation. Amiens, FR: Institut Jean-Baptiste Godin, 2013.

HARDY, C; PHILLIPS, N.; LAWRENCE, T.B. Resources, knowledge and influence: the organizational effects of interorganizational collaboration. **Journal of Management Studies**, [S.l.], v.40, n.2, p. 321-347. 2003.

HAXELTINE, A. *et al.* Transformative social innovation: a sustainability transitions perspective on social innovation. In: NESTA CONFERENCE SOCIAL FRONTIERS. **The Next Edge of Social Science Research**. London, UK: [s.n.], 14-15 November, 2013. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/191799102/Transformative-socialinnovations-A-sustainability-transition-perspective-on-social-innovation>. Acesso em: 08 out. 2022.

HENDERSON, Hazel. Social innovation and citizen movements. **Futures**, [S.l.], v.25, n.3, p.17-33. 1993

HILLIER, J.; MOULAERT, F.; NUSSBAUMER, J. Trois essais sur le rôle de l'innovation sociale dans le développement territorial. **Géographie, Économie, Société**, [S.l.], v. 6, n. 2, p. 129-152, 2004.

HORTA, D. M. O. **As especificidades do processo de difusão de uma inovação social**: da propagação inicial à resignificação. Tese (Doutorado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS. 2013.

INSEAD. **The Business School for the World**. [S.l.: s.n.], 2016. Disponível em: <https://isabel-project.eu/about/partners/insead-social-innovation-center/>. Acesso em: 01 de ago. 2022.

INSTITUTO Muda. **Grupo Muda**, São Paulo, [2023?]. Disponível em: <https://grupomuda.com/instituto-muda/>. Acesso em: 2 fev. 2023.

JUSTEN, G. S. *et al.* Inovação social e desenvolvimento local: uma análise de metasíntese. **Revista de Gestão Social e Ambiental**, [S.l.], v.14, n. 1, p. 56-73, 2020. Disponível em: <http://doi.org/10.24857/rgsa.v14i1.1902>. Acesso em: 10 ago. 2022.

KAMIOKA, Noriomi. La pobreza y la desigualdad en el Perú: algunas reflexiones sobre los programas sociales. 2001.

KANTER, R. M. From spare change to real change: The social sector as beta site for business innovation. **Harvard Business Review**, [S.l.], v. 77, n. 3, p. 122–132, 1999.

KATZ, Elihu. Theorizing Diffusion: Tarde and Sorokin Revisited. **Annals of the American Academy**, [S.l.], v.566, n.1, p.144-155. 1999.

LETTICE, F.; PAREKH, M. The social innovation process: themes, challenges and implications for practice. **International Journal of Technology Management**, [S.l.], v. 51, n. 1, p. 139-158. 2010.

MACHADO, R. L. A. Perguntas frequentes. **Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional**, Brasília, DF, 25 maio 2017. Disponível em: <http://www4.planalto.gov.br/consea/sobre/perguntas-frequentes>. Acesso em: 2 fev. 2023.

MAURER, A. M. **As Dimensões de Inovação Social em Empreendimentos Econômicos Solidários do Setor de Artesanato Gaúcho**. 2011. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

MIZRUCHI, M. S. Análise de redes sociais: Avanços recentes e controvérsias atuais. *In*: MARTES, A. C. B. (org.). **Redes e sociologia econômica**. São Carlos: EdUFSCar, 2009. p. 131-159.

MOULAERT, F et. al. Introduction: Social Innovation and Governance in European Cities. **Eu-ropean Urban and Regional Studies**, [S.l.], v. 14, n. 3, p.195-209. 2007.

QUEM somos. **Movimentos dos Trabalhadores Rurais sem Terra**, [s. l.], [2023?]. Disponível em: <https://mst.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 2 fev. 2023.

MULGAN, Geoff. Inovação Social. *In*: AZEVEDO, C.; FRANCO, R. C.; MENEZES, J. W. (Coords.). **Gestão de organizações sem fins lucrativos: o desafio da inovação social**. Porto: Edições Vida Económica, p.51-74. 2010.

MULGAN, G.; TUCKER, S.; SANDERS, B. **Social Innovation: What It Is, Why It Matters and How It Can Be Accelerated**. London: The Young Foundation, 2007. Disponível em: www.youngfoundation.org. Acesso em: 10 ago. 2022.

MULGAN, Geoff. The process of social innovation. **Innovations**, [S.l.], v. 1, n. 2, p. 145-162. 2006.

MUMFORD, M. D. Social innovation: ten cases from Benjamin Franklin. **Creativity Research Journal**, [S.l], v. 14, n. 2, p. 253-266, 2002.

MURRAY, R.; CAULIER-GRICE, J.; MULGAN, G. **The Open Book of Social Innovation**. London: NESTA/The Young Foundation, 2010. Disponível em: www.nesta.org.uk/publications/assets/features/the_open_book_of_social_innovation. Acesso em: 10 ago. 2022.

INICIATIVA brasileira de compostagem comunitária é premiada na Alemanha. **Nações Unidas Brasil**, Brasília, DF, 30 jan. 2019. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/82278-iniciativa-brasileira-de-compostagem-comunit%C3%A1ria-%C3%A9-premiada-na-alemanha>. Acesso em: 8 fev. 2023.

NASCIMENTO, M. Maria, Maria. Belo Horizonte: Emi-Odeon, 1978. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/milton-nascimento/47431/>>. Acesso em 18 de abril 2023.

NEUMEIER, S. Why do Social Innovations in Rural Development Matter and Should They be Considered More Seriously in Rural Development Research? **Sociologia Ruralis**, [S.l], v. 52, p. 48-69. 2012.

NOVY, A.; LEUBOLT, B. Participatory Budgeting in Porto Alegre: social innovation and the dialectical relationship of state and civil society. **Urban Studies**, [S.l], v. 42, n. 11, p. 2.023-2.036, 2005. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/00420980500279828>>. Acesso em: 01 ago. 2022.

NUSSBAUMER, J.; MOULAERT, F. L'innovation sociale au Coeur des débats publics et Scientifiques. In: KLEIN, J.-L. ; HARRISSON, D. (eds.). **L'innovation sociale: Émergence et effets sur la transformation des sociétés**, Québec : Presses de l'université du Québec, 71-88. 2002.

Observatório de Educação. Banco de soluções - EEB América Dutra Machado: segurança. 2020. Disponível em: <https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br/banco-de-solucoes/video/eeb-america-dutra-machado-seguranca>. Acesso em: 08 fev. 2023.

OITO são presos em operação no Monte Cristo, em Florianópolis. **G1 Santa Catarina**, Florianópolis, 15 fev. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2017/02/bope-faz-operacao-no-bairro-monte-cristo-em-florianopolis.html>. Acesso em: 20 dez. 2022.

OLÁ, somos AMMO e fazemos parte da Rede. APOIA.se, Florianópolis, 2023. Disponível em: <https://apoia.se/ammo>. Acesso em: 8 fev. 2023.

PATIAS, T. Z. **Inovação Social e sustentabilidade em arranjos produtivos locais de agroindústria familiar**. Tese (Doutorado Administração) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2017.

PECQUEUR, B. **Le développement local**. Paris: Syros, 2000.

PEREIRA, Marliange da Silva. **Mecanismos de Participação e Organização Comunitária: Um Estudo Na Região Chico Mendes**. 2005. Monografia (Pós-Graduação em Gestão Urbana) - Habitacional e do Desenvolvimento Social, Florianópolis, 2005.

PERES, Lino Fernando Bragança. **Crisis de un patron de desarrollo territorial y su impacto urbano habitacional en Brasil (1994-1992)** : La punta del iceberg: Los “sin-techo” en la región de Florianópolis, SC.1994. Tese (Doctorado em Urbanismo) – Facultad de Arquitectura, Universidad Nacional Autonoma de Mexico, México, 1994 .

PHILLIPS. Wendy *et al.* Social innovation and social entrepreneurship: A systematic review. **Group & Organization Management**, [S.l.], v. 40, n. 3, p. 428-461, 2015.

Planejamento Participativo. Cozinha Mãe. 2018. Power Point. Disponível em:<https://docs.google.com/presentation/d/1vhCvYrGQILsT6aS9-z96oa3clnFX_gB/edit#slide=id.p1>. Acesso em: 17 de janeiro de 2023.

PORTAL CATARINAS. A fome não espera: a força-tarefa numa periferia de Florianópolis. **Portal Catarinas**, 21 mar. 2020. Disponível em: <https://catarinas.info/a-fome-nao-espera-a-forca-tarefa-numa-periferia-de-florianopolis/>. Acesso em: 08 fev. 2023.

POWELL, W. W.; SMITH-DOERR, L. Networks and Economic Life. In: N. J. Smelser e R. Swedberg (Org.), *The Handbook of Economic Sociology*, Princeton, Princeton University Press, 1994.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS. **Projeto Bom Abrigo. Programa Habitar Brasil/BID**: Urbanização, Habitação e Desenvolvimento Comunitário da Região do Chico Mendes. v. 7, Florianópolis, 2000.

REINACH, M. H. M.; BIROCHI, R. O camaleão ao contrário: as ações políticas em torno do alimento e do consumo. *In*: BIROCHI, R.; ROVER, O.; SCHULTZ, G (orgs.). **Alimentos bons, limpos e justos da Agricultura Familiar Brasileira**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2019. p. 25-54.

REVOLUÇÃO DOS BALDINHOS. Florianópolis, 2023. Instagram: @revolucaodosbaldinhos. Disponível em: <https://www.instagram.com/revolucaodosbaldinhos/>. Acesso em: 2 jan. 2023.

RODRÍGUEZ, M. J.; GUZMÁN, C. Innovation in social economy firms. **Management Decision**, [S.l.], v. 51, n. 5, p. 986 - 998, 2013.

ROLLIN, J.; VICENT, V. **Acteurs et processus d’innovation sociale au Québec**. Québec: Université du Québec, 2007.

RQIS, Réseau. **Québécois en Innovation Sociale**. [S.l: s.n.], 2005. Disponível em: <https://www.rqis.org/le-reseau/>. Acesso em: 01 de ago. 2022.

RQIS. **Quebec Declaration on Social Innovation**. Université du Quebec: Quebec, 2011. Disponível em:

<http://www.rqis.org/wp-content/uploads/2021/11/Quebec-Declaration-on-Social-Innovation1.pdf>. Acesso em: 01 de ago. 2022.

SALDANHA, G.; BRIEN, O. S. Research methodologies in translation studies. **Routledge**, [S.l.], 2014.

SALLES, H. K. **A estrutura de organizações ambientalistas do terceiro setor e a relação com o modelo de avaliação de suas fontes financiadoras**. Dissertação (Mestrado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/86919/208172.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 4 abr. 2023.

SALLES, H. K. **Conhece-te a ti mesmo: O Discurso da Avaliação em Organizações Sem Fins Lucrativos**. Tese (Doutorado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/128712/PCAD0932-T%20%281%29.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 4 abr. 2023.

SERVA, M. O Estado e as ONGs: uma parceria complexa. **Revista de Administração Pública**. Rio de Janeiro, v. 31, n. 6, p. 41-54, 1997. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/7810>. Acesso em: 4 abr. 2023.

SCHUMPETER, J. A. **A Teoria do Desenvolvimento Econômico**. Tradução de Maria Sílvia Possas. São Paulo: Abril Cultural, 1997. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/125633/mod_resource/content/1/Os%20Economistas%20-%20Joseph%20Alois%20Schumpeter%20-%20Teoria%20Do%20Desenvolvimento%20Economico.pdf. Acesso em: 4 abr. 2023.

Sesc-SC - Mesa Brasil Sesc apoia a Revolução dos Baldinhos na inauguração da “Cozinha Mãe”. 2018. Disponível em: <https://sesc-sc.com.br/assistencia/mesa-brasil-sesc-apoia-a-revolucao-dos-baldinhos-na-inauguracao-da-cozinha-mae>. Acesso em: 4 abr. 2023.

SICI. **Social Innovation Change Initiative Center for Public Leadership**. [S.l.: s.n.], 2022. Disponível em: <https://sici.hks.harvard.edu/>. Acesso em: 01 de ago. 2022.

SLOW Food da periferia para a periferia. **Slow Food Brasil**, [s. l.], 16 nov. 2018. Disponível em: <https://slowfoodbrasil.org.br/2018/11/cozinha-mae-materializa-interacoes-da-revolucao-dos-baldinhos-na-rede-slow-food/>. Acesso em: 8 fev. 2023.

MOVIMENTO Slow Food. **Slow Food Brasil**, [s. l.], [2023?]. Disponível em: <https://slowfoodbrasil.org.br/movimento/>. Acesso em: 8 fev. 2023.

STANFORD SOCIAL INNOVATION REVIEW. 2003. Disponível em: www.ssireview.com. Acesso em: 01 ago. 2022.

STEINER, P. **A sociologia econômica**, São Paulo: Atlas, 2006.

SWEARER. **Swearer Center Community Scholarship Action**. [S.l: s.n.], 2016. Disponível em: <https://www.brown.edu/academics/college/swearer/>. Acesso em: 01 de ago. 2022.

TARDIF, C.; Harrison, D. **Complémentarité, convergence et transversalité**: la conceptualisation de l'innovation sociale au CRISES. Québec: Centre de Recherche sur les Innovations Sociales, 2005.

TAYLOR, James B. Introducing Social Innovation. **Journal of Applied Behavioral Science**, [S.l.], v. 6, n.1, p.69-77. 1970.

COZINHA Mãe - Chico Mendes. Florianópolis, [s. n.], 2018. 1 vídeo (3min). Publicado pelo canal TV Vento Sul. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xDt8pi6ndpg>. Acesso em: 28 dez. 2022.

VAN DER HAVE, Robert P.; RUBALCABA, Luis. Social innovation research: An emerging area of innovation studies?. **Research Policy**, [S.l.], v. 45, n. 9, p. 1923-1935. 2016.

VENUTO, Rafael. A questão agrária na imprensa catarinense durante o governo Juscelino Kubitschek (1956-1961). 2016. 35 f. Pré-projeto de TCC (Graduação em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/165064/Pr%C3%A9_Projeto%20TCC_Rafael%20Venuto_Hemeroteca.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 15 jan. 2023.

VERGARA, S. C. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração**. São Paulo: Atlas, 1998.

VOLTOLINI, R. **Terceiro Setor: planejamento e gestão**. São Paulo: Senac São Paulo, 2004.

WASSERMAN, S.; FAUST, K. **Social Network Analysis: Methods and Applications** (Structural Analysis in the Social Sciences Book 8). Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

WESTLEY, Frances *et al.* Five configurations for scaling up social innovation: Case examples of nonprofit organizations from Canada. **The Journal of Applied Behavioral Science**, [S.l.], v. 50, n. 3, p. 234-260. 2014.

WESTLEY, F.; PATTON, M. Q.; ZIMMERMAN, B. Getting to Maybe: How the World is Changed. **Zentrum fur sociale innovation**, Toronto, CA. 2006. Disponível em: https://www.zsi.at/en/about_us/mission_statement_and_vision. Acesso em: 02 jun. 2022.

Wittmayer, J.M., Pel, B., Bauler, T. & F. Avelino (2017) **Editorial Synthesis: Methodological challenges in social innovation research.**

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** 5 ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

APÊNDICES

Apêndice I - Contextualização dos atores sociais mais proeminentes na história da Cozinha Mãe

Como já realizado no quadro 15, uma breve contextualização de cada ator social, assim como as atividades desempenhadas na Cozinha Mãe, nos parágrafos seguintes será explorado com maior riqueza de detalhes seus contextos históricos e de atuação. São treze os atores sociais mapeados: Comuna Amarildo de Souza, Movimento Slow Food, CONSEA, Movimento Sem Terra, Instituto Muda, Fort Atacadista, Dina, William, Vera, Stela, Raquel, Karla e Jaqueline.

1) Comuna Amarildo de Souza

A Comuna Amarildo de Souza, muito conhecida por Comuna Amarildo, formou-se no dia 16 de dezembro de 2013, quando um grupo de aproximadamente oitenta famílias, do bairro Serrinha, em Florianópolis, com o apoio do MST, ocupou um terreno próximo a SC-401. Diversas lutas pela posse da terra foram travadas até o grupo receber do Instituto de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) um terreno de 140 hectares em Águas Mornas, onde puderam se estabelecer e desenvolver suas atividades (Venuto, 2016).

Dentre as principais instituições que compõem a rede de apoio da Comuna estão o CEPAGRO, que também apoia a Comunidade Tekoá V'ya, a Rede Ecovida de Agroecologia e o Movimento Sem Terra (A LUTA pela soberania indígena, [2023?]).

Fábio Ferraz, assentado da Reforma Agrária na Comuna Amarildo e integrante do Partido Comunista Brasileiro, trouxe no *blog* do partido que a Comuna acredita em um outro modelo de reforma agrária para o Brasil e possui como princípio o uso coletivo da terra e a produção agroecológica, através da comercialização de cestas com alimentos agroecológicos (FERRAZ, 2019).

2) Movimento Slow Food (MSF)

O Movimento Slow Food, mobilização de cunho social, econômico e político, iniciou sua atuação em 1975, como um movimento gastronômico italiano, que possuía o objetivo de expulsar a rede de *fast food* McDonald 's da Piazza de Spagna. O surgimento do MSF aconteceu no mesmo período de tempo em que outros movimentos ecológicos ganharam destaque com a bandeira da politização do consumo. Nos dias atuais, constitui-se como uma

rede internacional presente em mais de 160 países com mais de 100.000 membros (Reinach e Birochi, 2019).

Dessa forma, o movimento caracteriza-se como uma rede global, de pessoas e organizações, que atuam na preservação da agrobiodiversidade, com a missão de promover alimento bom, limpo e justo para a sociedade. De forma mais explicativa, o significado do "bom" permeia a ideia de um produto de alta qualidade variando promovendo o prazer do gosto de acordo com cada cultura. O conceito do "limpo" relaciona-se com o respeito à natureza a partir de princípios de produção orgânica, agroecológica e de bem-estar animal e humano. Já pelo significado do "justo", entendeu-se uma forma justa de relação produção e consumo, distanciando-se dos parâmetros convencionais do mercado de oferta e demanda na definição dos preços (BIROCHI; ROVER; SCHULTZ, 2019).

Assim, ainda de acordo com os autores, esta abordagem dos “alimentos bons, limpos e justos” do Movimento Slow Food possui como base a centralidade do alimento como condição biológica para a sobrevivência humana. A crítica concentra-se na atual comoditização, ou seja, transformação do alimento em mercadoria, sem focar nos cuidados ambientais por trás da produção do alimento. Algumas das principais estratégias de conscientização do consumo pelo Slow Food são: as práticas da "educação do gosto", a preservação de alimentos em vias de extinção (Arca do Gosto), fortalecimento e valorização dos produtos provenientes das redes produtivas agroalimentares (Fortalezas), e por fim, o vínculo entre chefs renomados e agricultores familiares (Aliança de Cozinheiros).

Para trazer uma explicação mais elaborada sobre a Educação do Gosto, a partir de informações do site do MSF, uma vez que o tema é muito abordado pela líder comunitária em suas explicações sobre as atividades e propósito da Cozinha Mãe, encontra-se a explicação que o termo refere-se a uma abordagem multidisciplinar do Slow Food para promover o desenvolvimento de habilidades sensoriais e a importância do prazer em relação ao consumo do alimento, valorizando os fatores regionais, ecológicos e culturais da comida. Também pode ser caracterizado como uma resistência à padronização do paladar.

Reinach e Birochi (2019) complementam que o MSF, ao longo dos anos, vem realizando também projetos em países na periferia do capitalismo, como é o caso da Revolução dos Baldinhos no Brasil. Logo, a inserção do Movimento Slow Food no Brasil, como aconteceu na comunidade Chico Mendes, ocorreu em razão do MSF ter ganhado destaque mundial e de também concentrar como foco de suas atividades em locais periféricos.

É importante destacar que, além do foco atribuído ao alimento, o Movimento também possui projetos que têm como fim promover a dignidade dos trabalhadores e o respeito à

natureza exaltando as diferentes culturas, as inovações sociais e a diversidade (MOVIMENTO SLOW FOOD, [2023?]).

3) CONSEA

O Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, CONSEA, é caracterizado como um espaço onde a sociedade civil se articula com o governo federal a fim de debater, formular, executar, monitorar e avaliar o andamento de políticas públicas referentes à segurança alimentar e nutricional. O CONSEA nacional é um órgão de assessoramento vinculado à presidência da República (MACHADO, 2017).

Já o CONSEA estadual, presente no estado de Santa Catarina, local onde se desenvolve a presente pesquisa, possui o mesmo grande objetivo do nacional, no entanto voltado a SC. Assim, dentre seus grandes propósitos de atuação estão a elaboração e articulação de planos de ações capazes de executar políticas estaduais de segurança alimentar e nutricional em parceria com a Secretaria do Estado do Desenvolvimento Social, Trabalho e Renda de Santa Catarina (MACHADO, 2017).

A articulação da Cozinha Mãe, tanto com o CONSEA nacional quanto estadual, ocorreu no período da pandemia, perdurando até os dias atuais, referente aos esforços na busca de recursos para promover a doação de alimentos e refeições às famílias carentes.

4) Movimento Sem Terra (MST)

O Movimento Sem Terra, MST, está presente em 24 estados do Brasil, totalizando aproximadamente 450 mil famílias que tiveram seus direitos de acesso à terra conquistados por meio da mobilização no movimento. Uma de suas bandeiras é a Reforma Agrária Popular que possui como um de seus objetivos a produção de alimentos saudáveis, sem agrotóxicos, sem modificação genética, ou seja, livre de transgênicos para toda a população brasileira atingindo o princípio da soberania alimentar (MST, 2023).

Esse mesmo princípio da soberania alimentar do MST pauta as ações da Cozinha Mãe que tem como objetivo promover o acesso ao alimento às famílias em situação de vulnerabilidade. Com a chegada da pandemia no Brasil e o início das atividades de doação de cestas básicas e refeições pela Cozinha Mãe, o Movimento Sem Terra passou a apoiar as atividades da Cozinha.

Com o lema "Cultivando Solidariedade Sem Terra", desde o início da pandemia, o MST coloca em prática ações de combate à fome e à insegurança alimentar com o apoio a

diversas Cozinhas Solidárias espalhadas pelo Brasil. Foram mais de sete toneladas de alimentos doados e mais de dez mil cestas básicas (MST, 2023).

5) Instituto Muda

O Instituto Muda é um negócio social que existe desde 2009 e possui o objetivo de promover práticas sustentáveis, através da gestão de resíduos e educação ambiental de moradores e funcionários, em condomínios residenciais através da execução de coleta seletiva de recicláveis em prédios da cidade de São Paulo. Esse material coletado é destinado à cooperativas de recicláveis de baixa renda sendo encaminhado, apenas em 2021, mais de 350 toneladas de resíduos (Instituto Muda, 2023).

Além do impacto ambiental, o Instituto também gera grande impacto social, através da destinação dos resíduos às cooperativas parceiras, trazendo uma vida mais digna e segura à centenas de famílias. Assim, o Instituto se caracteriza como referência em Gestão Ambiental e líderes em sustentabilidade no Brasil (Instituto Muda, 2023).

Visto a convergência de valores do Instituto com as ações praticadas pela Revolução dos Baldinhos, o Instituto Muda, através da grande visibilidade da associação, ficou sabendo de suas atividades e investiu nos projetos da Cozinha Mãe.

6) Fort Atacadista

A Rúbia, gerente do Fort Atacadista na época do decreto da pandemia de Covid no Brasil, foi um ator social importante para viabilizar a compra de cestas básicas e alimentos com desconto, através do dinheiro arrecadada de doações, no atacadista. Depois de efetivar diversas compras no local, acabou se efetivando um vínculo entre a Cíntia e a gerente do supermercado.

7) Dina

A Dina, moradora da comunidade Chico Mendes, possui relacionamento antigo com a Revolução dos Baldinhos, com a chegada da pandemia e a intensificação das atividades na Cozinha Mãe, manteve seu apoio nas demandas que surgiam. Segundo a Vera, "a dona Dina ali também trabalhou com nós, a dona Dina também trabalhou algumas vezes na cozinha com nós".

8) William

O William não é morador da comunidade, segundo a Cíntia, ele conheceu a Revolução dos Baldinhos e a Cozinha Mãe através do movimento social: "O William veio atrás do movimento social." Ainda segundo a líder comunitária, nos três anos que o William apoiou as atividades da Cozinha Mãe, estava sempre disponível para ajudar nas situações.

9) Vera

A Vera é moradora da comunidade, e segundo o relato da Cíntia, ela chegou até as atividades da Cozinha Mãe com depressão e encontrou propósito para a vida com os trabalhos desenvolvidos no espaço.

10) Stela

A Stela também é moradora da comunidade, e segundo a Cíntia, "*a Vera, a Stela da cozinha, são as mais antigas*". Segundo a dona Vera, as meninas se dividiram em dias da semana nas atividades da Cozinha Mãe: "e na quarta-feira era a Débora e a sogra dela, a Sté. Elas duas eram na quarta".

11) Raquel

Raquel apoiava as atividades da Cozinha Mãe através de doações de recursos próprios e mobilização de recursos com conhecidos com o objetivo de fortalecer as atividades desenvolvidas na Cozinha Solidária. Conheceu a iniciativa de inovação social através de sua filha, a professora Helena.

12) Karla

A Karla, diretora da Escola de Educação Básica América Dutra Machado, também foi uma das pioneiras na busca de doações, em conjunto com a Cíntia, para as famílias em situação de vulnerabilidade no bairro em que fica localizado o centro de ensino.

Cíntia aborda que para a ação de assistencialismo durante a pandemia ocorrer, foi necessária a busca de pessoas dispostas a contribuir e auxiliar: "Como a gente iniciou o processo e foi uma ação minha, dela (Jaqueline) e da procura da Karla, a gente conseguiu

impactar, e a gente provocou, a gente fez a provocação para essas outras pessoas a trazerem elas, fazerem elas vir, a trazer, a contribuir, a ajudar".

Além da atuação direta da Karla na causa do combate à fome acarretado pela pandemia, a diretora da escola também promove práticas destinadas à proteger os alunos da violência existente no território, conforme exibido no vídeo do Observatório de Educação do Instituto Unibanco (2020):

Olá, meu nome é Karla Parmigiani Pereira, estou diretora da escola América Dutra Machado, que fica localizada no bairro Monte Cristo, na cidade de Florianópolis em Santa Catarina. A escola fica localizada no bairro Monte Cristo, só que ela tá em torno de algumas comunidades que tem algum envolvimento com o tráfico e algumas violência, né? Antes havia o medo e por muito pouco se fechava a escola. E ao fechar a escola ou ao não abrir, às vezes a gente abria e mandava as crianças embora. E se mandasse as crianças embora a gente acabava colocando eles na rua e ali sim eles vão correr risco.

A solução encontrada pela gestora da instituição, também exibido no vídeo do Observatório de Educação do Instituto Unibanco (2020), foi de manter a instituição de ensino aberta, mesmo em momentos de confronto, visando garantir a segurança dos estudantes atrás dos muros da escola:

Senti que o meu papel era manter a escola aberta, porque é raro uma noite que não tenha tiroteio ou um dia que amanhece e tem um tiroteio porque a realidade da comunidade é essa, senão a escola vai fechar, vai viver fechada. O fato de a gente não suspender as aulas em hipótese alguma, a não ser em casos que a gente realmente não possa garantir a segurança por haver ameaça, coisa que nunca houve, a gente mantendo a escola aberta a gente consegue garantir a paz dentro da escola e evitar esse confronto ali dentro. Ali dentro eles entendem que são todos da escola. A gente entende que uma escola aberta ali dentro é a única possibilidade de escolha de uma vida diferente.

13) Jaqueline

A Jaqueline também foi uma das pioneiras, em conjunto com a Cíntia, no início da pandemia, na articulação pela busca de doações, cestas básicas e preparo de refeições no espaço da Cozinha Mãe, uma vez que, segundo a líder comunitária, "em 2020, na pandemia, a gente recebeu a demanda do colégio. A escola tava sendo muito procurada pelos pais, e daí a gente ficou naquela, né?".

Uma breve biografia da Jaqueline foi retirada do *site* de financiamento coletivo Apoia.se:

Meu nome é Jaqueline Ribeiro, mãe de cinco filhos, casada com o Chico, presidenta da Associação de Mulheres do Monte Cristo - AMMO e líder comunitária da favela Novo Horizonte, complexo do Monte Cristo. No ano de 2018 fui voluntária da

escola Estadual América Dutra Machado, onde meus filhos estudam. Na ocasião, ministrava aulas de teatro para crianças e adolescentes, período que constatei o abismo existente entre família x escola e, por falta de políticas públicas, o alto índice de evasão escolar e gravidez na adolescência.

No mesmo endereço eletrônico, Jaqueline conta sobre sua atuação no enfrentamento à pandemia no Monte Cristo: "Com a chegada da pandemia, mais mulheres se uniram a mim para criarmos estratégias de operações de combate à fome e ao Covid-19 arrecadando e distribuindo cestas básicas, cartões alimentação e máscaras reutilizáveis".

Apêndice II - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido estruturado conforme normas do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSC.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SÓCIO-ECONÔMICO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaria de convidá-lo (a) a participar da pesquisa intitulada "O EFEITO DOS LAÇOS FRACOS NA INOVAÇÃO SOCIAL: UM ESTUDO DE CASO EM UM MOVIMENTO SOCIAL NA CIDADE DE FLORIANÓPOLIS" elaborada e sob responsabilidade da aluna de mestrado Marcela Silva Adam, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade de Federal de Santa Catarina, sob orientação da Profa. Dra. Helena Kuerten de Salles.

Este trabalho visa analisar, a partir da percepção narrada pelos entrevistados, o efeito dos laços fracos na inovação social a partir do caso da Revolução dos Baldinhos. Para atingir esse objetivo, será realizada de uma até duas entrevistas com você, de forma individual, com duração de até uma hora e meia. O local de encontro será em algum espaço da Grande Florianópolis, de forma presencial, para captar sua percepção e experiência no caso de estudo. O tipo de entrevista será semiestruturada, bastante comum no estudo de caso, em que o pesquisador não precisa se limitar às perguntas escritas no questionário aceitando uma grande flexibilidade na criação de novos questionamentos. Para complementar a coleta de dados das entrevistas, serão utilizadas também fontes de dados secundárias, como trabalhos acadêmicos, notícias, reportagens, fotos e vídeos, todos esses documentos extraídos da internet.

Gostaria de solicitar seu consentimento para a realização da(s) entrevista(s), bem como a gravação e a transcrição das informações fornecidas. A(s) entrevista(s) acontecerá(ão) no horário, local e data indicados pelo entrevistado. Depois da transcrição do conteúdo da(s) entrevista(s), esse material será apresentado ao participante que poderá excluir trechos da transcrição que considerar não publicáveis. O entrevistado poderá também solicitar a

proibição parcial ou total da divulgação do material coletado na(s) entrevista(s) levando a não incorporação desses resultados à pesquisa.

Ressalto que a pesquisadora responsável será a única a ter acesso às informações das entrevistas e tomará todas as providências para assegurar o sigilo, no entanto existe a possibilidade, ainda que remota, da quebra de sigilo ou vazamento das informações confidenciais da pesquisa de forma involuntária e não intencional. As consequências na vida pessoal e profissional dos entrevistados com o acontecimento dessa situação são mínimas, visto que a pesquisa não possui como objetivo coletar informações que gerem qualquer tipo de periculosidade ou risco aos indivíduos com seu vazamento. Independente da proporção do dano causado ao entrevistado, as consequências serão tratadas nos termos da lei.

Com base na legislação utilizada como base nessa pesquisa, deve-se esclarecer que esse estudo envolve um grau de risco mínimo aos entrevistados, pois não possui questões que possam desrespeitar sua intimidade, honra ou imagem. O único risco ou desconforto que pode acontecer é a fadiga durante a realização da(s) entrevista(s) podendo o participante, a qualquer momento, solicitar uma pausa ou interrompimento da(s) entrevista(s). O único tipo de constrangimento que pode ocorrer ao entrevistado é relacionado à incapacidade de responder alguma pergunta realizada pela pesquisadora, logo, ressalta-se novamente, que a pessoa não possui nenhum tipo de obrigatoriedade em responder todas as questões. Alerta-se ao entrevistado, que a(s) entrevista(s) pode evocar em memórias e mobilizar sentimentos nem sempre agradáveis aos participantes.

Logo, destaca-se que a participação do entrevistado é voluntária e não obrigatória, sendo o participante não obrigado a responder todas as perguntas e pode se retirar do estudo no momento em que desejar sem o acontecimento de nenhum tipo de prejuízo pessoal ou institucional. Inclusive, o entrevistado possui a garantia de que tem total liberdade em recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma (item IV.3.d da res. 466/12 e art. 17o., inc. III da res. 510/16).

Dentre os benefícios aos entrevistados está a contribuição na construção do conhecimento para a Revolução dos Baldinhos e para a área de conhecimento da gestão.

Disponibilizamos assistência ao entrevistado, em qualquer etapa do estudo, para esclarecimento de dúvidas através dos seguintes contatos da pesquisadora responsável: e-mail silva.marcela121@gmail.com, telefone celular (48) 99152-3573 ou no endereço rua Eng. Agrônomo Andrei Cristian Ferreira - Trindade, Florianópolis (SC), CEP 88040-900, Bloco C – 2º andar – Sala 227. Você também poderá contactar ou ir até ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (CEPSH/UFSC) no

Prédio Reitoria II, rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 701, Trindade, Florianópolis/SC, CEP 88.040-400, ou pelo e-mail: cep.propesq@contato.ufsc.br, ou ainda pelo número: + 55 (48) 3721-6094.

Pagamentos em virtude da participação na(s) entrevista(s) não são permitidos conforme a legislação brasileira, apenas o ressarcimento da pesquisadora responsável pelos possíveis custos que o participante e seu(s) acompanhante(s) terão para comparecer a entrevista, como gastos com transporte e/ou alimentação. Caso ocorram danos decorrentes da pesquisa ao entrevistado, você poderá solicitar indenização de acordo com a legislação.

Também está garantido ao entrevistado a manutenção do anonimato e da privacidade durante todas as fases da pesquisa, assim como o acesso aos resultados parciais ou finais da pesquisa de forma individual e/ou coletiva.

A pesquisadora responsável também irá assinar esse documento, comprometendo-se a fazer uma condução de pesquisa de acordo com todas as especificações da Resolução 466/2012 de 12/06/2012 que preconiza o respeito pela dignidade humana e a proteção aos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos.

Logo, solicita-se a você a assinatura e rubrica das duas vias desse documento, que possui ao todo três páginas, já assinadas pela pesquisadora responsável. É importante guardar com cuidado esse documento, pois ele traz informações de contato e assegura seus direitos como participante da pesquisa.

Eu, _____, RG _____, concordo em participar da pesquisa, declaro que li esse documento (ou outra pessoa de confiança leu para mim) e obtive todas as informações que considerei necessárias para me sentir esclarecido em minha participação e sentir livre e espontânea vontade em participar do estudo.

Eu, () Concordo ou () Não concordo com a gravação da(s) entrevista(s).

Florianópolis, ____ de _____ de _____

Assinatura do(a) participante

Assinatura da pesquisadora responsável (Marcela Silva Adam)

APÊNDICE III - Roteiro da primeira entrevista semiestruturada com a Cíntia

Este roteiro de entrevista possui caráter estritamente acadêmico. Os dados coletados serão tratados cientificamente com o objetivo de conclusão da dissertação da mestranda Marcela Silva Adam.

Apresentação realizada pela pesquisadora:

Muito obrigada por aceitar participar dessa conversa. Eu gostaria de realizar algumas perguntas para entender a sua percepção enquanto atual/ex colaborador(a) da Revolução dos Baldinhos. Não existe nenhuma pergunta nessa entrevista que possa gerar qualquer tipo de constrangimento, mas se você não se sentir confortável, não possui a obrigatoriedade de responder as questões. Essas perguntas foram formuladas com o objetivo de conhecer o contexto de alguns momentos vivenciados pela Revolução dos Baldinhos para entender como aconteceu a articulação dos atores sociais na inovação social.

I) IDENTIFICAÇÃO DO RESPONDENTE

- Data:
- Nome:
- Idade:
- Período em que atuou na RB:
- Atividades que desempenhava na RB:
- É morador(a) do Monte Cristo?

II) RECONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DA RB IDENTIFICANDO SITUAÇÕES DE ENFRENTAMENTO COMUNITÁRIO

- Eu gostaria de resgatar alguns momentos da história da Revolução dos Baldinhos e pedir para você me contar situações/desafios que você lembra que a RB vivenciou ao longo dos anos e quais foram as ações tomadas no enfrentamento dessas situações.

Um exemplo que pode ajudar a entender melhor que tipo de situação que eu estou buscando: o surgimento da RB quando a comunidade teve que enfrentar um surto de ratos e proliferação de doenças em razão do lixo espalhado nas ruas, esse foi o desafio, e o meio de enfrentar a situação encontrado foi através do armazenamento dos resíduos em baldes e a posterior compostagem desse material orgânico, essa foi a saída encontrada.

Então, quero resgatar outros desafios/acontecimentos que também demandaram uma mobilização da RB para enfrentar a situação.

III) IDENTIFICAÇÃO DOS ATORES SOCIAIS PRESENTES NA SITUAÇÃO MAPEADA

- Quem eram as pessoas presentes nessa mobilização para enfrentar a situação?
- Explique brevemente o trabalho/a atuação dessa pessoa com na RB?
- Considerando essa situação abordada, gostaria de pedir a indicação de outras pessoas da RB para eu conversar. Pode ser um colaborador ou um voluntário bastante atuante que estava presente na situação mapeada.

APÊNDICE IV - Roteiro do questionário aplicado com a Cíntia

Este roteiro de entrevista possui caráter estritamente acadêmico. Os dados coletados serão tratados cientificamente com o objetivo de conclusão da dissertação da mestranda Marcela Silva Adam.

Os atores sociais encontrados para esta etapa da pesquisa foram: Cíntia, Jaqueline, Slow Food, Karla, Slow Food, Stela, Vera, Comuna Amarildo, ICOM, Débora, Dina, Gabriel, Raquel, Mateus, NSC, Instituto Muda, Cepagro, William, Rúbia, MST, CONSEA.

Esse questionário, impresso, foi preenchido pela Cíntia para cada um dos atores mapeados acima.

1 - O ator social vivenciava em seu dia-a-dia a situação que a Cozinha Mãe se propôs a solucionar?

- Sim, vivia na pele o problema, passava fome ou grandes dificuldades financeiras
- Sim, vivia na pele, mas não passava fome, apenas morava na comunidade
- Não vivia o problema, mas conhecia algumas pessoas que viviam
- Não, não sentia o problema em seu dia-a-dia

2 - O ator social propunha soluções para os problemas da Cozinha Mãe e encabeçava as atividades?

- A pessoa/instituição era capaz de identificar os problemas cotidianos na Cozinha;
- A pessoa/instituição não era capaz de identificar os problemas cotidianos na Cozinha;

3 - Qual era a frequência de ida do ator social à Cozinha Mãe?

- Mais que uma vez por semana
- Menos que uma vez por semana e mais de uma vez por mês
- Menos de uma vez por mês
- Apenas uma ou duas vezes ao ano

4 - Há quanto tempo o ator social participa/participou das atividades da Cozinha Mãe?

- Mais de um ano
- De 6 meses até 1 ano
- De 3 meses até 6 meses
- Menos de 3 meses

5 - Você sentia que poderia contar com o ator social em qualquer situação da Cozinha Mãe?

- Sempre tinha disponibilidade para auxiliar em qualquer situação
- Eventualmente auxiliava nas situações necessárias

6 - Que tipo de recurso a parceria com o ator social fornecia à Cozinha Mãe?

- Ajudava essencialmente na doação do seu tempo nas atividades cotidianas
- Ajudava essencialmente na mobilização de recursos materiais e financeiros

7 - Se não fosse o ator social, você acha que a Cozinha teria acesso a esses mesmos recursos/informações?

- Certamente sim
- Provavelmente sim
- Provavelmente não
- Certamente não

8 - Considerando as contribuições proporcionadas pelo ator social à Cozinha Mãe, você diria que os impactos gerados por essa parceria foram:

- Muito importante
- Importante
- Pouco importante
- Sem importância

APÊNDICE V - Roteiro da entrevista semiestruturada realizada com a Dina e William

Este roteiro de entrevista possui caráter estritamente acadêmico. Os dados coletados serão tratados cientificamente com o objetivo de conclusão da dissertação da mestranda Marcela Silva Adam.

Apresentação realizada pela pesquisadora:

Muito obrigada por aceitar participar dessa conversa. Eu gostaria de realizar algumas perguntas para entender a sua percepção enquanto atual/ex colaborador(a) da Revolução dos Baldinhos. Não existe nenhuma pergunta nessa entrevista que possa gerar qualquer tipo de constrangimento, mas se você não se sentir confortável, não possui a obrigatoriedade de responder as questões. Essas perguntas foram formuladas com o objetivo de conhecer o contexto de alguns momentos vivenciados pela Revolução dos Baldinhos para entender como aconteceu a articulação dos atores sociais na inovação social.

I) IDENTIFICAÇÃO DO RESPONDENTE

- Data:
- Nome:
- Idade:
- Período em que atuou na RB:
- Atividades que desempenhava na RB:
- É morador(a) do Monte Cristo?

II) IDENTIFICAÇÃO DOS ATORES SOCIAIS PRESENTES NA SITUAÇÃO MAPEADA COM A CÍNTIA

- Quais eram as pessoas presentes nessa mobilização para enfrentar a situação da fome ocasionada pela pandemia na comunidade?

- Explica brevemente para mim o trabalho/a atuação dessa pessoa com na RB?
- Gostaria de pedir a indicação de outras pessoas da RB para conversar. Pode ser um colaborador ou um voluntário bastante atuante que estava presente na situação mapeada.